VANGA – A PAGA PELO DOM

A. V. NESTEROVA

VANGA

VANGA – A PAGA PELO DOM

A. V. Nesterova

Vanga. A paga pelo dom / A. V. Nesterova. — Moscovo

O livro apresenta vários tipos de testes que o ajudarão a analisar as relações com as pessoas que o rodeiam, a compreender o seu próprio caráter, a avaliar o estado de saúde e a conhecer-se a si mesmo.

© A. V. Nesterova, 2009

INTRODUÇÃO

Nos nossos dias, é difícil encontrar alguém que não conheça ou, pelo menos, nunca tenha ouvido falar da vidente e curandeira búlgara Vanga. Esta mulher faleceu em 1996, com 84 anos, vítima de cancro, num hospital para onde a levaram os familiares. Recusou tratamento, declarando que já tinha trabalhado o suficiente e que agora queria paz. Durante muitos anos, Vanga recebia diariamente até mais de 100 pessoas, fazendo apenas uma pequena pausa de 1,5 horas por dia, escutando todos os que desejavam obter ajuda ou conselho.

Dizia que o seu dia de trabalho era o mais longo do mundo, pois por vezes só lhe restavam 4 a 5 horas de sono por noite. Vinham ter com ela de países muito diferentes, pessoas comuns, celebridades e até políticos e altos funcionários. A alguns Vanga recebia, a outros expulsava — isso também acontecia. Mas cada ação sua tinha necessariamente uma explicação. Quem se encontrasse com Vanga pelo menos uma vez compreendia que ela possuía realmente um dom extraordinário.

Alguns chamavam-lhe santa, mas ela própria dizia que não era santa, e sim mártir. Aos 12 anos ficou cega. Devido à pobreza e à difícil situação material da família, não foi possível realizar um bom tratamento, e a cegueira permaneceu para toda a vida. A ela, cega, coube, após a morte do pai, criar os irmãos e a irmã mais novos. Mais tarde, quando os mais novos cresceram, casou-se e entrou numa família onde também havia cinco crianças pequenas.

Apesar da sua deficiência, lidava perfeitamente com as tarefas domésticas, sabia tricotar, educava os filhos adotivos e ajudava as pessoas que vinham ter com ela em busca de auxílio, pois o seu dom

manifestara-se ainda na juventude. Nem todo o cego conseguiria lidar com a depressão e o complexo de inferioridade, mas Vanga não só superou as próprias dificuldades como, sem poupar-se, ajudava todos os necessitados. Só por isso já merece ser chamada santa.

Para a mulher contemporânea, mesmo vivendo sem grande abundância, é provavelmente difícil imaginar tal abnegação. Nem todas conseguem amar tão sincera e desinteressadamente os seus entes queridos, quanto mais estranhos. Mas Vanga considerava que todas as pessoas formam um todo, que somos todos um e devemos dirigir os pensamentos para o bem, amar e ajudar-nos uns aos outros.

Talvez o seu maior mérito seja mostrar às pessoas que a felicidade consiste em viver para os outros. «Ninguém é culpado pelo sofrimento humano além das próprias pessoas. Movem-se pouco, comem muito, bebem, discutem e brigam até com os mais próximos e depois espantam-se com as suas desgraças e infortúnios. Não basta não fazer o mal, nem sequer se pode pensar mal, pois o pensamento é material», dizia Vanga.

CAPÍTULO 1

BIOGRAFIA DE VANGA — DOM OU MALDIÇÃO

O nome verdadeiro de Vanga era Vangelia Pandeva Gushterova. Vanga era uma variante carinhosa do seu nome completo; mais tarde, os familiares e parentes chamavam-lhe afetuosamente tia Vanga. Nasceu prematura, de sete meses, com defeitos: lóbulos das orelhas colados à cabeça e dois dedos fundidos numa mão e num pé. A criança era tão fraca que os pais temiam seriamente pela sua vida. Procuravam mantê-la sempre aquecida: envolviam-na em estômago de boi e lã de ovelha não lavada, colocando-a perto do fogão.

Os pais não se apressaram a dar-lhe um nome, considerando que era preciso esperar pelo dia do «nascimento correto». Quando esse dia chegou e a criança já estava bastante fortalecida (o que aconteceu dois meses depois), deram-lhe o nome de acordo com a antiga tradição macedónia, perguntando o nome à primeira pessoa que encontraram. O transeunte disse «Vangelia» (do grego «evangelho», que significa «a que traz boas novas» ou «boa nova»).

Segundo testemunhos dos familiares de Vanga, o seu verdadeiro dia de nascimento não era 31 de janeiro, mas 3 de outubro de 1911. Nasceu na cidade de Strumica, na Jugoslávia, numa família de pequeno proprietário rural. Quando Vangelia tinha 3 anos, a mãe morreu durante um parto. Depois começou a Primeira Guerra Mundial e o pai, Pande Surchev, foi mobilizado para o exército búlgaro.

Vanga tinha apenas 4 anos. Após o fim da guerra, o pai regressou a casa e casou-se pela segunda vez. Durante algum tempo, a família viveu bastante feliz, mas, infelizmente, as novas autoridades confiscaram o terreno que pertencia ao pai de Vanga e a família caiu na miséria. Pande teve de tornar-se pastor para, de algum modo, sustentar a família, mas isso não os salvou da pobreza durante longos anos. O pai ocupava-se do gado e Vanga transportava odres com leite.

O pai preocupava-se sempre muito com a filha, pois ela era muito magra, mas extremamente ativa. Nunca desanimava e inventava constantemente brincadeiras e jogos para si e para os amigos. Por exemplo, ainda criança gostava de brincar aos «médicos», prescrevendo ervas aos amigos e aconselhando-os sobre como se tratar. Vanga também gostava, na infância, de brincar aos «cegos», embora na altura ainda tivesse belos olhos grandes e azuis. Parecia pressentir o seu destino. A brincadeira consistia em esconder objetos e depois procurá-los de olhos fechados ou vendados — às cegas.

«O homem é aquilo por que se considera. Se conseguir mudar os seus pensamentos para o bem, tudo na sua vida mudará» (Vanga)

Alguns acreditam que foi precisamente esta brincadeira que permitiu desenvolver o dom que mais tarde se manifestou plenamente em Vanga.

Quando Vanga tinha 12 anos, passeava com amigos perto da aldeia. O tempo estava nublado. De repente, as crianças viram no céu uma nuvem estranha e pensaram que ia haver tempestade. Mas, em vez de tempestade, começou um furacão; soprou um vento forte que arrancava folhas das árvores, quebrava ramos, levantava nuvens de pó e formava redemoinhos que se aproximavam rapidamente das crianças. Muitos conseguiram fugir, mas Vanga foi apanhada pelo tornado. Ela

própria recordava que, nesse momento, sentiu como se umas mãos lhe envolvessem a cabeça, mas logo perdeu os sentidos.

Familiares e vizinhos procuraram Vanga durante muito tempo e acabaram por encontrá-la num campo, coberta de pedras e ramos. Ao recuperar os sentidos, sentiu uma forte dor de cabeça e nos olhos cheios de pó. Levaram a menina para casa e, tentando aliviar o sofrimento, lavaram-lhe os olhos, mas isso não ajudou. Nessa mesma noite, os olhos da criança inflamaram-se, encheram-se de sangue e depois a íris ficou branca. Levaram então Vanga a um médico, que disse que era necessária uma operação urgente.

Fizeram duas operações, mas também não ajudaram. Os olhos continuavam a doer, a visão deteriorava-se rapidamente até Vanga ficar completamente cega. Infelizmente, os médicos locais não conseguiam lidar com um caso tão complicado e os pais de Vanga não tinham dinheiro para uma viagem a oculistas da capital. Ela sofreu muito, caiu em desespero e pediu a Deus um milagre, mas o milagre não aconteceu. Na altura, Vanga não imaginava que Deus lhe daria uma nova visão.

«O homem deve amar-se a si próprio e tudo o que o rodeia. Nos nossos tempos difíceis, isso é o mais necessário. E deve ainda ser grato a Deus pela ajuda na hora difícil, pela sabedoria de que deve os seus sucessos» (Vanga).

Pouco a pouco, reconciliou-se com a cegueira e nisso ajudou-a o seu carácter alegre e otimista, a capacidade de superar as tristezas e seguir em frente na vida, sem deixar espaço ao desânimo e ao desespero. Vanga aprendeu a orientar-se sem os olhos e em breve já conseguia realizar tarefas simples.

Em 1925, o pai enviou Vanga para uma casa para cegos na cidade de Zemun. Aqui, Vanga aprendeu o braille, tocar piano, tricotar, cozinhar, arrumar a casa, etc. Mais tarde, todas estas competências foram-lhe muito úteis e com o tricô até ganhava algum dinheiro. Além disso, aprendeu várias línguas.

Na casa para cegos, Vanga conheceu o seu primeiro amor — Dimitar, de uma aldeia chamada Gioto, que também era pupilo da instituição. Ela gostava muito dele e ele dela. O romance foi, claro, inocente e puro. Um dia, o jovem pediu Vanga em casamento. Vanga

estava feliz e, naturalmente, aceitou. Os jovens já sonhavam com o casamento e, se não fosse uma nova circunstância, a vida de Vanga teria sido completamente diferente. Os pais de Dimitar deram consentimento ao casamento, pois eram pessoas abastadas segundo os padrões locais. Mas tudo correu de maneira muito diferente.

Mais uma vez, na vida de Vanga surgiu uma espécie de destino cruel que parecia pô-la à prova: seria capaz de lidar com isso e sacrificar a própria felicidade pelos entes queridos? Recebeu a terrível notícia de que a madrasta morrera ao dar à luz o quarto filho. O pai exigiu que a filha regressasse a casa e ela não ousou opor-se à sua vontade. Vanga deixou o seu amor, a esperança de felicidade, e voltou para casa, pois precisava de ajudar o pai nas tarefas domésticas e criar os irmãos mais novos. O irmão Vasil tinha então 6 anos, Tome 4 anos e Lyubka 2 anos. A cega Vanga substituiu-lhes a mãe, tornou-se a sua protetora fiel, dona da casa e ajudante do pai.

«Non lute contra os tolos — não são assim tão perigosos, não tente corrigi-los ou mudá-los. Muito piores são os idiotas. Eles são capazes de fazer algo que pode revoltar todo um povo» (Vanga).

A família vivia em terrível miséria, mas Vanga sabia tricotar rápida e lindamente. Em breve começaram a trazer-lhe lã e ela tricotava roupa para os vizinhos; depois vieram encomendas das aldeias vizinhas. Pelo trabalho, davam a Vanga roupa velha que ela tricotava de novo para as crianças e ofereciam-lhe pequenos objetos necessários em casa. Mais tarde, aprendeu a tecer. Não gostava nem sabia estar sem fazer nada, estava sempre ocupada e habituou as crianças ao mesmo, não permitindo que ninguém andasse ocioso. Embora na família reinasse a pobreza e a necessidade, a casa estava sempre limpa e arrumada. As constantes preocupações e tarefas ensinaram Vanga a superar dificuldades, a não se queixar do destino e a não esperar dele presentes especiais.

A primeira vez que o dom de Vanga se manifestou foi aos 16 anos. Um dia, desapareceu uma ovelha do rebanho que o pai pastoreava e ele ficou muito preocupado, pois temia ser despedido. Mas Vanga disse-lhe: «Não te zangues, a tua ovelha está com Atanas, da aldeia de Monospitovo». O pai não conhecia essa pessoa e admirou-se de onde Vanga poderia saber dela. Quando lhe perguntou, ela respondeu que

vira a ovelha e o homem num sonho. Vanga já antes dizia que muitas vezes sonhava com coisas que depois se tornavam realidade. Descreveu com espantosa precisão o quintal onde escondiam a ovelha, como se lá tivesse estado antes. O pai foi à aldeia indicada e, para sua surpresa, encontrou realmente a ovelha desaparecida com o homem de quem a filha falara. Mas deste episódio acabaram por se esquecer. Ninguém ainda suspeitava que Vanga possuía o dom de vidente.

Os vizinhos recordavam também que Vanga era frequentemente «nomeada» oráculo durante as adivinhações. Naqueles lugares existe o costume de, na véspera do dia de São Jorge, as raparigas colocarem objetos num jarro e no dia seguinte descobrirem o seu destino por esses objetos. O jarro era habitualmente colocado no quintal de Vanga e era ela que, na manhã seguinte, ao tirar os objetos, predizia o destino às amigas. Geralmente, todas as suas previsões se cumpriam depois.

«Non estabeleça tarefas impossíveis, saiba quais lhe são acessíveis e quais não, caso contrário terá de se culpar a si próprio» (Vanga).

Apesar da cegueira, Vanga era, na juventude, uma mulher muito atraente. Tinha uma figura esbelta e maravilhosa e um rosto bonito e agradável. Era muito enérgica e ativa, vestia-se sempre com apuro e a língua afiada e o humor constante faziam dela a alma de qualquer companhia.

A irmã de Vanga, Lyubka, contava como iam juntas buscar água a um poço que ficava longe, no campo. Normalmente, Vanga sentava-se numa pedra e, enquanto Lyubka enchia os jarros, ficava longo tempo imóvel, concentrada nos seus pensamentos. Uma vez, quando Vanga se perdeu assim nos pensamentos e ficou imóvel mais tempo do que o habitual, Lyubka assustou-se e até chorou. Mas Vanga disse-lhe: «Não tenhas medo, não há nada de terrível, apenas estava a falar com uma pessoa.

Era um cavaleiro que veio ao poço dar de beber ao cavalo. Disse-lhe para não se zangar por tu não lhe dares o lugar, porque tu não o vês. O cavaleiro disse-me: "Vês aquela erva com pequenas flores brancas que cresce junto ao poço? É erva-estrelada, ajuda contra muitas doenças"». Então Lyubka olhou à volta e viu realmente a erva a crescer

junto ao poço e assustou-se ainda mais. Afinal, não vira nenhum cavaleiro e pensou que a irmã tinha perdido o juízo.

«Não prometas se não tens a certeza de que cumprirás o prometido, pois a dor que causares a outro, mais cedo ou mais tarde, regressará a ti» (Vanga).

Em 1940, o pai de Vanga morreu de gangrena e as crianças ficaram órfãs de ambos os pais. Enterraram o pai, os irmãos de Vanga partiram à procura de trabalho e ela ficou sozinha com a irmã Lyubka. No início de 1941, Vanga voltou a ver aquele cavaleiro. Contava que ele era alto, louro e divinamente belo, como um antigo guerreiro. Vestia uma armadura brilhante, o seu cavalo batia com a cauda nos flancos e escavava a terra com os cascos. O cavaleiro parou à porta de Vanga, desmontou e entrou no quarto escuro da casa dela. Dele emanava uma luz intensa e o quarto ficou claro como em pleno dia. Depois, virou-se para Vanga e disse:

«Em breve o mundo vai abalar-se e muita gente morrerá. Tu ficarás neste lugar e profetizarás sobre vivos e mortos. Não tenhas medo! Eu estarei ao teu lado, direi o que deves predizer às pessoas!». Lyubka não viu cavaleiro nenhum e disse a Vanga que certamente lhe tinha aparecido em sonho. E a 6 de abril de 1941, as tropas alemãs cruzaram a fronteira jugoslava e começou a guerra.

Os habitantes locais visitavam por vezes as irmãs e, numa dessas ocasiões, ao entrarem em casa, viram uma cena estranha. «No quartinho, Vanga estava de pé num canto, debaixo de uma lâmpada acesa, e falava com voz sonora, forte e categórica. Estava muito magra, parecia excitada. O seu vestido desbotado, costurado e recosturado várias vezes, já largo, não conseguia esconder a enorme tensão do seu corpo. Dos seus olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudara tanto, tornara-se tão inspirado e elevado que parecia irradiar luz. E falava, falava...

Da sua boca saía outra voz que, com espantosa precisão, nomeava locais e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que ou regressariam vivos ou sofreriam uma desgraça... Isso durou muitos dias e ela quase não dormiu durante um ano inteiro. O aspeto de Vanga impressionava tanto que as pessoas sentiam vontade de se ajoelhar

diante dela. Os homens de quem ela dizia que regressariam realmente voltavam no prazo indicado», escreveu Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga.

Nesses momentos, ela transformava-se, passando de uma frágil rapariga a uma majestosa vidente com rosto radioso e claro e voz firme; o seu aspeto e, principalmente, as palavras que pronunciava fascinavam, pois tudo o que dizia se revelava verdade.

CAPÍTULO 1

BIOGRAFIA DE VANGA — DOM OU MALDIÇÃO

Um caso tornou a jovem Vanga famosa em toda a região. Um conterrâneo seu, Hristo Prchanov, desaparecera em combate no início da guerra, mas ela disse à mãe dele que Hristo estava vivo, embora demorasse a regressar. O jovem tinha uma noiva, Pavlina, que não acreditou na predição e, algum tempo depois, casou-se com outro rapaz. Um ano mais tarde, Pavlina estava na praça do mercado e de repente viu o antigo noivo — Hristo regressara a casa. A jovem mulher, que o julgava morto, desmaiou de terror. Hristo ficou abalado ao saber da traição da amada, mas esperava-o novo golpe: a mãe, ao encontrar e abraçar o filho tão esperado, morreu de ataque cardíaco.

Este caso espantou toda a gente e as pessoas começaram a segredar: «Vanga disse a verdade».

«Ora a Deus e não peças mais do que aquilo de que precisas» (Vanga).

A partir daí, pessoas muito diferentes começaram a recorrer a Vanga por motivos variados. Ela nunca recusava ajuda a ninguém. A uns curava com ervas medicinais, a outros ajudava a encontrar animais perdidos, que eram encontrados no local indicado. Em breve, a fama das capacidades de vidência e cura de Vanga espalhou-se pelas redondezas e depois mais longe. Multidões começaram a dirigir-se à sua casinha. Tratavam-na com respeito, beirando o temor.

Alguns temiam as suas predições e atribuíam-lhe ligações com o mundo do além, outros acusavam-na de bruxaria, mas muitas pessoas acreditavam incondicionalmente no seu dom e confiavam plenamente

em Vanga. A fama de Vanga espalhou-se pelo mundo inteiro e nasceu a lenda do seu dom milagroso.

Quando, em 1942, a fronteira com a Bulgária foi aberta, pessoas de vários locais começaram a vir ter com Vanga. Um dia, apareceu-lhe um soldado do regimento de intendência, Dimitar Gushterov. O irmão dele fora assassinado e roubado, deixando três órfãos e uma esposa doente. Dimitar estava perturbado e queria encontrar o assassino, mas nem sequer teve tempo de entrar em casa: Vanga veio ao seu encontro.

Chamando-o pelo nome, disse: «Sei por que vieste. Queres que te diga quem matou o teu irmão. Talvez, dentro de algum tempo, to diga, mas tens de me prometer que não te vingarás, porque não é preciso. Viverás e serás tu próprio testemunha do fim deles». O soldado ficou surpreendido e perplexo; depois, voltou várias vezes a Vanga e conversavam longamente a sós. A 20 de abril desse ano, Vanga anunciou à irmã que Dimitar queria casar-se com ela. A 10 de maio de 1942 realizou-se o casamento de Vanga com Dimitar e, depois, mudaram-se para a casa dele em Petrich.

Contudo, a sogra não aprovava a escolha do filho, pois a nora era cega e, além disso, na casa ficaram os órfãos do irmão assassinado e a viúva doente. Mas Vanga não se ofendeu. Sabia perfeitamente gerir a casa e não era nova em dificuldades, por isso em breve reinavam limpeza e ordem. A família vivia em harmonia, como todas as outras, mas em breve as pessoas, ao saberem que em Petrich aparecera uma vidente, começaram a procurar Vanga na esperança de obter ajuda. O marido, embora respeitasse a mulher, considerava que uma mulher casada devia ocupar-se apenas da casa e do lar, como todas as outras mulheres casadas. Não devia dedicar-se a problemas alheios nem à atividade de cura. «Preciso de uma esposa normal, não de uma adivinha!», dizia ele, irritado.

E ela respondia: «Mas então morreremos de fome. Meu querido Mitko, tu não podes sustentar agora toda a tua família. Além disso, o meu dom é necessário às pessoas. Quem as ajudará agora, se não eu?»

«A morte é o fim da carne, mas a alma permanece» (Vanga).

Dimitar preocupava-se com a mulher também por outro motivo. Vanga começou a ser perseguida pelos gendarmes locais Dimitar

Chuchurov e Boris Lazarov. Vinham constantemente a casa dela e exigiam que informasse sobre inimigos do poder, ameaçando, caso contrário, enviá-la para um campo de concentração. Vanga, claro, recusava espiar; então, começaram a exigir dinheiro.

E Vanga teve de subornar esses bandidos.

Depois começou a mobilização de reservistas e Dimitar também foi chamado. Ao despedir-se do marido que partia para a Grécia, Vanga assegurou-lhe que ele não morreria, mas avisou-o severamente: «Cuidado com a água!». De facto, os soldados que regressaram da Grécia contavam que tinham de beber água imprópria de pântanos locais, pelo que muitos sofriam de malária ou doenças do fígado. Dimitar regressou a casa na primavera de 1944 completamente doente, esgotado pela malária e incapaz de realizar qualquer trabalho físico. Só no início de 1945 recuperou da doença.

No fim da guerra, na região onde vivia a família de Vanga, começaram a formar-se brigadas partidárias e o irmão Vasil também decidiu juntar-se aos partisans. Tinha então 22 anos. Vanga suplicava ao irmão que ficasse. Disse-lhe: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!». Acrescentou ainda que ele morreria em terríveis sofrimentos, mas o irmão não acreditou e partiu. Vasil tornou-se comandante de um grupo de sapadores e, a 8 de outubro de 1944, fez explodir uma ponte perto da aldeia de Furka. Os alemães começaram a procurar o partisan que destruíra a ponte, mas Vasil escondeu-se na aldeia em casa de um amigo. Então, os alemães prenderam todos os habitantes da aldeia e encerraram-nos na igreja. Juntamente com os outros, Vasil também foi preso.

«Sinto a presença de Vanga», disse-nos a famosa ginasta búlgara, campeã olímpica Neshka Robeva. «Ela foi para mim como uma mãe, como uma irmã espiritual. Sei que agora também Vanga está sempre perto. Abria às pessoas o caminho para Deus. Senhor, como faz falta agora na Terra...»

Os alemães anunciaram que, se até à uma hora os habitantes não entregassem o autor do atentado, queimariam a igreja com todas as pessoas lá dentro. Todos sabiam que fora Vasil quem explodira a ponte, mas calavam-se. Vasil, percebendo que não havia outra saída, saiu do

meio da multidão e disse: «Fui eu que explodi!». Os fascistas agarraram-no, levaram-no para o adro da igreja e, à vista dos outros, começaram a torturá-lo. Torturaram-no longamente com ferro em brasa e, depois, já meio morto, fuzilaram-no. O cadáver mutilado e desfigurado atiraram ao chão como escarmento e proibiram que se aproximassem. Queriam assim intimidar os outros para que não ousassem realizar ações partidárias. Tudo isto aconteceu a 8 de outubro, dia em que Vasil completava 23 anos. Vanga previra a sua morte, mas nada pôde fazer para o ajudar.

O irmão mais novo de Vanga, Tome, também lutou contra os fascistas, mas sobreviveu e viveu toda a vida na Jugoslávia. Morreu em 1981. A irmã Lyubka casou-se em 1947 em Petrich e viveu com Vanga até à morte desta.

Durante a guerra, o dom de Vanga manifestou-se plenamente. Nesses anos, acorriam a ela multidões de desesperados, enlouquecidos pela dor, esgotados pela guerra, pela morte dos entes queridos, pela fome e pela ruína, na esperança de obter conselho, ajuda, saber onde, em que terras, o seu familiar perdera a vida. Vanga procurava acalmar e encorajar todos. Dizia aos soldados como se protegerem nos campos de batalha, como tratar-se com ervas medicinais, argila, cera de abelha. Durante os anos de guerra, um enorme número de pessoas procurou Vanga, entre elas gente comum e grandes figuras do mundo.

«Vanga vivia em total harmonia e sintonia com a natureza», escreveu a sobrinha Krasimira Stoyanova, «era verdadeiramente parte dela. Por isso a natureza falava com ela de forma tão clara. Com os seus órgãos sensoriais perfeitos, Vanga podia receber mensagens de tudo o que a rodeava: das ervas e árvores, das pedras e aves, do cosmos, do passado e do futuro. As montanhas e serras revelavam-lhe os seus segredos milenares...»

Em 1944, os comunistas chegaram ao poder, mas também eles exigiam de Vanga espionagem e dinheiro. Ela não queria espiar para o novo poder, tal como não quisera para os fascistas. Uma vez, ameaçaram-na de fuzilamento, chamando-lhe «elemento prejudicial» e acusando-a de semear superstições com as suas predições. Nessa época, muitos foram reprimidos e o dom de Vanga, aos olhos dos comunistas, contrariava os fundamentos do marxismo-leninismo; além

disso, vivia em Petrich, numa zona fronteiriça. A vida foi-lhe salva por um acaso.

Um mensageiro fronteiriço perdeu um pacote secreto com documentos extremamente importantes. Claro que, pelas leis severas da época, enfrentava tribunal militar e pena de morte. Mas o rapaz era da região e sabia das capacidades de Vanga. Suplicou aos superiores que recorressem a ela. A execução foi adiada 12 horas; nesse tempo, o pacote devia ser encontrado, senão... Vanga descreveu com precisão o local na floresta onde o pacote deveria estar e, além disso, contou em que circunstâncias fora perdido.

Afinal, o cavalo do mensageiro, durante uma paragem, esfregara-se num tronco de árvore e, nesse momento, um ramo prendeu a bolsa atada à sela, que caiu na relva. O soldado não notara a perda. Quando revistaram a floresta, a bolsa com os documentos secretos foi encontrada. Aliviado, o comandante perdoou não só o soldado como também Vanga, dizendo que «ela ainda nos será útil». Contudo, até à morte, segundo os familiares, as autoridades mantiveram Vanga sob apertada vigilância, ameaçando-a e intimidando-a constantemente, mostrando bondade apenas raramente.

Após o fim da guerra, as pessoas continuaram a procurar Vanga com os seus problemas e sofrimentos. Muito antes da fama mundial, Vanga previu a morte de Estaline e, por isso, foi presa; seis meses depois, quando a predição se cumpriu, libertaram a vidente. Claro que lhe poderiam ter dado «dez anos sem direito a correspondência», mas, aparentemente, as autoridades búlgaras já começavam a compreender que uma pessoa assim também lhes poderia ser útil.

Parábola que Vanga contava:

«Houve um tempo em que o camelo era muito valorizado e custava 18 groschen. Depois veio o tempo em que os camelos se tornaram muitos e cada um custava menos — apenas uma aspra —, mas já não havia compradores. Reflitam sobre esta parábola, porque chegará o dia em que as pessoas terão tudo, mas não poderão comprar nada do que constitui a verdadeira riqueza — amizade, camaradagem, amor, solidariedade...»

Em 1947, o marido de Vanga construiu uma casa nova, o que lhe custou grandes esforços, pois regressara da guerra enfraquecido e doente. Começou a sofrer fortes dores de estômago. Um amigo sugeriu que poderia livrar-se das dores bebendo diariamente um pouco de rakia. Mas este tratamento depressa se transformou num mau hábito e acabou por se tornar uma doença. Dimitar tornou-se alcoólico e não queria ouvir os conselhos da mulher. «Mitko, não podes beber», suplicava-lhe Vanga. Mas ele limitava-se a calar-se irritado, fechava-se no quarto e bebia.

Vanga sofria amargamente com esta tragédia, definhava a olhos vistos, chorava à noite, mas as pessoas não viam o seu sofrimento e continuavam a procurá-la em busca de ajuda. Um dia, Vanga disse à irmã que o marido não tinha salvação, mas nada revelou a ele.

Em 1962, o marido de Vanga morreu de cirrose hepática e hidropisia. Nas últimas horas de vida dele, Vanga esteve ao seu lado, orava e chorava, de joelhos junto à cama. Recebeu o seu último suspiro e pareceu imobilizar-se, como se adormecesse. Permaneceu nesse estado até ao momento do enterro, depois acordou e disse: «Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado».

Como é amargo constatar que, possuindo um dom tão grande, se pode curar pessoas estranhas e permanecer impotente para ajudar os entes queridos. Vanga não conseguiu renunciar ao seu dom. Quando Dimitar começou a beber, a vida com ele transformou-se numa verdadeira tortura. Mas Vanga continuou a amar o seu Mitko e, sabendo a data da morte dele, não pôde nem cancelá-la nem adiá-la. Perdeu o marido.

«Ao dar à luz uma criança, já não pertences a ti própria. Apenas a ela. Deste uma vida pela qual és responsável», dizia Vanga.

No dia seguinte ao funeral, logo de manhã cedo, a irmã da vidente, Lyubka, saiu para falar com as pessoas reunidas à porta e disse que na família acontecera uma desgraça e não haveria atendimento, mas de repente ouviu o grito de Vanga: «Não os recuses, eu receberei todos. Eles precisam de mim!». O melhor remédio para as desgraças é ajudar outras pessoas que, talvez, estejam em situação ainda mais difícil. A partir daí, Vanga usou sempre um lenço preto de viúva.

Até à morte, Vanga recordava Dimitar como o único homem da sua vida, pois viveram juntos 20 anos. Lembrava-se sempre dele com ternura, sem o repreender, mas sentindo pena, chamando-lhe o seu protetor: «Se o marido fosse vivo, não deixaria que me ofendessem. Mitko defender-me-ia...». Não tiveram filhos próprios e Vanga sofreu muito com isso; talvez por isso se tenha tornado madrinha de 15 000 crianças. Além disso, ela e Dimitar acolheram em casa duas crianças, um rapaz e uma rapariga, e educaram-nas. Apesar de tudo, foram felizes juntos.

Vanga costumava levantar-se às 6 da manhã, saudava o sol, conversava com as flores, rezava longamente e, às 8 horas, começava a receber visitantes. Às 12h30 fazia uma pausa: tomava duche, almoçava e deitava-se a descansar. Após repousar 1 a 1,5 horas, iniciava o atendimento da tarde, que por vezes durava até às 20 horas.

Vanga tinha uma relação especial com as flores. Uma vez, num encontro com o artista russo Svyatoslav Roerich, que vivia na Índia, reparou num vaso com um lírio no quarto dele. Admirou-se e disse: «É o maior ornamento espiritual da tua casa. Diante de mim, como se abrisse novamente uma janela e, em todo o seu esplendor, brilhassem os cumes prateados do Tibete e dos Himalaias. Que beleza! Nessas terras começou a história da humanidade. O teu pai era simplesmente um ser de outro mundo, não só artista, mas algo muito maior. Todas as suas pinturas são visão. Tens de continuar a obra dele».

«Na época em que um oferece a alma pelo mundo, outro senta-se sobre as águas. Quando um envia o coração para salvação dos próximos, outro afoga-se nos fenómenos do mundo subtil. Os ascetas do grande serviço não têm psicismo, pois aspiram pelo espírito à Hierarquia, e o coração deles ressoa com a dor dos mundos» (E. I. Roerich).

Cada visitante devia trazer um pedaço de açúcar que, obrigatoriamente, tivesse estado debaixo da almofada durante 2 a 3 noites. Esse pedaço de açúcar ajudava Vanga a ver o passado e o futuro da pessoa. No entanto, os familiares da profetisa explicam esta tradição de forma mais simples, contando que, durante a guerra, o açúcar era uma moeda mais sólida do que o dinheiro, pois Vanga precisava então de alimentar uma família numerosa.

Em vez de açúcar, os visitantes podiam dar a Vanga um relógio de quartzo ou joias com rubi, mas, claro, apenas durante o atendimento; depois, ela devolvia os objetos. A própria Vanga, quando lhe perguntavam como via a vida de uma pessoa, respondia: «Vejo a vida como numa fita de cinema». Conseguia ler pensamentos à distância e compreendia os pensamentos de estrangeiros, apesar das barreiras linguísticas.

Na casinha de Vanga em Rupite ainda se guardam os brinquedos que lhe ofereciam crianças e adultos. Alegra-se com esses presentes como uma criança pequena, pois na sua infância não tivera tais coisas. Havia muitos brinquedos e, periodicamente, enviava a maior parte para orfanatos.

Quando Vanga fazia predições sobre fenómenos mundiais, entrava em transe e via imagens terríveis. Por exemplo, como contava a sua amiga próxima Lyudmila Kim, «via cenas de um ataque armado ao Kuwait e gritava: "Salvai o Kuwait!"».

Segundo cálculos de estatísticos, na década de 1970 Vanga recebia até 120 pessoas por dia. Só em 1976, 102 000 pessoas recorreram aos seus serviços. Nos últimos anos de vida, recebia 10 a 15 pessoas por dia, dedicando a cada uma não mais de 3 a 4 minutos. Ao longo de 55 anos, Vanga recebeu mais de 1 000 000 de pessoas.

O dinheiro que as pessoas lhe traziam ia para o tesouro municipal. O seu dom fenomenal foi colocado sob controlo, supostamente para legalizar os serviços e eliminar rumores. As autoridades estabeleceram uma taxa por visita: 10 levs para cidadãos de países socialistas e 50 dólares para todos os outros.

«Cada ser vivo, toda a Terra e o Universo no seu conjunto obedecem a ritmos e ordem cósmicos estritamente determinados. Violações dessa ordem, mesmo as mais insignificantes, levam a grandes, por vezes fatais, acontecimentos pelos quais as pessoas depois têm de pagar. Não violem a harmonia, sejam mais bondosos!» (Vanga).

Vanga previu também a data da própria morte — 11 de agosto de 1996. Falava sempre da sua morte com a calma de um sábio e esperava-a como oportunidade de descansar do seu pesado fardo — o dom da vidência. Dizia: «Quando uma pessoa morre, o corpo apodrece. Mas a

alma e uma parte do corpo, nem sei como chamá-la, não apodrecem. Vocês falam de reencarnação. O que é isso, não sei. Mas essa parte que não apodrece, que permanece da pessoa, na minha opinião, desenvolve-se para atingir um estado superior, só que não sabemos o que é. Acontece aproximadamente o seguinte: primeiro morres inculto, depois morres como aluno, depois como pessoa com ensino superior, por fim tornas-te cientista ou ocupas um alto cargo, etc. Isso é o superior. É a alma...».

Morreu de cancro, mas, quando a levaram para a unidade de cuidados intensivos do hospital governamental, recusou assistência médica e deixou «tudo à vontade de Deus». Nos últimos dias, a profetisa esteve em coma. Exatamente à meia-noite de 10 de agosto de 1996, os médicos registaram uma melhoria súbita do estado da doente. Depois, Vanga pediu um copo de água e pão e desejou que a banhassem. Os familiares fizeram tudo como ela pediu e ela disse: «Agora estou em ordem». Por volta das 9 horas da manhã, a profetisa anunciou que as almas dos familiares falecidos tinham vindo buscá-la e, às 10 horas, deixou este mundo.

Os familiares diziam que a morte foi para ela uma libertação dos sofrimentos. Além disso, estava muito cansada das pessoas com as suas verdadeiras desgraças e tragédias inventadas, do facto de as pessoas não verem verdades evidentes e viverem muitas vezes apenas pelas suas ambições, sem verem Deus. Deve ser terrível viver entre pessoas e ver a sua essência, ver as suas ações e pensamentos, que nem sempre são puros. Tal visão pode por vezes parecer um pesadelo.

No fim da vida, Vanga tinha duas casas: em Petrich e em Rupite. Instalou-se em Rupite e aí recebia os visitantes. Esse lugar é famoso pelas suas fontes termais e está rodeado pela montanha Kozhuh. Ao pé da montanha encontra-se o leito seco do rio Struma. Anualmente, a 15 de outubro (dia em que, pelo calendário eclesiástico, se celebra o dia de Santa Paraskeva), Vanga organizava aí um banquete para os reunidos. Segundo as suas palavras, nesse lugar, muitos milhares de anos atrás, ocorrera uma erupção vulcânica e a lava ardente sepultara uma grande cidade e milhares de habitantes inocentes. Vanga falava como se tivesse visto tudo com os próprios olhos: «Os habitantes dessa cidade eram altos, fortes e vestiam roupas finas e brilhantes, como folha de estanho.

Eram muito cultos. O rio que corria pela cidade era aurífero e banhavam todos os recém-nascidos nas suas águas. Os portões da cidade eram ornamentados com grandes animais alados dourados. Aqui, neste lugar, erguiam-se três grandes templos. A lava que engoliu a cidade emite agora vapores quentes para que possamos tratar-nos com eles. É o sopro das pessoas desaparecidas. O meu pedido a todos é que, no futuro, continuem a assinalar este dia para honrar a memória de todos os que morreram em todos os tempos».

A irmã de Vanga, Lyubka, contava que essa localidade sempre atraíra Vanga, embora nela exercesse um efeito depressivo, como em muitas outras pessoas. Foi precisamente aí que o dom de Vanga se revelava melhor e mais plenamente; aí ouvia vozes que lhe contavam muitas coisas. No lugar onde está a casa de Vanga, no próprio cratera de um vulcão extinto há muito, segundo as suas palavras, existira outrora um antigo santuário.

O sobrinho de Vanga, Dimitar, dizia que nesse lugar «os habitantes locais ainda hoje encontram centenas de fragmentos de objetos de uso ritual, que provam que aqui fervia uma rica vida espiritual. Ainda são visíveis os degraus de antigos templos trácios, encontram-se moedas trácias e romanas. Esses santuários poderiam ter sido criados na época dos trácios ou numa era mais antiga ou mais recente. Aqui vinham numerosos peregrinos de terras distantes para se banharem nas fontes minerais sagradas, merecer a graça dos deuses, obter cura e saúde».

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, escreveu: «Os velhos desta região ainda se lembram das histórias dos avós sobre como se realizava a ablução curativa. Normalmente, esse ritual era feito após o Dia da Transfiguração. As pessoas cavavam um buraco na areia, de onde imediatamente jorrava água mineral, e, ao amanhecer, obrigatoriamente a essa hora, pegavam num novo recipiente feito de cabaça e derramavam a água sobre si. Assim saudavam o sol. Para que a súplica por cura fosse ouvida pelos deuses, cada doente devia derramar a água sobre si próprio e, durante o ritual, não pronunciar uma palavra. Segundo a crença, depois disso sobrevinha um resultado rápido e positivo.

Mas nesta localidade existe outra crença... Os velhos dizem que nestes lugares está enterrada uma estátua de ouro de um cavaleiro em

tamanho natural. Pensam que é a estátua de São Constantino, que aqui foi escondida quando chegaram os turcos. Mas poderia ser também a estátua do deus trácio Heros, porque aqui se encontram placas de mármore com a sua imagem. Se é assim ou não, os arqueólogos esclarecerão, mas... as primeiras visões da tia estão ligadas a um cavaleiro com quem ela conversava junto ao poço; depois apareceu novamente o cavaleiro e anunciou-lhe que começaria a guerra, que ela se tornaria vidente e faria predições sobre vivos e mortos.

Há cerca de 30 anos instalou-se nesta localidade. Aqui, como diz a lenda, em algum lugar debaixo da terra estava escondida a estátua para a proteger da profanação pelos invasores. O enigma do Cavaleiro de Madara ainda não foi resolvido. Os especialistas avançam muitas hipóteses: alguns pensam que é a imagem do cã Tervel ou de outro governante nosso, mas eu penso, não será esse o cavaleiro que Vanga sempre vê quando estão para acontecer eventos decisivos do destino?...»

«Não se pode comer em excesso e invejar, é preciso saber alegrar-se com a vida e não se irritar» (Vanga).

Sobre o cavaleiro de pedra conhece-se ainda outro facto: no sul da Bulgária, perto da cidade de Shumen, arqueólogos descobriram um gigantesco relevo esculpido na rocha representando um cavaleiro de pedra. Esse relevo tem cerca de mil e quinhentos anos. No entanto, permanece um mistério quem é esse cavaleiro e a que povos ele era venerado.

A própria Vanga disse várias vezes que em Rupite obtinha energia e força para as suas predições. Considerava que a serra sobre o leito seco do Struma ocultava um grande segredo. Aí se escondia a chave para o grande enigma do nosso longínquo passado. Uma vez, com a sobrinha, falou sobre o arco-íris. Krasimira Stoyanova perguntou à tia: «Como pode um arco-íris ficar tanto tempo no céu?... O que significa essa beleza reunida num só lugar?».

Vanga respondeu com um discurso enigmático: «O arco-íris apareceu pela primeira vez quando a chuva parou após ter caído durante quarenta dias e destruído todo o género humano e todas as criaturas terrestres (na essência, é a lenda bíblica). Só ficou a arca de

Noé». A sobrinha disse que era uma lenda e perguntou o que a tia via ela própria. Vanga respondeu: «Ai, não te posso dizer tudo o que penso, mas, quando à noite, perto da meia-noite, passo pelo andar de baixo da minha casa, passo sempre pela arca de Noé, que ali está intacta há tantos anos». A partir desse momento, Vanga não falou mais sobre isso, como se guardasse um segredo que não tinha direito de revelar antes do tempo.

Disse ainda sobre o motivo por que Rupite a atraía: «Está-me determinado quanto tempo ficar aqui. Este lugar é completamente especial. Serve-me de acumulador do qual obtenho energia e força. Outrora aqui ardeu um fogo terrível e esta serra acima de nós oculta um grande segredo. Este lugar é ao mesmo tempo uma rota de aves. Aqui reúnem-se grandes bandos de aves quando voam para sul ou regressam de lá. Mas porquê — não sei».

Esse lugar foi-lhe indicado pela própria Santa Petka, em honra da qual, no fim da vida, construiu um templo com doações de familiares e amigos.

«É preciso valorizar o calor do lar familiar, não ser avarento e conter o próprio orgulho» (Vanga).

Deixou as duas casas às autoridades locais e à fundação que leva o seu nome. No entanto, também com o testamento de Vanga nem tudo correu bem. As autoridades não quiseram deixar Vanga em paz mesmo após a sua morte.

Quando, após a sua morte, o testamento foi divulgado, verificou-se que ambas as casas, todos os bens e poupanças a profetisa deixara ao Estado. Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga, contava: «O testamento foi lido na câmara municipal da cidade de Petrich a 13 de agosto de 1996. Nem sequer sabíamos que tal documento existia. O testamento, por algum motivo, era guardado na administração da cidade num envelope não selado.

O presidente da câmara leu o documento ele próprio, o que é estranho, pois as autoridades eram parte interessada. Embora o Partido Comunista e o poder popular, a quem, segundo os papéis, os bens eram legados, já não existissem há muito, o Estado não renunciou à sua parte. Os familiares consideram que o testamento é falso. No ato

notarial estavam indicados os números do passaporte de Vanga, mas ela nunca teve passaporte. O testamento terá sido escrito em 1984, ou melhor, datilografado. É autenticado com a impressão digital de Vanga, mas esta encontra-se nas assinaturas das testemunhas. E são pessoas completamente desconhecidas para nós. Provavelmente, deram à minha tia apenas uma folha em branco e nessa folha estava escrito: "Leguei, em sinal de gratidão ao PCB (Partido Comunista Búlgaro), ao poder popular, pela atenção que me dedicaram, todos os bens móveis e imóveis ao Estado búlgaro"».

Mas Vanga sofrera tanto com as pretensões dos comunistas e mantivera relações de amizade apenas com Lyudmila Zhivkova, falecida aos 37 anos. Lyudmila era filha de Todor Zhivkov, o líder comunista do país. Vanga sempre se afastara da política, recusara espiar e subornara o partido com dinheiro. As autoridades usaram-na como atração local que atraía turistas. Ao mesmo tempo, todos sabem como Vanga prezava a família, pelo que um testamento assim parece realmente muito estranho.

Pouco antes da morte, Vanga anunciou que transmitia todo o seu dom a uma menina francesa de dez anos. Quando esta o recebesse, também ficaria cega, mas adquiriria «outra visão». Às pessoas irracionais é preciso um guia para as conduzir pelo caminho de Deus e ensinar-lhes a compreender e a aceitar com gratidão o destino que lhes está prescrito.

A família de Vanga ganhou o processo, contestando o testamento, mas o Supremo Tribunal, em 2002, anulou a decisão favorável a eles. Quando a Bulgária entrou na UE, os familiares tiveram possibilidade de apresentar novo recurso. No entanto, nesse intervalo, muitas coisas mudaram: a casa de Vanga, onde sonhava criar um museu, está a ruir e os bens estão a ser roubados. Em 1984, na conta de Vanga havia 35 mil levs, mas, em resultado da inflação, essa quantia equivale agora a cerca de 500 rublos russos.

Krasimira Stoyanova diz: «Vanga queria ser enterrada no jardim da casinha, e não junto à igreja. Mas a última vontade, que comunicou aos familiares, a fundação Vanga não cumpriu. Enterraram a tia no lugar onde outrora ficava a casa de banho pública da base turística! Como a água entrava constantemente na sepultura escavada, fizeram nela

impermeabilização. Ficou um poço de betão revestido de azulejos. Colocaram lá uma caixa de tábuas e, sobre elas, a meio metro do fundo da sepultura, puseram o caixão com o corpo de Vanga. Não o cobriram com terra, mas taparam com blocos de ferro, película e laje. Preocupa-me muito que a tia tenha sido enterrada de forma não cristã. Afinal, na Bíblia está dito que do pó da terra foste criado e ao pó da terra voltarás após a morte. E o coro da igreja para o funeral, como Vanga desejara, não convidaram...».

Os familiares e amigos de Vanga afirmam que ela ainda hoje lhes aparece em sonhos. Uma conhecida próxima de Vanga, Lidia Baranova, disse que, quando Vanga lhe aparece em sonho, «sempre surge uma sensação de calor e tranquilidade, como se ela, em vigília, acariciasse ternamente e com amor as minhas mãos».

A sepultura da profetisa fica do lado direito da igreja, entre o templo e o campanário. Nela ardem muitas velas e junto dela rezam pessoas que continuam a vir pedir ajuda a Vanga. Na sepultura está instalada uma cruz de mármore branco onde estão gravadas as datas de nascimento e morte e apenas uma palavra — «Vanga».

Aqui vêm muitas crianças. As pessoas acreditam que, se aqui formularem um desejo bom e rezarem, ele certamente se realizará.

O médico Petr Deliyski, que conheceu Vanga durante mais de 40 anos, dizia: «Graças a ela, muitos de nós, ateus até à medula, começámos a sentir a essência divina do mundo. Muitos cientistas tentaram investigar o dom de Vanga, mas ninguém conseguiu desvendar o seu segredo».

Muitos pensavam que, após a morte de Vanga, aconteceria algum evento extraordinário. Mas nada ocorreu, na Bulgária não houve cataclismos naturais nem políticos fatais. Os búlgaros estão convencidos de que o espírito de Vanga protege o seu povo das desgraças e infortúnios.

O dia da morte da vidente tornou-se dia de luto nacional, e não só para os búlgaros. Multidões invadiram Rupite, enlutadas pela perda. Aos olhos do povo, ela foi e, aparentemente, por muito tempo permanecerá uma santa, e o caminho de peregrinos até à sua sepultura não se cobrirá de ervas.

Vanga via que sobre todos nós «paira» um grande olho que vigia todas as ações das pessoas: «Ninguém pode esconder-se dele! Não pensem que podem livremente fazer tudo o que vos ocorrer, ninguém pode isso, ninguém é livre».

Vanga foi vidente, curandeira e profeta, mas por vezes pronunciava verdades conhecidas de todos, e de forma tão autoritária que era impossível duvidar da sua veracidade. Via o passado, o presente e o futuro da humanidade no seu conjunto e de cada um em particular. Dizia que as pessoas nasceram para fazer o bem e que ninguém escapará ao pagamento pelos seus atos.

Muitos cientistas e investigadores tentaram decifrar o dom da profetisa, procurando esclarecer a verdadeira natureza do seu talento. Uns consideram-na santa, outros acusam-na de trabalhar para os serviços secretos, terceiros chamam-lhe bruxa, mas, de uma forma ou de outra, aqueles a quem foi dado tocar pelo menos uma vez neste milagre consideram as suas capacidades acima da compreensão humana.

Muitos investigadores tentaram analisar o legado de Vanga e determinar a percentagem das suas predições que se cumpriram. Assim, o sociólogo Velichko Dobriyanov diz que, dos 99 mensajes da vidente por ele analisados, 43 foram adequados, 43 alternativos (ambíguos) e 12 inadequados. Em média, verifica-se que as predições de Vanga se revelaram corretas em 68,3% dos casos. Segundo outras informações, esse número é de 80. Provavelmente, tais cálculos continuarão a ser feitos por muito tempo, pois Vanga fez muitas predições para o futuro, até ao ano 5000.

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, conversando frequentemente com a tia, fazia-lhe as mais diversas perguntas e anotava as respostas. Depois, reuniu essas perguntas e respostas, obtendo algo semelhante a um questionário que, talvez, nos permita levantar um pouco o véu do mistério. O questionário é apresentado na exposição da própria Krasimira Stoyanova.

«À minha pergunta se ela via pessoas concretas — o aspeto, a aparência, a imagem, o ambiente —, respondeu-me que sim.

Em que período de tempo: no passado, no presente, no futuro? Disse-me que nos três períodos sem distinção.

Essa visão é esquemática, apenas informação sobre a personalidade, ou concreta? Resposta: tanto em forma de informação como concretamente.

Existe um código próprio de cada pessoa através do qual se pode conhecer a linha da sua vida? Não respondeu a esta pergunta.

Ao ouvir rádio, a informação transmitida pode provocar-lhe uma imagem visual? Resposta: sim.

Depende do estado físico ou psíquico da pessoa no momento? Resposta: não.

Se ela prediz a uma pessoa determinada uma desgraça ou mesmo a morte, podem ser evitadas? Resposta: não, nem Vanga nem essa pessoa as pode evitar.

E se se trata de um grupo de pessoas, de uma aldeia, cidade, Estado? Resposta: não.

O caminho de vida de uma pessoa depende da força do indivíduo e pode ser alterado? Resposta: não, cada um segue o seu caminho determinado.

Os cientistas descobriram que um dos atos mais alegres e úteis para a saúde humana é fazer o bem aos outros.

Capítulo 1. Biografia de Vanga — dom ou maldição

Como determina o problema principal, vital, do visitante? Resposta: aparece uma imagem; e ouve uma voz.

Tem a sensação de que o seu dom de vidência está programado por forças superiores? Resposta: sim.

Por que forças? Não respondeu.

Como as percebe? Resposta: mais frequentemente como uma voz.

Já as viu? Resposta: sim, figuras transparentes, semelhantes a um reflexo na água...

Podem materializar-se? Resposta: não.

Por desejo de quem — delas ou de Vanga — ocorre o contacto com elas? Resposta: geralmente por desejo delas.

Pode-se esclarecer diversos dados sobre elas fazendo-lhe perguntas? Resposta: não, é difícil — respondem de forma muito vaga.

A ligação é unilateral, surgindo apenas por desejo delas? Resposta: na maioria das vezes, sim.

O ser humano é constituído por vários corpos interligados em simbiose: etérico, físico, mental? Resposta: sim.

Como se apresenta uma pessoa falecida — como imagem, conceito ou algo diferente? Resposta: vê a imagem e ouve a voz.

Ao contactar com uma pessoa falecida, esta manifesta interesse nisso ou apenas responde às perguntas? Resposta: tanto responde como faz perguntas ela própria.

A personalidade preserva-se após a morte? Resposta: sim.

Como percebe a morte? Resposta: apenas como fim físico.

Existe reencarnação? Não respondeu.

O que é mais forte — a ligação familiar ou a espiritual? Resposta: a ligação espiritual é mais forte.

Existem uniões numa ordem superior de inteligência? Resposta: sim.

Se considerarmos as pessoas uma comunidade racional que se encontra num determinado degrau de evolução, existe paralelamente uma inteligência superior? Resposta: sim.

De onde provém essa inteligência superior — do Cosmos, de antigas civilizações da Terra ou do futuro da Terra? Resposta: do Cosmos.

«À noite, apenas o meu corpo descansa, os pensamentos voam por todo o lado. Vejo tantas coisas. No silêncio da noite vejo e ouço especialmente bem como tocam os sinos celestiais, marcando cada hora. Tudo o que é vivo obedece a esse ritmo» (Vanga).

Existiram na Terra grandes civilizações antes da nossa? Resposta: sim.

Quantas foram? Não respondeu.

Pode a atual civilização humana ser considerada inteligência de infância? Resposta: sim.

Existe no Universo inteligência no mesmo estádio de desenvolvimento que a nossa civilização? Não respondeu.

Haverá encontro com representantes de outras civilizações? Resposta: sim.

Existem na atmosfera da Terra "discos voadores"? Resposta: sim.

De onde vêm? Resposta: de um planeta que eles chamam "Vamfim" (pelo menos, foi assim que ela ouviu). É o terceiro a contar do planeta Terra.

Não deu outras explicações.

Foi estabelecido contacto bidirecional (telepático ou outro) com eles? Resposta: não, são eles que estabelecem os contactos».

CAPÍTULO 2

VANGA NA VIDA DAS PESSOAS COMUNS

Os cientistas até hoje tentam compreender o fenómeno de Vanga, mas as suas tentativas de explicar o dom dela do ponto de vista da ciência não levam a nada, o que ainda mais reforça o interesse por esse mistério. Muitos especialistas, após contacto pessoal com Vanga, realmente começavam a acreditar que o dom dela era dado do alto, quanto mais o dizer das pessoas comuns.

O professor Petr Deliyski foi o médico de Vanga até aos últimos dias dela. Conhecia a profetisa desde 1953, quando o enviaram para trabalhar em Petrich. Já nessa época, a fama da vidente búlgara ecoava por todo o país. Eis a história que ele contou:

«Encontrávamo-nos frequentemente, especialmente a minha mulher Elena: era amiga de Vanga. Eu, no início, não acreditava no dom dela, embora me contassem coisas espantosas sobre ela...

Uma vez, a mulher de um amigo meu, também médico, teve uma complicação após uma operação. Não conseguíamos compreender porquê: aparentemente, tínhamos feito tudo bem, mas a ferida sangrava. Fomos ter com Vanga; pelo caminho, bebemos café de um termo. Deixámos o carro na praça perto da casa dela. Chegámos e ela, logo à entrada, pergunta: "O que se passa com Magda?" Era assim que se chamava a mulher doente do meu amigo e eu fiquei pasmado: Vanga simplesmente não podia conhecê-la! E ela continuou: "Não tenham medo, removeram o tumor durante a operação. Agora aquele lugar sangra, mas passará. Magda viverá. Digam-me antes, por que deixaram o carro na praça e por que não acabaram o vosso café do termo?"».

«Continuo a ser materialista», diz Deliyski, «mas agora considero que, com a morte do corpo, a nossa consciência continua a existir de alguma outra forma. Não acreditava na vida após a morte até Vanga me contar tudo sobre os meus pais falecidos».

O professor Deliyski, como médico pessoal de Vanga, testemunhou também que ela «era absolutamente cega, mas possuía uma capacidade fenomenal de ver o que estava longe dela». Outro caso contado por ele confirma isso: «Uma vez, disse à minha mulher: "Lenka, sabes o que a tua sogra está a fazer agora?" "Não, ela está longe!", respondeu a mulher. Então Vanga disse: "A tua sogra acabou de pintar o cabelo, tem uma tesoura nas mãos e está a cortar feijão com ela!".

Quando a sogra veio a Petrich, verificou-se que era exatamente isso que fizera no dia indicado por Vanga». Mas compreender como Vanga podia ver isso e, em geral, ver à distância ou ver o passado e o futuro, o professor nunca conseguiu. No entanto, confessou que a sua visão do mundo mudou profundamente após o contacto com ela.

Algo semelhante disse a doutora em ciências físico-matemáticas Iordanka Peneva: «Vanga sabia muito mais do que nós. Cada encontro com ela revelava-me fenómenos incríveis. Vanga organizou um encontro com o meu filho falecido. Falei com ele como se estivesse vivo...».

Vanga foi e continua a ser um enigma, mas, independentemente de acreditarem ou não nela, profetizava para todos. Inicialmente, o dom dela foi rejeitado incondicionalmente pelos cientistas búlgaros, mas depois foram eles próprios que confirmaram as suas capacidades de predição. Por exemplo, as afirmações relativas à busca de familiares desaparecidos cumpriam-se em 80%. Graças a Vanga, foi criado na Bulgária o instituto de sugestologia e parapsicologia, com 30 funcionários. E ela foi a primeira vidente a receber apoio do governo.

Vanga contava: «Assim que uma pessoa aparece diante de mim, os seus entes queridos falecidos colocam-se à volta dela, fazem-me perguntas ou contam coisas, e eu transmito o que ouço deles aos vivos».

Inicialmente, o dom dela manifestou-se para as pessoas comuns — vizinhos e familiares. Nos anos de duras provações durante a Segunda Guerra Mundial, profetizou muito, contando sobre irmãos, maridos e filhos enviados para a frente. Uma vez, uma vizinha, mulher de Milan Partenov, queixou-se de que não havia notícias do marido soldado há muito tempo, que ele desaparecera em combate. Vanga, após ouvir, disse-lhe inesperadamente: «É melhor não chorar, vai para casa e prepara o jantar... O teu Milan chegará à noite em roupa interior. Vejo-o a esconder-se num barranco perto da cidade».

E assim aconteceu mais tarde. Esse mesmo Milan Partenov fugira do cativeiro e regressara a casa nessa mesma noite. Todos os vizinhos souberam disso e ficaram muito surpreendidos; no dia seguinte, as esposas e mães de soldados das redondezas começaram a procurar Vanga. A todas dizia a verdade sobre os seus entes queridos: quem estava vivo, quem já não estava, quem e onde perdera a vida. Assim, a fama da profetisa cega espalhou-se pelas aldeias e cidades da Bulgária, e pelo mundo inteiro.

Durante a guerra, houve um caso em que uma mulher perdeu a filha de três anos numa feira. Procuraram a menina durante muito tempo, mas não a encontraram. A pobre mãe foi ter com Vanga para saber algo sobre a criança. Esta disse que a menina fora levada por ciganos que também estavam na feira. E acrescentou que a mãe encontraria a filha por acaso muitos anos depois. Passaram 22 anos inteiros; chegou 1962 e essa mulher viajou para Blagoevgrad; na estação

ferroviária de Kresna, ouviu por acaso a conversa de duas mulheres. Elas diziam que, numa aldeia próxima, vivia uma família cigana e a nora mais nova não se parecia nada com a mãe: tinha cabelo louro e olhos azuis. Ao ouvir estas palavras, o coração da mulher estremeceu e pensou que a predição de Vanga se estava a cumprir. Dirigiu-se imediatamente à aldeia, encontrou rapidamente a casa e deparou-se logo com essa nora, loura e de olhos azuis.

«Às vezes, é muito fácil para mim ver!», dizia Vanga. «Quando vem uma mulher e diz: "Sou boa esposa e mãe, nunca fiz mal aos meus filhos, ensinei-os a não roubar nem mentir" — tudo corre como uma seda.

Mas as pessoas más atormentam-me...».

A sogra cigana contou que, muitos anos antes, quando os ciganos estavam numa feira numa aldeia perto de Petrich, lhes deram uma criança. A cigana acolheu a menina, criou-a e depois casou-a. Assim, a mulher compreendeu que diante dela estava realmente a filha. Propôs à rapariga ir com ela para a aldeia natal. Quando chegaram lá e entraram em casa da mulher, a «cigana» reconheceu o quintal e a casa e depois lembrou-se de que tinha um irmãozinho. Na casa da camponesa reuniu-se quase toda a aldeia. Os vizinhos recordavam o passado, abraçavam-se e choravam. E assim se cumpriu a predição de Vanga. Houve muitos casos assim.

Uma vez, duas mães procuraram Vanga. Uma delas enterrara recentemente o filho e Vanga disse-lhe que a mulher chorava restos alheios. «Vejo», dizia Vanga, «ele vive numa casinha branca atrás de uma cerca verde; dentro de 3 meses receberás uma carta». E assim aconteceu: no prazo indicado, a mãe recebeu uma convocatória do filho que, afinal, se instalara no Canadá.

A outra mulher tinha o seu próprio problema: recebera a notícia de que o filho soldado se enforcara. No entanto, Vanga contou-lhe que, na realidade, o filho fora torturado durante muito tempo e depois enforcado à força. Ao mesmo tempo, a profetisa repetiu as últimas palavras do filho. Sugeriu também como encontrar o assassino. Este foi realmente encontrado; a mãe participou ativamente na restauração da justiça e o culpado foi julgado.

Uma visitante de Vanga, vinda de Montreal em julho de 1987, contou que bandidos mataram o marido e raptaram o filho único. Depois, o assassino foi preso, mas a criança não foi encontrada; mais tarde, a polícia declarou que a criança morrera. Mas o coração da mãe não acreditava e a mulher veio ter com Vanga. «Realmente, uma grande desgraça te atingiu», disse a profetisa, «mas diz-me, essa criança foste tu que a deste à luz?».

A mulher respondeu: «Não, adotámo-la». «Então ouve», continuou Vanga, «a criança está viva, mas foi levada para outro país e frequenta a escola numa grande cidade. Vive com pessoas que se esforçam para que ele esqueça tudo — tu, a casa, a pátria. Mas terás notícias da criança e, em abril do próximo ano, receberás informações completas sobre ele; depois de longas atribulações e peripécias, voltarão a estar juntos».

A mulher ficou espantada com o que ouviu e depois partiu. Passado algum tempo, voltou a Vanga e, sufocada de alegria, contou que, antes do julgamento, o assassino quisera falar com a mulher do homem que matara. Mas a pobre mulher não teve forças para se encontrar com ele e enviou no seu lugar uma amiga próxima. O réu contou-lhe tudo e pediu que transmitisse que a criança estava viva, mas não podia dizer onde se encontrava. A mulher estava tão feliz! Disse que se curvava diante do dom de Vanga e acreditava «que tudo o que ela disse se cumprirá, até ao final feliz».

Muito frequentemente, Vanga aconselhava os casais sem filhos que a procuravam a recorrerem a um especialista concreto, dizendo: «Ele ajudará, e vocês precisam de acreditar em Deus!». Por vezes, era difícil imaginar como nela se uniam bruxaria, magia, rituais e, ao mesmo tempo, fé na medicina moderna, na ciência e em Cristo. A própria Vanga negava categoricamente a magia e a bruxaria, explicando os milagres realizados pela força da oração e da fé em Deus.

A irmã de Vanga, Lyubka, contava: «Lembro-me de um homem. Chegou acompanhado por duas mulheres de Sófia. Era um homem robusto, direito, sentia-se muito bem. Não conseguia determinar a idade dele e, embora fosse indelicado, perguntei quantos anos tinha. O homem riu-se e pediu-me que adivinhasse; depois disse que fora oficial ainda na Primeira Guerra Mundial. Fiquei surpreendida e disse-lhe que,

nessa idade, era impossível parecer tão bem. Ele respondeu-me que era possível, porque toda a vida cuidara apenas de si próprio, não assumira obrigações nenhumas e não tencionava assumir no futuro. Vanga ouvia tudo isso em silêncio e depois bateu com o pé e disse: "Basta-te!". Não compreendemos o que significava essa réplica. O homem partiu e, três dias depois, informaram-nos que morrera. Era isso que significava o "basta!" de Vanga».

Uma vez, uma jovem mulher procurou Vanga. A vidente perguntou-lhe logo: «Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma cicatriz na coxa esquerda?». Ela confirmou e perguntou como Vanga vira isso. E ela respondeu: «Muito simples! A morta colocou-se diante de mim. Jovem, alegre, de olhos azuis, sorridente, com um lenço branco na cabeça, vestida com um vestido colorido. Ergueu a saia e disse-me: "Pergunta se ela se lembra de que eu tenho uma cicatriz de uma queda?" — e depois continuou: "Diz à Magdalena (outra filha) para não ir ao cemitério, porque tem o joelho doente"».

A visitante exclamou que a irmã tinha realmente uma rótula artificial e dificuldade em andar. Vanga continuou em nome da mãe: «Diz à minha filha que, na altura, quando os turcos quiseram incendiar a nossa aldeia Galičnik (na Jugoslávia), o meu pai deu-me muito dinheiro para salvar a aldeia. Depois decidimos construir uma igreja e cortámos todas as amoreiras da aldeia. À noite, em segredo, transportámo-las para o lugar destinado à construção. Construímos a igreja. Diante dela fizemos uma cheshma (construção de pedra com torneira, para onde chega água da fonte) com três torneiras».

Com estas palavras, a mulher ficou admirada; nunca soubera tais pormenores, mas em Galičnik realmente não havia amoreiras e, diante da igreja, havia uma cheshma com três torneiras. Depois, Vanga transmitiu as palavras da mãe: «Há alguns anos, o meu filho caiu, bateu com a cabeça e agora está muito doente». A mulher confirmou: «Sim. O meu irmão tem um tumor canceroso na cabeça. Foi operado...».

Ela via os mortos como os vivos, e o passado e o futuro deles.

Vanga gostava de repetir que «a vida não é um passeio fácil. Exigirá grandes sacrifícios, enorme tensão de forças e humildade. E cada um de nós paga o seu preço: alguém está condenado a esperar anos pelo

nascimento de um filho, outro está destinado a perdas, um terceiro será perseguido por insucessos no trabalho, e alguém não terá sorte na vida pessoal».

Uma vez, uma jovem mulher de Sófia procurou Vanga. A profetisa virou-se para ela e perguntou inesperadamente: «Onde está o teu amigo?». A mulher respondeu que ele se afogara alguns anos antes. E Vanga disse que o via morto, como se estivesse vivo, e conversava com ele. Descreveu-o: «Ei-lo diante de mim, alto, moreno, com uma pinta na bochecha, e tem um pequeno defeito de fala». A mulher admirou-se e confirmou o dito. Depois, Vanga disse em nome do homem: «"Ninguém tem culpa da minha morte. Fui eu que caí na água. Fiquei terrivelmente assustado porque não sei nadar. Tive uma fratura na lombar. E o meu coração rebentou". Pergunta onde estão o relógio e as outras coisas dele. Pergunta pelos familiares e amigos, cita os nomes, aconselha a amiga a casar-se passado algum tempo e está certo de que a escolha dela será acertada».

Quando Krasimira Stoyanova, sobrinha da profetisa, lhe perguntou: «Se vês uma desgraça próxima ou a morte de uma pessoa, podes fazer algo para evitar a desgraça?», Vanga respondeu: «Não, nem eu nem ninguém pode fazer nada». — «E se se trata de problemas», continuou Krasimira, «ou mesmo uma catástrofe ameaça uma cidade inteira, um Estado, pode preparar-se algo com antecedência?» — «É inútil», respondeu Vanga.

Noutra ocasião, uns pais procuraram Vanga. Durante uma inundação, perderam o filho único e pensaram que ele se afogara. Vanga disse-lhes: «Não chorem, porque era exatamente isso que lhe estava predestinado viver. A vossa criança realmente não está entre os vivos. Mas procuram o cadáver no lugar errado. Está mais abaixo na corrente, depois de uma grande curva do rio. Há grandes árvores e o corpo ficou preso nas raízes. De um lado vê-se a mãozinha dele. Se eu fosse agora lá, encontrava imediatamente a criança. Ei-lo, vejo-o como se estivesse vivo. Diz-me: "Vai, levo-te exatamente ao lugar"». Passado algum tempo, graças às indicações de Vanga, o cadáver da criança foi encontrado.

Uma vez, um jovem, motorista de camião, procurou Vanga. Propôs levá-la num passeio ao mosteiro de Rozhen. Quando se despediram

após a viagem, Vanga disse-lhe ao adeus: «Faças o que fizeres, vem ter comigo a 15 de maio». No entanto, exatamente nesse dia, um amigo pediu-lhe que transportasse materiais para construção de uma casa. Não pôde ir ter com Vanga e, nesse dia, no seu veículo, numa passagem de nível, foi apanhado por um comboio: os travões falharam e não conseguiu evitar a desgraça. Vanga previra isso e tentara ajudar, mas, infelizmente, nada pôde mudar.

Quando as pessoas começaram a procurar Vanga e o número delas aumentava de ano para ano, o Estado tomou a situação sob controlo. Em Petrich foi construído um hotel especial para quem vinha ter com Vanga. O caminho até à casa dela tornou-se internacional, no entanto a própria Vanga era «não viajante». As autoridades búlgaras não a deixavam sair do país nem para Paris, onde sonhava ir visitar a catedral de Notre-Dame, nem mesmo para Moscovo, embora Vanga desejasse tanto visitar a Praça Vermelha, o Kremlin, falar com Gorbachev, cuja chegada ao poder previra 6 anos antes. Em geral, relacionava-se com muita ternura com o nosso país, mas sobre isso falar-se-á mais detalhadamente num capítulo separado.

A fila para Vanga estava marcada com um ano de antecedência, mas existia também a chamada porta dos fundos para as pessoas influentes. As autoridades búlgaras colocaram as sessões dela em regime de fluxo contínuo e estabeleceram uma taxa rigorosa, enquanto Vanga recebia um salário. A própria Vanga também não recusava dinheiro, mas nunca o exigia. As pessoas podiam trazer-lhe de presente um saco de batatas ou uma pequena moeda, que ia imediatamente para o mealheiro guardado. Claro que estava infinitamente longe do mundo vaidoso, mas aceitava com prazer os presentes dos visitantes. Adorava perfumes franceses.

Vanga poupava para uma igreja e, no fim da vida, acabou por construir um templo em honra de Santa Petka Búlgara, que considerava a sua protetora.

A sobrinha de Vanga perguntou-lhe se o destino de uma pessoa depende da sua força moral interior, das capacidades físicas, se é possível influenciá-lo. Vanga respondeu: «Não é possível. Cada um percorrerá o seu caminho, e apenas o seu».

Muito frequentemente, recusava qualquer compensação, mas adorava animais de peluche. Acumulara-se uma coleção inteira, embora a maior parte Vanga oferecesse a orfanatos. Conversava com os animais de peluche como se fossem vivos. À noitinha, quando o atendimento terminava, não ia logo descansar. Gostava de acariciar, tocar nos presentes, recordando a pessoa que os oferecera. E se era uma boa pessoa e saíra dali feliz, o rosto dela iluminava-se com a luz da alegria alheia.

Junto à casa dela reunia-se sempre uma multidão. As pessoas por vezes esperavam pelo atendimento vários dias e a alguns ela expulsava, sem dizer nada. Aparentemente, tinha as suas razões para isso. Mas, normalmente, as pessoas saíam de junto de Vanga satisfeitas.

Vanga atribuía um enorme significado ao nome e dizia: «Quando alguém vem ter comigo, vejo o nome dele, dado por Deus. O nome está escrito no peito, por vezes na neve diante da pessoa. Nem sempre consigo decifrar a caligrafia, mas a letra inicial vejo-a claramente».

Repetia frequentemente que, se a uma pessoa for dado um nome não «predestinado por Deus», isso influencia mal toda a vida subsequente dela.

Um australiano fez uma longa viagem até Vanga para saber por que razão todas as quatro esposas o abandonaram. Um agricultor americano veio perguntar a Vanga quem incendiara a oficina dele. Uma vez, veio ter com Vanga um jovem casal sem filhos que perdera a primogénita, uma menina. Vanga dirigiu-se à mulher: «Sei o que tens para mim, Diana! Aqui está ele, o teu bebé, olha que boneca!». Inclinou-se e fez um movimento como se acariciasse a cabeça de uma criança pequena. A mulher empalideceu e disse: «Já lá vai o segundo ano após a tragédia e eu... sofro tanto». «Porquê?», perguntou Vanga, «por não teres filhos? Não te preocupes! Se quiseres, terás cinco!». O casal ficou petrificado com o que ouviu e depois saiu feliz; meio ano mais tarde, o jovem marido apareceu novamente junto de Vanga, informando-a de que não havia gravidez. «O que procuras aqui?», exclamou a vidente, aborrecida. «Vai para casa e diz à mulher para não se preocupar. No outono ela dará à luz! E quando chegar a hora do parto, vem ter comigo — eu direi o nome do bebé».

Muito frequentemente, mulheres sem filhos vinham ter com Vanga; algumas pediam ajuda, outras perguntavam qual a causa dessa desgraça. A algumas, Vanga aconselhava adotar uma criança e, depois disso, esperar pelo próprio filho. E houve realmente muitos desses nascimentos milagrosos posteriormente. A própria Vanga não teve filhos biológicos, mas criou dois enteados amados. Aprovava sempre calorosamente aqueles que se decidiam por esse passo: «Deus recompensa igualmente aqueles que criaram os seus filhos e aqueles que educaram filhos alheios!».

Por vezes, ao ajudar na infertilidade, Vanga usava um ritual estranho com uma boneca e fraldas. Uma vez, veio ter com ela uma mulher que tivera um aborto espontâneo ao quarto mês de gravidez. Vanga mandou-a voltar mais tarde, quando estivesse novamente grávida, e trazer uma boneca e fraldas. Quando a mulher voltou, Vanga, de joelhos, embrulhou a boneca nas fraldas, depois desembrulhou-a e sussurrou algo sobre ela. Depois, entregou as fraldas e a boneca à futura mãe. Mais tarde, a mulher deu à luz no prazo uma criança saudável. Esse ritual geralmente ajudava todas as mulheres.

Vanga adorava muito as crianças e relacionava-se com elas com especial responsabilidade, que também exigia dos pais, a quem por vezes repreendia por educarem mal a criança. Dizia: «Não se pode olhar para a vida alheia da posição de proprietário! Os pais não são mais do que a possibilidade de uma alma descer à terra. Não há crianças más, há pais e mães maus!».

Vanga dizia sempre: «Nunca recusem ser testemunhas ou padrinhos! Esse trabalho é agradável a Deus».

Uma vez, veio ter com ela uma jovem mãe cujo filho sofria constantemente de pneumonia. Vanga disse-lhe: «O que deste à luz ainda não é suficiente! É preciso saber cuidar da criança. O rapaz é doentio porque cresce em limpeza excessiva e assim será até fazer 6 anos».

Uma vez, uma mãe de uma criança falecida procurou Vanga. A vidente disse: «Vês, ele está ao meu lado! Vêm ter comigo de mãos vazias e eu espero uma flor ou uma vela... Não preciso de dinheiro, comida nem bebida. Se eu agora me cansar, esse cansaço não passará

até de manhã. Preciso de flores e velas...». Vanga pedia sempre que lhe trouxessem flores e velas. Talvez a flor ou a vela neutralizasse parte da energia que se acumulava à volta de Vanga quando falava com os mortos. Uma vez, queixou-se de que os mortos a fatigavam. «Se recentemente morreu alguém próximo de vocês», disse ela, «venham ter comigo com flores em vasos. Essa informação sobre os mortos que vocês criam com a vossa presença, a flor absorverá e salvar-me-á da náusea e dos ataques».

A pessoa, viva ou morta, era para ela uma fonte de informação. Mas muitas vezes essa informação passava tão rapidamente que Vanga não conseguia vesti-la com palavras. Havia também informação sobre a qual «não era permitido» falar. Por vezes, a própria Vanga, por razões morais, não queria revelar o futuro à pessoa.

Nesses casos, passava para predições vagas ou mostrava sinais. Muito frequentemente, expulsava as pessoas porque não queria dizer-lhes toda a verdade.

Quando Vanga se queixava do seu dia de trabalho excessivamente longo, dizia: «Eu sigo os vermes, só eles trabalham mais do que eu».

Claro que Vanga tinha inimigos ou, melhor dizendo, malquerentes, que calculavam escrupulosamente quantas das predições dela se cumpriram e quantas não; nos jornais aparecia informação de que Vanga era uma charlatã ou agente da KGB. No entanto, todos esses rumores eram espalhados precisamente por aqueles que acabavam por ser dos visitantes expulsos pela vidente.

Vanga, com os seus olhos cegos, «via» não só toda a vida da pessoa, os pensamentos, atos dela, mas também os destinos dos seus entes queridos e amigos. Nem sempre as palavras de Vanga traziam alívio; por vezes, colocava os visitantes em situações embaraçosas.

O que mais a irritava eram mulheres casadas que procuravam homens para si. Uma visitante assim perguntou-lhe: «Diz-me, encontrarei um amigo?». Vanga respondeu secamente: «Não, fica em casa e suporta o marido». Esta indignou-se: «Não consigo suportá-lo e tenho direito à felicidade!». Mas Vanga tinha uma relação especial com a felicidade. Dizia: «Que sentido atribuem à palavra "felicidade", não consigo compreender... Provavelmente, sob "felicidade" as pessoas

entendem que tudo esteja em perfeita ordem e não haja problemas. Mas assim não acontece. Não há pessoa nascida só para a felicidade. Um é excelente trabalhador, mas as coisas não correm bem em casa; noutro, tanto uma como outra coisa estão em ordem, mas não tem saúde; um terceiro é saudável, mas os filhos adoecem, etc. Em toda a pessoa há bem e mal. Assim está arranjado o mundo. Para mim, a raiz da felicidade está na paciência da pessoa».

Jornalistas de vários países vinham frequentemente ter com Vanga. Uma vez, visitou-a o jornalista libanês Abdalá. Eis como descreveu a visita: «Uma sala comum. Ao meio, um aquecedor elétrico. No sofá, coberto por uma colcha colorida às riscas azuis e laranja, senta-se Vanga. Tenso todas as minhas forças espirituais e vontade para não me deixar influenciar por ela. Tiro os óculos e observo os rostos das três mulheres sentadas no canto. Examino os padrões do pequeno tapete no chão. Tento memorizar tudo o que vejo.

Na sala reina silêncio total. Sento-me num banco baixo. De Vanga separa-me uma mesinha coberta por uma toalha. Tem cerca de setenta anos. Rosto pálido-amarelado, vestido preto, colete de lã tricotado e meias de lã coloridas. É cega. Olhos que não veem. Antes de Vanga ficar cega, eram pretos. Boca pequena. Cabeça coberta por um xaile, através do qual ainda se veem cabelos pretos».

A profetisa previu então ao jornalista muitos eventos da vida pessoal dele, mas mostrou também o curso dos eventos políticos no Líbano para os três anos seguintes.

Uma vez, um jornalista procurou Vanga, mas não com perguntas pessoais, e sim «filosóficas». Ela disse-lhe: «Tu relacionas-te comigo com grande preconceito». Ele, fingindo não compreender, continuou a fazer as perguntas: «Em que relações se encontra o homem consigo próprio e é capaz de esclarecer isso? Coincide o sentido da vida com a própria vida?...». E então Vanga baixou bruscamente a cabeça para a mesa e exclamou alto: «Meu Deus, por que razão querem todos chegar a ti vivos!».

Depois, erguendo a cabeça e ajustando o lenço, acrescentou: «O sentido da vida está guardado junto de Deus. Lá num ninho de pássaro especial». Mas o jornalista não desistia e continuava a inquirir: «E não há

ladrões?». «Lá só o Senhor é ladrão», respondeu Vanga. «E se ele rouba, rouba a si próprio. E o roubado distribui pelas pessoas».

Não gostava de falar de política, embora tivesse previsto a Segunda Guerra Mundial, tal como não gostava de falar com jornalistas nem dar entrevistas. Houve muitas tentativas de gravar secretamente a conversa com Vanga usando um gravador, mas depois verificava-se que a fita estava limpa e a gravação não ocorrera por razões inexplicáveis.

Uma vez, um monge veio ter com Vanga acompanhado por uma jovem mulher e a mãe. Vanga perguntou-lhe: «Por que vieste novamente?». O monge respondeu: «A minha mãe está doente». «Mas tu és monge», retorquiu Vanga, «a tua casa é o mosteiro e a igreja a que te dedicaste é a tua mãe. Sei que os monges devem viver só para Deus; ao fazerem o voto, morrem para a vida mundana».

Então o monge, envergonhado, disse: «Trouxe aqui uma parente que também quer entrar num mosteiro e tornar-se freira». «Mas como», indignou-se Vanga, «ela não é virgem, tem família?». «Sim», respondeu o homem, «tem dois filhos, mas vivem mal com o marido e ela considera que essa vida não tem sentido para ela». No entanto, Vanga disse: «E então tu, vestido com a sotaina, foste abrir-lhe o caminho? Não! Ela não tem direito de abandonar os filhos e tocar nas portas da igreja. De quem quer esconder-se? Sairá da casa dela, mas as lágrimas das crianças queimá-la-ão viva. Saiam!... E tu, rapaz, não te metas nisso!».

Vanga tentava sempre, a qualquer preço, preservar as famílias que podiam desfazer-se. Por vezes, proferia uma sentença severa, compreendendo e sabendo perfeitamente quão certo está aquele que se considera enganado e ofendido.

Os motoristas das redondezas de Rupite contam que, antigamente, na estrada que leva a Rupite, muitos carros se acidentavam e pessoas morriam. A estrada serpenteia em curvas fechadas e está muito danificada. Uma vez, os habitantes locais pediram a Vanga que ajudasse os condutores. Vanga disse que não podia reparar a estrada, que isso era assunto do Estado, e este agora não era rico. Mas afastaria para sempre a desgraça dessa estrada... E pediu que lhe trouxessem um saco de açúcar. Depois, os motoristas, seguindo as indicações da profetisa, espalharam o açúcar nos troços mais difíceis da

estrada e, a partir daí, a estrada tornou-se realmente segura; ninguém se acidentava nela. Mesmo após a morte da profetisa, os habitantes locais acreditam que Vanga os protege e guarda e, portanto, no caminho para a casa dela nada acontecerá a ninguém. «Aqui nada de mau pode acontecer», disse Nikolai Valchev, motorista búlgaro. «Baba Vanga protege todos os que vêm ter com ela». A viagem, mesmo nos troços mais perigosos da estrada, tornou-se segura.

Lidia Mikhailovna Baranova, médica de Kursk que se tornou posteriormente conhecida próxima de Vanga, contou como se conheceram: «Ainda no início dos anos 80 sonhava encontrar-me com ela. Como não sei búlgaro, convenci a minha antiga vizinha Lyudmila Petkova, que, após o casamento, vivia em Sófia, a acompanhar-me como tradutora. Pelos jornais soubemos que, no verão, Vanga vivia e recebia visitantes numa pequena aldeia no sul da Bulgária. De manhã chegámos a Rupite, situada num vale montanhoso, lavámo-nos numa fonte mineral quente e fomos à casa, onde já se reunira muita gente. Não era fácil chegar à vidente. Os búlgaros inscreviam-se com antecedência e esperavam a vez durante 1,5 a 2 anos. Para estrangeiros, Vanga fazia exceção e recebia-os no dia da chegada. Verdade seja dita, nem todos; recusava pessoas mentirosas, com alma podre — sentia-as por instinto».

Ainda nem tivera tempo de me inscrever quando apareceu no hall um secretário que anunciou: «Que entre a médica da Rússia, aquela de macacão. Vanga está à espera dela». E apontou com o dedo para Lidia Baranova, vestida com um macacão de verão de tecido de ganga.

Vanga era muito devota e o principal ornamento da sua morada mais do que modesta, mobilada sem qualquer pompa, eram os ícones.

«Quase me senti mal», continuou Lidia Mikhailovna. «Comecei a tremer, pois interiormente ainda não estava preparada para a conversa fatídica. Entrei na sala meio morta de medo, mas Vanga acalmou-me rapidamente, pegou nas minhas mãos geladas com as dela e começou a acariciá-las, repetindo: "Boa doutora, boa".

Era grisalha, mas parecia consideravelmente mais jovem do que os seus anos. Os olhos cegos estavam abertos e nas córneas viam-se cicatrizes horrendas; sentia-se que sofrera muito. A sensação principal

era puramente física: dela emanava uma energética poderosa, uma enorme onda quente cobriu-me. Com os seus olhos cegos, mas que tudo viam, como se radiografasse a pessoa. Normalmente, Vanga respondia apenas a três perguntas, ou seja, a visita durava regra geral 7 a 10 minutos, mas a mim reteve-me e conversámos uns 40 minutos».

Lidia Mikhailovna contou que Vanga detestava que a chamassem baba e os conhecidos tratavam-na por «lala Vanga» — tia Vanga. Quando falava com estrangeiros, ajudava-a um tradutor e Vanga exigia sempre que traduzisse exatamente todas as suas palavras.

No primeiro encontro, Vanga predisse a Lidia Baranova uma notícia terrível, embora esta não a compreendesse logo. «Vanga perguntou-me: "A quem te pareces na família? Quem é ele? Vejo a sepultura dele"», contava Lidia Mikhailovna. «"Ao pai" — respondi eu. E a segunda parte da frase dela tomei como facto consumado, pois nessa altura o pai já não estava entre os vivos...». Só em 2001 a médica de Kursk compreendeu o que exatamente Vanga predissera. Nesse ano, morreu tragicamente o irmão Viktor Mikhailovich Baranov, diretor médico do sanatório «Maiak». E o irmão era muito parecido com Lidia Mikhailovna.

Ainda Vanga disse-lhe que ela viria ter com ela mais vezes e Lidia Mikhailovna tomou isso como um convite. Assim aconteceu depois: ao longo dos 7 anos seguintes, vinha todos os anos, por vezes duas vezes por ano, ter com Vanga; algo a atraía para a Bulgária e para essa mulher incrível.

«Terminei cursos de medicina não tradicional», conta Lidia Baranova, «e fiz pós-graduação na KGMU no departamento de psiquiatria, ocupando-me da investigação dos analisadores visual, auditivo e cinestésico. Interessava-me concretamente como uma pessoa completamente cega vê tudo e até distingue cores. Não conseguia compreender de que modo era capaz de adivinhar os pensamentos de outra pessoa, os seus desejos ocultos. Detalhe curioso: Vanga não permitia que a fotografassem ou gravassem a voz em fita sem consentimento dela. Se alguém o fizesse sem pedir, a película fotográfica e a cassete acabavam por ficar vazias ou veladas.

Vanga era para a Bulgária um património nacional, pelo que o Estado declarou oficialmente que ela era o fenómeno n.º 1. As

autoridades cuidavam dela e deram-lhe carro, médico pessoal, cozinheira, segurança. No entanto, a própria Vanga inclinava-se mais para o povo simples e, mesmo quando milhares de visitantes começaram a procurá-la, não cercou a casa com uma vedação alta nem se isolou do mundo com portões de ferro. Gostava de receber as pessoas no quintal, num banco ou no coreto, especialmente nos dias quentes.

Não é de admirar que fosse próxima de todo o povo búlgaro, e não só.

Nela, mulher aparentemente comum, ainda hoje se esconde um mistério místico da natureza. Talvez a solução esteja no facto de, na coroa da cabeça de Vanga, até à velhice profunda, não ter fechado a fontanela, que respirava como num recém-nascido. Aparentemente, através desse «canal» se realizava a ligação dela com o cosmos, com a inteligência universal.

O dia de trabalho dela durava 12 a 14 horas, pois por vezes recebia até trezentas pessoas. Imagino como a coitada se cansava com a tensão mental insuportável. Afinal, não era um autómato programado, era uma pessoa viva, adoecia como todos.

Nos últimos anos, Vanga sofria de uma doença oncológica e, um ano e meio antes da morte, já não recebia ninguém».

Com o tempo, Lidia Mikhailovna Baranova aproximou-se muito de Vanga e tornou-se-lhe próxima espiritualmente. Vanga alegrava-se especialmente com os presentes dela. Uma vez, Lidia Mikhailovna ofereceu a Vanga chinelos de casa decorados com missangas e um xaile de seda preta. Depois, alegrou-se ao ver numa газета búlgara da época uma fotografia de Vanga com o xaile oferecido. Ainda hoje guarda essa газета.

Vlad Vasyukhin, jornalista e escritor russo, visitou Vanga em 1990. Queria fazer-lhe uma entrevista, mas os colegas búlgaros disseram-lhe que dificilmente conseguiria, porque Vanga não quereria falar para o microfone. Ele admirou-se no início, mas os colegas explicaram que a gravação não resultaria: ou a fita ficaria vazia ou o gravador avariava. No entanto, isso não o demoveu. Um dos amigos búlgaros de Vasyukhin perguntou-lhe: «Não tens medo de que ela te diga algo que depois

torne a vida um peso?». Mais tarde, verificou-se que esse homem próprio visitara Vanga na altura e soubera algo sobre o futuro dele, nada agradável. Um ano depois, quando o jornalista búlgaro fez 35 anos, morreu; aparentemente, por isso quisera tanto dissuadir o colega russo do encontro com a vidente, pois por vezes ela comunicava aos visitantes a amarga verdade sobre o futuro.

Uma vez, um taxista búlgaro veio ter com Vanga com o filho. O rapaz tinha fortes dores de cabeça e os médicos recomendavam trepanação do crânio. Vanga disse que o miúdo não tinha tumores nem hemorragias, apenas focagem diferente nos olhos. É um fenómeno muito raro, mas Vanga conseguiu determiná-lo e indicou a que hospital e a que oftalmologista se deveriam dirigir. Então os pais fizeram o necessário, recorreram ao médico recomendado, este escolheu os óculos adequados para o rapaz e as dores de cabeça passaram.

Os cientistas notam que as manifestações mais misteriosas do dom de Vanga eram a capacidade dela de falar com pessoas mortas há 100, 200 ou mais anos e prever sobre crianças ainda não nascidas.

Levavam a Vanga crianças doentes de que por vezes os médicos desistiam de tratar. Uma vez, trouxeram-lhe uma menina de três anos que todos os dias se enfiava debaixo da mesa, enroscava-se num novelo vivo e ninguém conseguia abrir-lhe os braços e as pernas. Os médicos faziam os diagnósticos mais incríveis. Alguém até supôs que na criança se excitara precocemente o sistema sexual, mas ninguém propunha tratamento eficaz. Vanga aconselhou banhar a menina num decocção de palha podre, depois os pais deviam deitar esse decocção num formigueiro e convencer a menina a urinar nesse mesmo formigueiro. Depois, deviam tirar a parte superior desse formigueiro e trazê-la a Vanga.

Os pais executaram exatamente as recomendações da curandeira e voltaram a procurá-la. Vanga pegou no monte húmido do formigueiro, segurou-o alguns segundos, murmurando algo, e depois disse satisfeita aos pais: «Agora está. Levem isso de volta para onde o tiraram e a menina está curada». Mais tarde, o pai da criança confirmou que os ataques não se repetiram e contou ainda que, quando «segurava a miúda sobre o formigueiro, reparou que, juntamente com a urina, saiu dela algo preto, como uma mancha...».

Uma vez, Elena Andreeva, correspondente da revista «Druzhba» («Russos»), visitou Vanga. Mais tarde, descreveu o encontro fatídico num dos seus artigos: «Ao transpor o limiar, muito nervosa, atravessei o pequeno hall e entrei na sala. No sofá, debaixo de um ícone, sentava-se uma mulher de pouco mais de quarenta anos, rechonchuda, com rosto redondo simples, com lenço claro, cega. Ao lado, sentava-se a irmã Lyubka — elegante, com traços finos, jovem, pouco parecida com camponesa. "És divorciada?", perguntou de repente a profetisa.

Olhei confusa para Lyubka: devo responder? A pergunta, como se costuma dizer, foi direta ao ponto. Fiquei ainda mais embaraçada. Então, já dirigindo-se à irmã, Vanga descreveu a minha aparência, descreveu-a bastante exatamente, assim como o caráter, disse algumas palavras boas a meu respeito, aparentemente para me encorajar. Depois, pronunciou com voz calma: "Tens uma desgraça tal que há muito devias ter vindo ter comigo. Mas não te preocupes, o doente vai recuperar. Só muda-lhe o ar. E faz isso o mais rapidamente possível".

Como contava a própria profetisa, a vida humana passa diante do seu olhar interior do início ao fim — a morte —, como num filme, mas essa informação chega-lhe independentemente da vontade dela e sem qualquer esforço.

Voltei a ficar perplexa. O que significam as palavras dela? Mudar de clima? Ou talvez instalar um ar condicionado ou ionizador no quarto? Ou ocorre autoenvenenamento do organismo e existe algum modo de extrair o ar do doente? "Refere-se ao clima?", esclareci eu, decidindo que essa suposição era mais realista. "Sim", respondeu Vanga. Pela primeira vez pensei que, para estrangeiros que não sabem búlgaro, metade das palavras se perde; traduzir Vanga é muito difícil, por vezes nem os conterrâneos a compreendem».

Um caso amplamente conhecido está ligado ao futebol. Uma vez, adeptos de futebol procuraram Vanga para pedir ajuda na véspera de um jogo decisivo da equipa local. Vanga mandou-os fazer um grande bolo em forma de campo de futebol. Os pasteleiros trabalharam toda a noite. De manhã, o bolo foi trazido à vidente; ela aproximou-se e simplesmente cortou-o ao meio. O jogo dessa noite terminou empatado.

Depois, Elena Andreeva contava que seguiu o conselho da vidente e transportou o doente para os arredores de Moscovo. «Veio a cura», escreveu ela, «após muitos anos de hospitais, atribulações, desespero. Tão simples e tão fatídico. Se cada um pudesse, num momento crítico, encontrar uma conselheira assim insubstituível, milagrosa! Uma conselheira que não se engana. Note-se que transportar uma pessoa doente não para um sanatório, mas para residência de muitos meses, não é nada simples. Por falta de outro lugar, instalámo-nos no nosso terreno de jardim, numa casinha minúscula com fendas, sem quaisquer comodidades. Pareceria que, nessas condições, até um saudável poderia adoecer. Mas veio a cura. Vanga sabia o que dizia. Penso que os conselhos dela não têm preço, são inestimáveis!».

Sobre Vanga, nos anos 70, foi rodado o filme «Fenómeno», mas durante muitos anos ficou na prateleira e só na primavera de 1990 os telespectadores búlgaros finalmente o puderam ver. A realizadora do filme — Nevena Tosheva. Contou sobre as filmagens e as circunstâncias associadas num entrevista para a revista.

O tema para esse filme foi-lhe proposto no estúdio. «Embora, claro, já tivesse ouvido muito sobre Vanga nessa altura», contou Tosheva, «e até falara com ela uma vez. Foi uns cinco anos antes de começar a trabalhar no "Fenómeno". Estávamos a rodar um filme em Petrich, aproximámo-nos da casa de Vanga, vimos a multidão. Os meus colegas queriam muito experimentar o destino, mas depois todos se assustaram.

O facto é que Vanga por vezes diz coisas bastante íntimas. Por exemplo, dirige-se a uma mulher: "Por que enganas o marido?" — "Não engano", justifica-se esta assustada. "E quem vai a tua casa?", retorquiu Vanga. "Que homem visita a tua casa? Esse homem não é teu filho, nem teu irmão, nem teu marido. Para que vai ele?". Nem todos acham agradável ouvir tais coisas em público e as predições assustam. Por isso, o grupo não esperou que Vanga se aproximasse de nós...

No filme está captado o momento de comunicação de Vanga com uma vaca morta que uma camponesa procurava. Vanga transmite o relato dessa vaca sobre como os lobos a encurralaram. Claro que, para a camponesa, essa vaca era a única fonte de sustento, mas agora não a procuraria em vão, sabendo com certeza que a vaca estava morta.

Assim, o grupo dispersou-se e Tosheva ficou; Vanga falou com ela. Disse que Nevena tinha um trabalho muito interessante, que lhe esperavam muitas viagens e que a profissão do filho estaria de algum modo «ligada ao ferro», como Vanga se expressou. «Não acreditei nisso», continuou Tosheva o relato, «porque nessa altura o meu filho estudava num instituto que nada tinha a ver com "ferro". Mas, dois anos depois, mudou de profissão, por isso até nisso Vanga não se enganou. Claro que tais encontros não se esquecem e, quando me propuseram fazer um filme sobre Vanga, aceitei com alegria».

A própria Vanga recusou longamente a ideia: «Para que precisam desse filme, onde o vão rodar?», perguntava ela. Nevena respondeu-lhe: «Em Petrich». «Mas em Petrich não há nada de interessante», disse Vanga. Tosheva retorquiu: «Em Petrich estás tu e devemos mostrar-te às pessoas».

E Vanga riu-se em resposta: «Como vão rodar o filme se o vosso aparelho está avariado?». Então a realizadora pensou que, dessa vez, Vanga certamente se enganava, pois o grupo de filmagem tinha nessa altura um aparelho francês completamente novo, em perfeito estado, de que ninguém duvidava.

Depois começou o trabalho sobre o filme e foi filmado o relato de Vanga sobre como ficara cega na infância durante uma tempestade, como pela primeira vez sentira em si o dom da vidência, como começara a aparecer-lhe um cavaleiro que lhe indicava o que devia dizer às pessoas, que Vanga sabia o nome desse cavaleiro, mas queria mantê-lo em segredo... Filmou-se bastante material, todos trabalhavam com entusiasmo e sem descanso e depois regressaram a Sófia para revelar a película. À noite, o operador de som telefonou à realizadora e comunicou tristemente: «Defeito». A película estava vazia e o equipamento avariado.

No filme «Fenómeno» está captado o momento do encontro de Vanga com uma mulher, uma das visitantes.

«Quem te inscreveu para mim?», perguntou a vidente.

Essa mulher, com manifesta ansiedade, respondeu:

«Há mais de um ano que esperamos pelo atendimento, o meu filho tem ruído no coração...». No entanto, Vanga não a deixou acabar e

disse: «Tu tinhas ainda mais ruído, mas cresceste saudável». «Sim, mas os médicos dizem», continuou a mulher, «que o meu filho vai morrer...»

«Não morre», cortou Vanga. «Ele crescerá e recuperar-se-á...»

Capítulo 2. Vanga na vida das pessoas comuns

Era preciso começar tudo de novo, mas repetir pela segunda vez diante da câmara o relato de Vanga o grupo recusou-se, pois então não haveria o naturalismo desejado e a segunda vez sempre sai mal, porque diante da câmara não está um ator profissional, mas uma pessoa viva, real, e ainda por cima uma pessoa com capacidades fenomenais. Então a realizadora, em conjunto com os colegas, decidiu construir o filme de outra forma. Para as filmagens foi convidado o conhecido psiquiatra búlgaro Nikola Shipkovenski. Ele devia fazer perguntas a Vanga da posição da sua experiência e profissão. No entanto, assim que entrou em casa da vidente, Vanga começou ela própria a fazer-lhe perguntas: «Doutor, o que faz com a sua doença?».

Shipkovenski ficou um pouco atónito e, após uma pausa, respondeu: «Procuro tratá-la». Vanga perguntou de novo: «Com que a trata?». «Com o facto de não pensar nela», respondeu ele. «E por que não procura outro remédio?», admirou-se Vanga. O professor ficou tão embaraçado que não soube o que responder. Escondia a sua doença de si próprio e de todos os que o rodeavam, mas Vanga anunciou-a diante de todo o grupo de filmagem e havia razões sérias para isso. A doença era realmente perigosa e demasiado avançada: o professor Shipkovenski morreu antes de terminarem as filmagens do filme.

O jornalista que entrevistava a realizadora do filme perguntou: «Nevena, não tinhas medo de comunicar com uma pessoa que lia o futuro tão claramente? Afinal, o futuro é frequentemente sombrio...». Nevena Tosheva, como mulher típica de negócios, a quem o trabalho não permite envelhecer, encolhendo os ombros, respondeu: «Fui educada de tal modo que nada temia. Cresci na aldeia, para ir buscar água era preciso passar pelo cemitério; normalmente, ao entardecer, faziam-no os rapazes mais velhos, mas uma vez fui eu: provavelmente queria testar-me... Passei calmamente a vedação do cemitério e, quando regressei, comecei a tremer.

No filme são mostrados os visitantes simples de Vanga, que em multidão densa e escura estão junto à casa dela, e parece que toda a Bulgária está na fila. Periodicamente, do limiar, gritam um nome qualquer, convidando para a profetisa: Mariyka, Ivanko, Tenchó...

Os convidados atravessam apressadamente o espaço vazio, os restantes continuam a esperar pacientemente. Pelos rostos vê-se que essas pessoas vieram a Vanga com a última esperança de encontrar familiares desaparecidos, curar-se de uma doença ou salvar o seu ente querido. O sofrimento as trouxe aqui, sofrimento que mais ninguém pode partilhar. Todos estão à espera de um milagre e acreditam que esse milagre é real, não superstição nem mística, mas realidade. Embora, claro, nem para todos o atendimento com Vanga terminasse em cura feliz ou libertação de um fardo pesado de preocupações.

Parece que algo semelhante aconteceu no meu relacionamento com o fenómeno de Vanga. Enquanto rodava o filme, preocupavam-me principalmente problemas puramente profissionais. Por exemplo, irritava-me como era difícil manusear o equipamento na atmosfera da casa apertada, entre quatro paredes, onde há tão pouca luz... Além disso, Vanga não era só uma celebridade cujo nome deu a volta ao mundo, mas também simplesmente uma pessoa, muito viva, espontânea. Nunca, nem antes nem depois, encontrei pessoas que se comportassem de forma tão livre, quase infantil. E ela nem sempre dizia aos homens coisas fatídicas, por vezes algo comum, do dia a dia, por exemplo, sobre uma vaca que se perdera. Quando começámos a trabalhar no filme, acordámos que estávamos a criar não um monumento a Vanga, mas um documento. Dizia a mim própria que, talvez, muitos, muitos anos depois, as pessoas veriam o filme e teriam uma ideia de como era essa famosa búlgara, sobre quem na altura tanto se escreveu».

A realizadora Nevena Tosheva disse que o filme foi proibido não só porque a ideologia daqueles anos negava tudo o sobrenatural, mas «principalmente por causa da segunda parte. Todo o material filmado em casa de Vanga mostrámo-lo aos nossos cientistas e filmámos a discussão deles. E quase todos os participantes dessa discussão parecem dogmáticos, esforçam-se tanto por demonstrar a sua fidelidade ao materialismo!».

A própria Tosheva, após as filmagens do filme, mudou substancialmente a sua atitude face aos fenómenos difíceis de explicar do ponto de vista materialista. «Sim, agora começo a compreender», disse ela, «que ao nosso lado existe um mundo qualquer que não vemos. Vanga comunica constantemente com esse mundo. Por exemplo, disse-me uma vez (esse trecho foi filmado, mas não entrou no filme): "Hoje a casa está cheia de mortos". Perguntei-lhe: "Vanga, tu és cega, como distingues os vivos que vêm ter contigo dos mortos?". Ela respondeu: "É muito simples. As pessoas vivas têm figura, os mortos são como sombras"».

As suas falas pareciam-me estranhas. Cresci numa casa onde não havia Bíblia, mas podia encontrar-se livros sobre darwinismo. O meu pai era um ateu rural e educou-me como tal.

Mas depois morreu o meu marido e as minhas representações do mundo viraram-se do avesso. Lembro-me de que Vanga tentou preparar-me para essa perda — à sua maneira. Disse-me uma vez: "Nevénochka, tens os dedos tão finos que o dinheiro nem neles para. Guarda algo para o caso de ficares sozinha". Respondi despreocupadamente: "Não estou sozinha. Tenho marido". Vanga calou-se e depois perguntou: "Por que o teu marido está sempre deitado?". "Ele simplesmente gosta de ler deitado", respondi com a mesma despreocupação.

Olhando para como Vanga recebia os visitantes e falava com eles, dando a uns conselhos alegres ou ternos, a outros respondendo bruscamente, pode notar-se que o fazia com alto profissionalismo, aplicando o seu dom simultaneamente com técnicas adquiridas ao longo de muitos anos de trabalho.

Vanga não discutiu. Em geral, apesar de toda a sua espontaneidade, era uma pessoa bastante delicada e esforçava-se por não assustar as pessoas com predições sombrias, se elas não mostrassem insistência. Não prestei atenção e a conversa pareceu esquecida. No entanto, a predição de Vanga cumpriu-se muito em breve. O meu marido morreu de AVC. Após o casamento do filho, vivo sozinha. Agora sei o que é a solidariedade. Mas sei também que a pessoa não parte com a matéria. Algo permanece. Vejo frequentemente sonhos estranhos...»

A cena filmada do «disputa científico» é perfeitamente atual, pois hoje, como há 20 anos, à volta do dom de Vanga não cessam as discussões. E ainda assim, a grande profetisa demonstrou aos cientistas que o mundo do além existe e os mortos andam sempre ao lado dos vivos.

Uma médica russa que uma vez visitou Vanga contou que a vidente falava dos curandeiros da profunda antiguidade com pormenores incríveis, comunicava métodos de tratamento deles. Obter tais informações, na opinião dela, só é possível com contacto direto com esses curandeiros. A russa admirava-se e perguntava a si própria e aos outros: «Como é possível, donde sabe ela os nomes de curandeiros mortos há séculos?».

Uma vez, uma mulher com uma criança procurou a profetisa. Vanga perguntou-lhe: «O que têm?». Ela respondeu: «A criança, a criança aí. Os médicos de modo nenhum conseguem estabelecer o diagnóstico. Dizem que pode ser epilepsia!». Ao lado da mãe estava um menino de quatro anos que se mexia de uma perna para a outra, que, ao contrário da mãe, estava completamente calmo e só olhava à volta com curiosidade. Vanga, irritada, disse à mulher: «Tretas! O menino teve um grande susto, ficou preso um nervo, por isso começaram as dores e os ataques». Depois dirigiu-se a Lyudmila Kim (extrassensata russa), que nessa altura estava com Vanga: «Lyuda, tentas?». Ela respondeu: «Claro». E fez o que era necessário nesse caso: reposicionar as vértebras.

«Bem», assentiu Vanga com a cabeça. «Mas mesmo assim precisam de aquecer a coluna. Peguem numa fita normal, mergulhem-na em cera cozida e coloquem nas costas, desde o pescoço até ao cóccix — isso tirará a inflamação das terminações nervosas».

Depois, entraram os pais com uma menina de 5 anos que sofria de paralisia cerebral. Vanga falou um pouco com os adultos e depois anunciou: «Stella Dimitrova ajudá-los-á (S. Dimitrova — uma das extrassensatas mais fortes da Bulgária). Digam que os mandei eu e Stella receberá».

Os visitantes perguntavam frequentemente a Vanga: «Porque, por que tal desgraça? Nós esforçávamo-nos por ser bons e misericordiosos,

nunca desejámos mal a ninguém...». Mas Vanga respondia calmamente: «Ninguém é culpado pelo sofrimento humano além das próprias pessoas. Movem-se pouco, comem e bebem muito, discutem e brigam até com os mais próximos e depois espantam-se com as suas desgraças e azares. Não basta não fazer o mal, nem se pode sequer pensar mal, pois o pensamento é material».

Surpreendentemente, mesmo após a morte, Vanga vem ajudar as pessoas. Lidia Viktorovna, habitante de Sófia, mas russa de origem, contou que uma vez Vanga lhe apareceu em sonho no momento mais crítico da sua vida. O marido da mulher morrera, declararam-no culpado de um acidente de automóvel e da morte de outras pessoas. Os nervos da mulher não aguentaram e, num dado momento, decidiu pôr termo à vida. Mas nessa mesma noite, em sonho, apareceu-lhe Vanga e disse: «Ainda és necessária neste mundo!». A mulher tomou essas palavras como ordem vinda do alto, de que é preciso viver, por mais difícil que seja, e que privar-se da vida é pecado imperdoável.

É conhecido um caso em que o espírito de Vanga apareceu na Rússia. Raissa Ikoyeva, de 50 anos, habitante de Nalchik, uma noite ouviu a voz de Vanga a profetizar um grande destino para o país. «Soava-me nos ouvidos», contou a mulher a um correspondente da revista. «Não alta, mas autoritária. Exatamente como a ouvi no filme sobre Vanga. Não sei búlgaro, mas as palavras que soavam na cabeça eram-me de alguma forma compreensíveis. Como se Vanga falasse comigo em russo. Primeiro assustei-me, mas a voz acalmou-me, dizendo que não causaria mal a ninguém...».

Raissa Ikoyeva nunca antes se interessara por temas semelhantes, não se considerava extrassensata e quase nada sabia sobre Vanga. «Uma noite, quando não conseguia dormir», contou ela, «decidi folhear um livro sobre Vanga. E começaram a acontecer fenómenos incríveis. O livro fechava-se sozinho, escapando-me das mãos. Assustei-me, olhei para o calendário. Era 11 de agosto, no livro essa data estava marcada como dia da morte de Vanga...». A mulher decidiu no dia seguinte assar pastéis, distribuir doces pelos vizinhos, para recordar a profetisa falecida. No entanto, tendo feito tudo isso, à noite desse mesmo dia, quando voltou a pegar no livro e olhou para a fotografia de Vanga na capa, ouviu inesperadamente a voz dela. A profetisa disse: «Cuida da

cabeça da criança!». A mulher assustou-se muito, mas não deu grande importância às palavras; no entanto, já no dia seguinte, cumpriu-se a predição de Vanga: o filho pequeno de Raissa caiu e partiu a cabeça.

O espírito de Vanga aparecia a muitas pessoas na Bulgária e, segundo os familiares dela, a quem também aparece em sonhos, Vanga mesmo após a morte continua a ajudar as pessoas e a predizer o futuro.

Depois disso, a mulher acreditou na voz de Vanga. Em breve, ouviu a incumbência de Vanga — transmitir as palavras dela a Kirsan Ilyumzhinov. Raissa nem sabia quem era e onde ficava a Calmiquia, mas Vanga chamou-o o seu filho espiritual e mandou que necessariamente contactasse com ele. Pedia que avisasse de que, dentro de 2 meses, ele corria perigo. A voz repetia esse pedido todos os dias, até Raissa Ikoyeva se decidir a telefonar a Kirsan Ilyumzhinov.

Não lhe foi dado falar pessoalmente com o próprio presidente da Calmúquia, mas transmitiu a informação ao secretário dele. Este prometeu passar a profecia a Iliumzhinov, acrescentando que o presidente da Calmúquia realmente visitara Vanga várias vezes e até era amigo dela. Depois disso, o espírito de Vanga deixou de aparecer a Raíssa, como que acalmado. Mas, numa noite de dezembro de 2007, Raíssa não só ouviu, mas também viu Vanga. Apareceu-lhe vestida de branco, com um cajado nas mãos, e disse: «Passarão alguns meses e na Rússia mudará o poder. No ano seguinte, a Rússia enfrentará novas provações, mas o povo russo e o seu líder terão força e sabedoria suficientes para suportar tudo. Em compensação, depois a glória do vosso país voltará a ressoar pelo mundo inteiro, como acontecia com a URSS. Haverá pão suficiente para todos em igualdade. As doenças terríveis recuarão, as pessoas encontrarão a cura para o cancro — a doença que me matou a mim...

Depois, Vanga comunicou a Raíssa os nomes dos futuros presidentes da Rússia e acrescentou que «o maior será um funcionário atualmente desconhecido, no apelido do qual há a letra "s"». Vanga pediu que contasse esta profecia a todas as pessoas.

Resta apenas conjecturar se a mulher realmente comunica com o espírito de Vanga ou se é a sua própria imaginação que lhe prega partidas. Os sacerdotes ortodoxos, a esse respeito, decerto notariam

que, através do espírito de Vanga, com a infeliz mulher comunicam demónios. Mas, até agora, não lhe causaram grande dano, o principal é que a psique não sofra sob o peso de tão responsável obrigação — servir de arauto do espírito da grande Vanga.

O médico de Vanga, o doutor Ivan Petrov, recordava como, em 1994, em São Petersburgo, desapareceram rapazes de 9 e 14 anos. Os pais das crianças tentaram em vão encontrá-los, a polícia procurou-os durante 3 meses. Todos desesperaram e já pensavam que as crianças tinham sido assassinadas. Então, a mãe das crianças escreveu uma carta a Vanga, e esta respondeu imediatamente. Verificou-se que as crianças se afogaram, foram arrastadas para debaixo de uma margem íngreme no golfo da Finlândia. Mais tarde, os mergulhadores descobriram os cadáveres dos rapazes afogados no lugar indicado. Por mais pesada que fosse a perda, pelo menos as crianças não desapareceram sem deixar rasto.

A assistente de Vanga de 1985 a 1996, Vitka Petrovska, recordava: «Vanga não gostava de mulheres que vinham perguntar quando se casariam, nem das que queriam saber a data da própria morte. Despachava-as imediatamente. Não recebia pessoas más, ofendidas. Uma vez, veio ter com ela um militar de mota. E Vanga, logo à porta, pergunta descontente: "Para que vieste? Afinal, quando vinhas para cá, injuriavas-me. Vai-te embora!" Após o encontro com ela, sofreu um acidente na estrada e morreu. Quer dizer que, provavelmente, ela também podia amaldiçoar aqueles que não confiavam nela.

Em geral, não recebia muitos sem qualquer explicação do motivo. Começava logo a resmungar: "Tu não és para mim, vai-te daqui, não quero falar contigo". Não se coibia nas expressões. Despachou um logo à porta porque veio com a amante e não com a esposa. A outra cortou-a sem grandes cerimónias com a frase: "Para que me falas de amor infeliz, se tens sempre molhado entre as pernas? Vai procurar machos".

Ou houve este caso: veio ter com ela um general de Moscovo com escolta e secretária. Vanga olhou um segundo na direção deles e disse perante todos, com desdém: "Para que se meteram aqui? Fodeste a secretária em cima da mesa no teu gabinete, e ela já está grávida há 3 meses". O general sentiu muita vergonha. Ou outro caso. Recorreu a ela o chefe da alfândega: raptaram-lhe o filho, exigem resgate, o que fazer?

Vanga assegurou-lhe: "Está a copular com uma loira num resort, precisam de dinheiro, por isso inventaram como te extorquir, seu parvo"».

Contudo, Vanga sempre, por um motivo só por ela conhecido, identificava infalivelmente, na enorme multidão de visitantes, a pessoa que vinha ter com ela com uma verdadeira aflição. Destacando essa pessoa da multidão, convidava-a imediatamente para uma audiência, apesar de na fila estarem pessoas que por vezes esperavam meses por uma consulta e se inscreviam com um ano de antecedência. Dizem que, se uma pessoa agradava a Vanga, ao despedir-se, dava-lhe uma palmada no rabo à porta de casa.

Uma vez, veio ter com Vanga um homem de uma aldeia vizinha e perguntou-lhe: «Por que nascem mudos os meus filhos?» Vanga começou a indagar o que ele fizera de mau em toda a vida. E o homem contou que, uma vez, no seu pátio, um carneiro balia toda a noite, impedindo-o de dormir, então aproximou-se do animal, puxou-lhe a língua e cortou-a. Vanga disse: «É por isso que os teus filhos não falam».

O lema de Vanga: «Não faças o mal, para que o mal não te encontre».

A vice-procuradora da cidade de Petrich e afilhada de Vanga, Irina Armenova, contou: «Quando nasceu o meu irmão, Vanga disse que deviam chamá-lo Nikolai, porque nascera antes do Dia de São Nicolau. Mas o pai queria que o nome fosse Ilko (Ilia), como o do avô. Vanga, ao saber disso, levantou-se de um salto e gritou: "Não pode ser! Ele nasceu com o seu nome — Nikolai". Mas o menino foi batizado Ilia. E eis que, quando tinha 2,5 anos, trepou para um carro aberto, acendeu um fósforo, o teto incendiou-se, começou um fogo, e o rosto dele queimou-se. Vanga disse: "Este caso foi só um aviso". E então fomos mudar-lhe o nome. É verdade que as cicatrizes no rosto do irmão ainda lá estão».

O médico-terapeuta Ilia Apostolov, cuja avó era amiga próxima da vidente, contou que outrora trabalhara nos serviços especiais búlgaros e fora campeão republicano da Bulgária de kickboxing. Uma vez, após um combate, sofreu uma forte comoção cerebral, após o que perdeu a memória e nem conseguia ler. A medicina tradicional não ajudava, todos os médicos diziam que não recuperaria. Assim durou 5 anos, e então

recorreu a Vanga. Ela disse que Ilia não só recuperaria, mas também ele próprio passaria a tratar pessoas. Realmente, em breve o homem recuperou, e depois ingressou no instituto médico.

No fim da Segunda Guerra Mundial, veio ter com Vanga de Tbilissi uma mulher chamada Tamara. O filho dela era espião na Alemanha, os camaradas contavam que viram como o prenderam e enviaram para um campo de concentração. A mulher perguntou a Vanga se o filho estava vivo. Mas a vidente respondeu que ele fora morto e sepultado numa vala comum. Contudo, informou que a mulher tinha um neto, e o nome dele era o mesmo do filho falecido, e a criança vivia na Rússia. Essa notícia foi a salvação para a mãe destroçada pela dor. Tamara partiu para a Rússia à procura do menino. Em São Petersburgo, encontrou a nora e o neto, que, como se verificou, era muito parecido com o pai falecido.

Vanga enriqueceu o tesouro da Bulgária em 100 milhões de dólares.

Uma vez, veio ter com Vanga uma mulher com o marido e contou que três vezes nascera morta a criança. Vanga ordenou-lhe que viesse ter com ela quando voltasse a estar grávida. E eis que, quando a mulher, grávida pela quarta vez, voltou a Vanga, esta disse-lhe: «Desta vez, a criança nascerá viva, mas têm de vir ter comigo de novo para eu lhe dar o nome, porque só o nome certo lhe dará forças para viver mais». Durante o parto, os obstetras começaram a preocupar-se com a vida da criança: era muito fraca e mal respirava.

Os médicos como que se resignaram à morte inevitável, mas a mãe da criança gritou: «Vanga disse-me que ele não morrerá!» Então os médicos, que acreditavam no dom de Vanga, decidiram-se por uma operação muito arriscada, realizaram-na com sucesso e assim salvaram a vida da criança. Segundo testemunhas dessa história, o menino ainda hoje está vivo e saudável.

A assistente de Vanga nas tarefas domésticas, Vitka Petrovska, contou um caso da vida quotidiana da profetisa. «Uma vez, disse-me: "Faz um acompanhamento para o prato de carne" — recordava Vitka. — Respondo que no frigorífico não há nada de carne. Ela diz: "Prepara arroz e salada, que a carne virá sozinha". E realmente, em breve chega

uma pessoa com o seu problema. Ela deu-lhe um conselho, e ele, em agradecimento, deu-lhe um grande lombo de porco».

Vitka acrescentou também que a profetisa preferia principalmente comida vegetariana e, a esse respeito, recordou outro caso. «Assim, por exemplo — contou a assistente —, vieram ter com ela grandes políticos, perguntaram o que queria comer, eles pediriam do restaurante a comida mais cara. E ela responde: "Bolinhos de milho". E todo o establishment teve de se deliciar com esse prato. Ficaram com fome».

A sobrinha-neta de Vanga (o avô dela era casado com a irmã de Vanga, Lyubka), Karamfila Georgieva-Nikolova, disse que Vanga gostava de beber todos os dias 150 ml de whisky «Ballantine's» de 18 anos de envelhecimento. E adorava ainda o cocktail de mastika (espírito aromatizado com anis) e rakia (vodca de uva) com adição de algum licor.

A procuradora da cidade de Petrich, parente de Vanga (o avô dela era irmão do marido de Vanga, Dimitar), Lidia Manolova, recordava: «Sendo cega, de algum modo via tudo. Em criança, vivi em casa dela. E uma vez disse: "Naquele vaso com a flor há vermes que não deixam a flor viver, e a flor chora". Comecei a cavar e vi um grande verme. Era criança, assustei-me, chamei os adultos, e estes deitaram fora o parasita.

E quando estava nos primeiros meses de gravidez, disse: "Sabes que no teu ventre já há um pequeno ser humano?" E eu nessa altura nem suspeitava. Iluminou-me, como um raio-X».

Em Petrich, onde vivia Vanga, vivem ainda 30 000 pessoas. E cada família recorreu pelo menos uma vez a Vanga com o seu problema. Chegando a Petrich, pode-se literalmente em qualquer casa ouvir uma história sobre Vanga, sobre como ajudou a encontrar uma vaca ou um cão perdido, uma criança ou um adulto. Aqui, há milhares dessas histórias. Chamavam-lhe o Nostradamus de saias, embora a profetisa, na opinião dos céticos, fosse analfabeta e, em vez de assinatura, deixasse nos documentos a impressão do polegar. Mas as pessoas que conheceram Vanga de perto nem por um segundo duvidam de que possuía um grande dom divino.

O artista e sensitivo Petr Bakov, que conhecia Vanga há muito e era uma pessoa próxima dela, às palavras de um jornalista russo «E na Rússia muitos pensam que para Vanga trabalhavam os serviços especiais e os taxistas» ameaçou acaloradamente: «Se escreveres mal sobre Vanga — morres! Vieram ter com ela pessoas tão grandes, aproximavam-se dela de joelhos, pediam para tocar na mão, e tu...» Aqui, ninguém deixará ofender Vanga, e a memória luminosa dela será santamente guardada e protegida. Os vigaristas podem ganhar dinheiro enganando as pessoas, mas Vanga mereceu o amor de milhares de pessoas, e possuir tal dom só é possível dando-se com amor. Quem ama, é amado...

O responsável pelo templo e complexo monástico em Rupite, construído com meios de Vanga e dedicado a Santa Petka (a propósito, assim se chamava também a mãe de Vanga), Serafim Ivanov, contou um caso ocorrido durante a construção. «Cega, sem qualquer educação — partilhava ele —, desenhou ela própria o projeto deste templo e complexo monástico que agora construímos ao sopé do vulcão Kozhuh. Sentia que daqui, da terra, emana energia positiva. E até à morte dirigiu a construção. Assim, por exemplo, escavávamos a vala, ela liga de repente: "Onde escavam, aí há água!" E o escavador não via água — a vala estava seca. Mas mais tarde verificou-se que Vanga tinha razão».

Vanga conversava frequentemente com as flores. Dizia que as flores lhe comunicam certa informação cósmica.

Uma vez, veio ter com a profetisa um camponês e queixou-se de que os filhos não lhe sobreviviam, que todos morriam muito cedo. Já morreram 11 crianças. Vanga perguntou-lhe se se lembrava de, sendo ainda jovem, ter ofendido cruelmente a mãe. Esta engravidara, embora já fosse idosa, e o filho envergonhava-se disso. Mais tarde, morreram tanto a mãe como a criança, e o jovem, tornando-se homem, esqueceu-se disso. Vanga disse que ele ofendera o mais sagrado — a vida, por isso a natureza era tão impiedosa com ele. «Deves saber — disse ela — que a causa da tua desgraça não está na esposa. É preciso ser sempre bom, para não sofrer toda a vida».

O médico de Vanga, Ivan Petrov, contava que ela sempre dizia diretamente aos doentes ou aos familiares se valia a pena gastar dinheiro no tratamento, ou se o doente podia recuperar sozinho. Às

vezes, dizia a que médico deviam recorrer, nomeando o apelido do médico e descrevendo o seu aspeto, independentemente de que país fossem os visitantes. Se lhe perguntavam diretamente: «Quando morrerei?», Vanga nunca respondia. Mas a alguns dizia: «Vem ter comigo em tal dia de tal mês de tal ano». Se a pessoa não vinha no dia marcado, morria.

Apesar do seu trabalho diário e pesado, Vanga não enriqueceu. Em Petrich, tinha uma casita de dois andares, aproximadamente de 100 m². As divisões em casa eram de 10-15 m. No guarda-roupa de Vanga havia coisas simples e baratas, que na maioria ela própria tricotava: lenços, coletes, casacos. Na própria casa, nada de valioso havia, exceto bonecas antigas oferecidas e uma coleção de jarros de cobre e barro. O salário dela do instituto de investigação de sugestologia da Academia de Ciências da Bulgária era muito pequeno.

O dinheiro das consultas ia para a tesouraria municipal e para o fundo com o nome de Vanga, que encabeçava um dos afilhados dela. O pouco que conseguira acumular de moedas oferecidas, investiu na construção do templo. Claro, havia pessoas que a agradeciam por uma predição acertada com ofertas generosas. Por exemplo, uma mulher, búlgara de origem, mas vivendo na Áustria, ofereceu a Vanga 745 mil marcos. A maior soma — 1,5 milhões de marcos — ofereceu-lha o barão cigano Tsvetelin Kinchev em 1994. Houve casos engraçados. Uma vez, recorreu a Vanga um marido ciumento, mas esta tranquilizou-o, dizendo que a esposa não o traía. De alegria, o homem espalhou na mesa um maço de notas de cem dólares, mas nesse momento soprou vento e levantou o dinheiro no ar. Os próximos, que estavam presentes, tentaram recolher as notas, mas milhares de dólares assim se espalharam.

CAPÍTULO 3

CELEBRIDADES, CIENTISTAS E POLÍTICOS EM VISITA A VANGA

É conhecido que a Vanga vinham muitas personalidades de alto nível, artistas famosos, funcionários e políticos, jornalistas e escritores, desejando espreitar o seu futuro e o futuro de povos e estados inteiros. Claro, à vidente vinham frequentemente também cientistas que tentavam desvendar o segredo do seu dom.

As predições de Vanga eram frequentemente usadas em interesses estritamente estatais, especialmente amplamente divulgados eram os seus prognósticos políticos. Muitas das predições de Vanga foram registadas, mas algumas ficaram apenas na memória daqueles a quem foram dirigidas as palavras da vidente. Vanga predisse a Segunda Guerra Mundial. No auge das ações militares, veio ter com ela o próprio Hitler e, segundo testemunhas, saiu muito descontente. Embora ninguém ouvisse a própria conversa, pode conjeturar-se com o que Vanga poderia ter aborrecido o führer.

A 8 de abril de 1942, veio ter com Vanga uma velha amiga, a avó Tina, e disse que em breve a visitaria um hóspede muito importante. Em breve, trouxe o czar búlgaro Boris III. A irmã Lyubka contava que era um homem de estatura média, calvo, bigodudo, de olhos cinzentos e vestido com um casaco cinzento e calças de golfe. Claro, Lyubka ficou muito surpreendida, pois nem imaginava que na sua pobre casita algum dia entraria um hóspede tão alto.

Vanga, porém, como que não se surpreendeu, apenas se colocou no seu lugar habitual — no canto da sala — e, antes que o czar conseguisse dirigir-se a ela, disse: «Cresce o teu reino, espalhaste muito amplamente os seus limites, mas prepara-te para caber de novo numa casca de noz». Repetiu ainda uma vez: «Prepara-te!» e acrescentou: «Lembra-te da data 28 de agosto!» O czar estava perturbado e intrigado quando saiu de junto de Vanga, e a 28 de agosto de 1943 morreu.

Muitas personalidades muito conhecidas visitavam Vanga incógnito. Às vezes, a profetisa era levada de propósito ao encontro delas na capital. Conservam-se protocolos registados que confirmam a predição de Vanga de que J. Carter seria presidente apenas um mandato. Essa profecia foi feita muito antes das eleições nos EUA.

Vanga encontrou-se com Mikhail Gorbatchov e Boris Iéltsin. Mas, infelizmente, ninguém sabe o que lhes disse. Só após o encontro com o primeiro presidente russo, Vanga impregnou-se de um sentimento especial por ele e mais tarde pedia frequentemente que os próximos de Iéltsin lhe transmitissem o relógio dele, mas ninguém o fez. O que nele tanto tocou a alma da profetisa, resta apenas conjeturar. Sabe-se apenas que nem todos os seus visitantes despertavam em Vanga sentimentos tão trepidantes e ansiedade pelo destino deles.

Vanga encontrou-se também com Indira Gandhi, e mais de uma vez. Predisse-lhe 7 meses antes das eleições que voltaria a ser primeira-ministra. Nos encontros subsequentes, Vanga, possivelmente por desejo de prevenir, deu a Gandhi prognósticos trágicos: o assassínio da gloriosa filha da Índia e a morte do filho dela numa catástrofe aérea. Infelizmente, essas predições cumpriram-se.

Uma vez, da embaixada russa, veio ter com Vanga, por assunto pessoal, um certo funcionário, amigo de Petr Brychkov (ex-presidente da Sociedade Vanga e diretor de um banco). O hóspede não podia demorar-se muito, pois tinha marcada uma reunião de negócios na cidade vizinha. Habitualmente, a consulta com Vanga durava não mais de 5-10 minutos, mas este homem foi por ela retido durante 40 minutos.

Este já começava a ficar nervoso, os colegas também se preocupavam, pois a importante reunião corria o risco de falhar, e Vanga não o deixava ir: mal ele se levantava para partir, ela voltava a dirigir-se-lhe e chamava-o de volta, e assim se repetiu cinco vezes. Por fim, o visitante partiu e, no caminho para a cidade vizinha, viu de repente que, durante o tempo da sua visita, ocorrera na autoestrada uma enorme colisão automóvel, na qual se envolveram vários veículos. No dia seguinte, voltou a Vanga e ouviu o seguinte: «Se eu não te tivesse retido, terias estado nessa trituradora».

Visitou Vanga repetidas vezes também o secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da Bulgária, Todor Zhivkov. Vanga aconselhava-o em várias questões e dava-lhe conselhos. Contudo, o trabalho de muitos anos de Vanga para o Estado tornou-se para ela uma verdadeira tortura. No início dos anos 1970, Todor Zhivkov era o patrono oficial da vidente, e a filha dele, Lyudmila Zhivkova, tornou-se uma verdadeira amiga próxima de Vanga. A vidente predisse-lhe a

morte numa colisão automóvel, mas esse aviso não ajudou Lyudmila a evitar o seu destino.

«A aspiração do homem — escrevia no seu livro Lyudmila Zhivkova — ao belo, ao maravilhoso deve tornar-se uma necessidade vital de cada membro da sociedade. E estamos convencidos de que, desenvolvendo-se e criando "segundo as leis da beleza", cada homem e a humanidade no seu todo conseguirão gerir a sua própria evolução».

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, escrevia: «Vanga tinha grande influência sobre Lyudmila. A filha de Todor Zhivkov tinha 18 anos quando se conheceram em casa de conhecidos nossos em Sófia. A pedido dos familiares de Lyudmila, Vanga tratou-a após uma colisão automóvel. Pode dizer-se que lhe salvou a vida...» Lyudmila comunicava frequentemente e de perto com Vanga, em idade mais madura, tendo recebido a bênção de Vanga, desenvolveu um programa único para um país comunista. A essência do programa consistia em que, todos os anos até ao fim do século XX, a Bulgária devia viver sob o nome de um ou outro génio.

Por exemplo, 1979 foi declarado o ano de Leonardo da Vinci. Graças a esse programa, todo o país, desde as crianças pequenas até pessoas bastante adultas e maduras, estudava ativamente a vida e a obra de Leonardo da Vinci, Roerich e outros grandes humanistas. A própria Lyudmila Zhivkova era uma apaixonada admiradora dos Roerich e de Blavatsky. Considerava que o património espiritual dos grandes pensadores conseguiria abrir os corações das pessoas ao bem e mudar o mundo cruel para melhor, para o progresso e a evolução da humanidade no seu todo e de cada personalidade em particular. Para isso mesmo aspirava também Vanga: queria que o mundo vivesse em amor.

Svyatoslav Nikolaevich Roerich dizia sobre Lyudmila: «Lyudmila Todorovna é a única no século XX estadista que percebeu muito profundamente a Ética Viva e viu nela enormes possibilidades para o aperfeiçoamento do sistema estatal e a espiritualização desse sistema com cultura e alta pensamento filosófico. Compreende muito bem que o Estado deve ser construído e viver segundo as leis da beleza».

Contudo, nessa altura, as ações da filha do secretário-geral da Bulgária provocavam nos círculos dos altos funcionários soviéticos uma ativa antipatia. Consideravam-na excêntrica, não completamente normal e vivendo de invenções e fantasias. Rodeavam-na pessoas hostilmente dispostas às suas ideias e projetos e que nem isso escondiam.

O ano de Leonardo da Vinci na Bulgária foi declarado na véspera do ano de Lenine, e isso foi um verdadeiro desafio à ideologia comunista. Claro, tal livre-pensamento nessa época não era perdoado. Lyudmila Zhivkova morreu em circunstâncias misteriosas aos 38 anos. Primeiro, tomou acidentalmente uma pastilha a mais, depois ocorreu uma hemorragia cerebral, a ambulância chamada demorou demasiado a chegar, e depois, já a caminho do hospital, partiu-se acidentalmente uma roda, e a reparação levou toda uma hora. Lyudmila assim não chegou ao hospital — faleceu na ambulância...

A ministra da Cultura da Índia, Sheila Raul, contou que, durante o seu encontro com Vanga em Petrich, a conversa recaiu sobre Lyudmila Zhivkova. Vanga gritou de repente: «Vão levá-la, vão levá-la! Lyudmila, Lyudmila!» Mais tarde, nessa mesma noite, a 21 de junho de 1981, o rádio anunciou a morte de Zhivkova.

Sabe-se que Lyudmila comunicava frequentemente e muito com Vanga, algumas das suas conversas eram gravadas em fita, mas após a morte de Zhivkova, todo o seu enorme arquivo de gravações em fita desapareceu. Na opinião dos próximos, as fitas foram apreendidas pelos serviços especiais e enviadas para a URSS.

Para encontros com a profetisa, Lyudmila convidava-a para a sua residência de campo. Frequentemente, segundo as palavras de Lyudmila, Vanga invocava as almas de génios há muito falecidos. Assim, conversava com o espírito de Leonardo da Vinci para compreender o segredo do seu legado. Nessas viagens, Vanga era acompanhada pela irmã Lyubka, que depois contava que esses encontros esgotavam muito Vanga.

Lyudmila, interessando-se vivamente pelos ídolos dos anos passados, perguntou mais de uma vez à vidente sobre eles e acreditava que as almas dessas pessoas podiam falar com ela através de Vanga.

Após a «conversa» com o espírito de Leonardo, Lyudmila partiu em visita a Paris, onde quis visitar o Louvre sozinha. O seu pedido foi atendido e, quando no museu não havia visitantes, conduziram-na à famosa obra de da Vinci — a «Gioconda». O que queria ver Lyudmila nesse quadro, o que procurava, permanece um enigma. Embora haja algumas suposições. Possivelmente, sabia que a arte de Leonardo é capaz de mudar a consciência das pessoas. Sabe-se que, após a colisão automóvel em 1973, Lyudmila ficou inválida: percecionava o mundo de forma invertida (tal visão têm os recém-nascidos). Leonardo da Vinci também possuía o dom da escrita em espelho. Talvez Lyudmila, com a sua nova visão, tenha visto na tela do mestre algo que não é dado ver aos outros?

Lyudmila viajava frequentemente para a Índia, lá comunicava com pessoas próximas do seu espírito. Na Índia, por proposta de Indira Gandhi, ao departamento de línguas e literatura eslavas da Universidade de Deli foi atribuído o nome de Lyudmila Zhivkova. Atualmente, na Bulgária, foi renomeado tudo o que estava ligado ao nome de Todor Zhivkov. Mas os amigos de Lyudmila não a esqueceram, e ao funeral da ministra da Cultura da Bulgária vieram mais telegramas de condolências exatamente da Índia.

A seguir ao ano de Roerich e ao ano de Lenine, segundo o plano complexo de Lyudmila Zhivkova, deviam seguir anos dedicados a Rabindranath Tagore, Cirilo o Filósofo, Mikhail Lomonosov, Wolfgang Goethe, o patriarca Eftimiy, Jan Comenius, etc. Mas todas as ideias da ministra da Cultura, após a sua morte, procuraram esquecer rapidamente. Os grandes projetos ficaram não realizados. Lyudmila queria criar um Centro Internacional Roerich em Sófia e restaurar o instituto Roerich nos Himalaias, mas aos seus planos não foi dado realizar-se.

A académica L. V. Shaposhnikova, vice-presidente do Centro Internacional Roerich e diretora do Museu com o nome de N. K. Roerich em Moscovo, escrevia: «Mesmo depois, mais de dez anos após ela ter partido, quando o sistema socialista da Bulgária ruiu, os seus antigos companheiros temiam falar dela. No verão de 1992, estive em missão na Bulgária pelos meus assuntos e encontrei-me com alguns deles. Às minhas perguntas sobre Lyudmila Zhivkova, respondiam com relutância,

procuravam na maior parte calar-se. Sobre o seu nome fora imposto um interdito tácito, e parecia que alguém invisível e poderoso mantinha esse interdito sob estrito controlo. Entre os meus interlocutores havia trabalhadores criativos, figuras da cultura, cientistas, mas todos como que se tinham combinado entre si e santamente guardavam o princípio "o silêncio é ouro". Repeliam as ideias dela, evitavam avaliações e com alívio passavam à discussão de outras questões que não tinham qualquer relação com Zhivkova».

«A ciência — escrevia Lyudmila Zhivkova — deve ser ilimitada e destemida. Cada um que trabalha e se realiza no campo da ciência deve estar aberto a tudo o que é útil, a tudo o que foi criado ao longo dos séculos, que se guarda no tesouro da experiência histórica da humanidade. O credo espiritual de Roerich — desenvolvimento e aperfeiçoamento incessantes, ardor criativo, aspiração irreprimível à beleza, ao maravilhoso».

No meio de pessoas próximas pelo espírito, os nomes de Vanga, dos Roerich e de Lyudmila Zhivkova estão estreitamente ligados. Sabe-se que Lyudmila Zhivkova ajudava Vanga e protegia-a. Na Bulgária, foi organizado o clube «Amigos de Roerich», que na sua época preparava a exposição «Construtores espirituais do futuro — Vanga, L. Zhivkova, P. Dimkov e os Roerich». P. Dimkov — um dos maiores esoteristas da Bulgária, que Lyudmila Zhivkova também protegia.

Vanga era muito próxima de Lyudmila e praticamente conhecia em pormenor todos os seus planos e projetos. Dava-lhe recomendações e conselhos úteis, que por vezes tocavam o longínquo futuro. A morte de Lyudmila tornou-se para Vanga uma dor pessoal. Quando lhe comunicaram a morte de Zhivkova, exclamou assustada: «Como assim? Não a vejo morta. Vejo-a viva». No fim desse ano fatídico, Vanga pronunciou outra frase: «O ano de 1981 nada deu às pessoas, mas tirou muito a todos, a todos nós...» Essa morte tornou-se para Vanga uma dor verdadeiramente terrível.

Uma vez, durante mais um encontro com Lyudmila, Vanga viu esta cena: o exército de São Sérgio, semelhante a uma chama, e Lyudmila — no meio desse exército. Como que via Lyudmila numa vida passada e acreditava que a sua vida presente estava fortemente ligada à Rússia. Ao seu conhecido escritor Valentin Sidorov, que também conhecia bem

Lyudmila e estava presente nesse encontro, Vanga disse: «Quando escreveres sobre a Bulgária, tem Lyudmila em mente. Estáveis ligados no passado. Encontráveis-vos ao mesmo tempo junto de São Sérgio. No mosteiro dele». Depois, exclamou assustada, dirigindo-se a Lyudmila: «Ai-ai! Vejo-te. És oficial. Tens uma alma russa. O exército avança como uma chama, e os guerreiros — como línguas dessa chama. Ai-ai, a alma russa vai à frente e nada teme». Depois, já mais calma, Vanga acrescentou, voltando a dirigir-se a Lyudmila: «Estarás sempre com a Rússia. Para ti, a Rússia é tudo. Devem aparecer outras mulheres parecidas contigo. Ainda não vieram do céu. Mas em breve virão e ajudarão a terra».

«Para corrigir o futuro, é preciso mudar a consciência das pessoas — escrevia Lyudmila Zhivkova. — Isso diz respeito a toda a humanidade. É preciso cumprir os dez mandamentos de Deus!»

Em geral, Vanga relacionava-se com particular amor com a Rússia e com os seus heróis. Amava Yuri Gagarin e considerava-o santo. «Após ter aceitado a morte de fogo — dizia ela —, tornou-se iniciado. Encontra-se agora no seu corpo celestial. A sua alma está viva e como uma estrela brilha sobre a Rússia». Vanga dizia que os cosmonautas russos cumprem uma missão de importância excecional e os foguetões pilotados por eles purificam o espaço sobre a Rússia e o santificam.

Quanto a Yuri Gagarin, é amplamente conhecido um caso notável. Um amigo do cosmonauta, o ator Vyacheslav Tikhonov, em 1979 veio ter com Vanga. Primeiro, Vanga disse à irmã Lyubka: «Deixa-o esperar um pouco no pátio, pois é preciso receber o sinal de quando o receber». Depois, quando convidaram Tikhonov a entrar, Vanga, logo à porta, espantou-o com a pergunta: «Por que não cumpriste o pedido do teu melhor amigo? Falo de Yuri Gagarin.

Quando partia para o seu último voo de teste, veio ter contigo despedir-se e disse: "Não tenho tempo, por isso peço-te muito, compra um despertador, como se eu o tivesse comprado, e coloca-o na tua mesa. Que esse relógio te lembre de mim"». Tikhonov, de espanto e inesperado, sentiu-se mal e teve de tomar valeriana. Depois, recuperando um pouco, contou que, realmente, tudo o que fora dito era verdade. Devia comprar o relógio, mas na confusão ligada à morte de Gagarin, assim não o fez. Vanga respondeu: «Mas deveis saber: Yuri

Gagarin não morreu. Foi tomado». E após essas palavras, calou-se, como que se repreendendo a si própria. Possivelmente, disse o excesso, que não é preciso saber aos simples mortais?..

Ao escritor Yulian Semyonov, que veio ter com Vanga, a profetisa aconselhou: «Deves escrever a continuação, para criar novas séries do filme. Mas ainda não estás pronto. Precisas de ir à Espanha e encontrar um certo Vladimir. Ele contar-te-á muitas coisas e ajudar-te-á na descrição de momentos interessantes».

Em visita a Vanga esteve também a atriz Alla Demidova. Em setembro de 1975, o Teatro de Moscovo na Taganka foi convidado para uma tournée na Bulgária pelo próprio Todor Zhivkov, que queria ver os espetáculos encenados por Yuri Lyubimov. No fim da tournée, para os hóspedes de Moscovo foi organizado um banquete de despedida. Nesse banquete, Demidova sentou-se à mesa ao lado de Todor Zhivkov. «Bebia conhaque — contou a atriz —, batia-me constantemente no joelho (a cada pancada eu estremecia) e perguntava: "O que queres?" Disse que queria ir ter com Vanga».

Nessa altura, a atriz interessava-se por esoterismo. Em Demidova não havia perguntas concretas, mas havia uma curiosidade ardente. Zhivkov, compreendendo esse interesse, concordou em ajudar: Deu a Demidova como acompanhante o seu referente Lyuben, que escrevia a Zhivkov relatórios sobre ideologia. Previamente, a atriz, como lhe aconselharam, preparara um pedacinho de açúcar. Ao chegar ao local e aproximar-se da casa de Vanga, Demidova viu a profetisa sentada no meio de camponesas numa varanda aberta. Vanga contava como descansara no mar:

«Mar, mar, estive no mar, vejam como fiquei morena!» Tudo isso produziu em Alla Demidova uma impressão não muito agradável. «Voz confiante, alta — contava a atriz. — Dona da casa! E, por algum motivo, batia no joelho». Mas nesse momento lembrou-se do mesmo gesto em Zhivkov e pensou que, possivelmente, era um gesto característico búlgaro. Diante de Vanga jazia toda uma montanha de açúcar, e periodicamente tirava algo do bolso e cheirava. Demidova pensou que Vanga cheirava algum preparado como doping, que a «ligava» ao mundo místico. Mais tarde, verificou-se que Vanga cheirava sabão de toilette: simplesmente gostava do seu aroma floral.

Esteve uma vez com Vanga também o poeta Evgeni Evtushenko. Os presentes nesse encontro recordam que Vanga, dirigindo-se a ele, disse: «Que escritor és tu! De ti cheira a barril! Sabes muito e serves para muito, mas para que bebes e fumas tanto?»

Alla Demidova recordou que «se sentiu extremamente desconfortável e decidiu: para que preciso eu disto tudo, o que poderá Vanga dizer-me de tal que eu própria não saiba sobre mim? Mas era tarde. Vanga já pegara no meu açúcar e perguntou em voz alta se eu tinha pai». Mas Alla Sergeevna não conseguiu responder, apenas acenou com a cabeça, e Vanga continuou: «Morreu, eis que está aqui de pé. E o pai tem um irmão Ivan? Ah, morreu, eis que está aqui de pé». Claro, Demidova esperava uma conversa um pouco diferente.

Depois, a atriz pediu a Lyuben que transmitisse a Vanga que não queria que a profetisa falasse sobre o seu destino. Mas Vanga, sem ouvir a tradução até ao fim, passou para Lyuben. «Disse que ele não devia ocupar-se de política e escrever relatórios para outros, mas trabalhar num livro de filosofia, e começou na conversa a usar alguns termos filosóficos novos, que não devia conhecer. Lyuben estava diante dela como um escolar» — recordava Demidova.

Vanga voltou-se de novo para a hóspede e perguntou de repente: «Por que te vejo de uniforme militar?» Descreveu o traje, e Demidova compreendeu que era o traje de uma das suas heroínas — Angelika do filme «O Escudo e a Espada». Disse à profetisa que era um dos seus papéis. «Ah, és atriz? E o que fazes aqui?» — exclamou Vanga. «Vim com o teatro em tournée» — respondeu Demidova. «E quantos vieram?» — perguntou de novo a velhinha. «Cerca de quarenta pessoas» — disse a atriz. «Não, são mais, mais, vejo que são cerca de cem» — contrapôs Vanga. Depois, Demidova, juntamente com os colegas, contou quantas pessoas tinham vindo e, realmente, eram cerca de cem.

Leonid Leonov visitou Vanga e recebeu dela um aviso de que os seus manuscritos arderiam. E embora não acreditasse muito nas palavras da profetisa, por precaução trasladou os manuscritos da dacha para o apartamento na cidade. Foi exatamente no apartamento que ocorreu o incêndio, e os manuscritos, claro, arderam.

Depois disso, Vanga disse à atriz que a representação não era a sua profissão, que seria melhor dedicar-se a investigações científicas. E disse ainda quantos papéis Demidova ainda teria. No fim, Vanga perguntou: «E que peça representam hoje?» — «O Bom Homem de Sezuão» — respondeu a atriz. «Como achas — dirigiu-se-lhe de novo Vanga —, há pessoas boas?» Demidova respondeu: «Não sei, talvez haja». E Vanga: «Não, não há pessoas boas. Bem, é uma brincadeira».

Por fim, Vanga levantou-se, dando a entender que a conversa terminara, abraçou Demidova, passou a mão pelas costas e ordenou-lhe que não andasse de saltos altos, dizendo ao mesmo tempo que tudo correria bem.

Parecia que Vanga, embora falasse com voz calma e confiante, nada de especial fizera, e as suas palavras eram simples e sem qualquer sentido profundo ou oculto, mas, ao regressar a Moscovo, Alla Sergeevna compreendeu que interiormente se transformara. «Ninguém me reconhecia — recordava a atriz. — Durante dois anos, fui uma pessoa absolutamente saudável. Tanto física como interiormente. Já não tinha a pergunta do padre Sérgio: o que há lá, além da linha? Mas tinha a resposta de Hamlet: sim, há!»

Ainda em Rupite, ao sair com Lyuben de junto de Vanga, Demidova notou que as mãos do seu acompanhante tremiam quando acendeu o cigarro. Tal era a poderosa impressão que o encontro com Vanga produzia nas pessoas.

Segundo o testemunho de uma das atrizes do teatro na Taganka, esteve em consulta com Vanga também Vladimir Vysotsky. Contudo, não há confirmações mais detalhadas desse facto.

Entre os conhecidos próximos da profetisa e pessoas aparentadas com ela pelo espírito estava a campeã búlgara Neshka Robeva. Ela própria considera Vanga a sua mãe espiritual. Veio ter com Vanga em 1973 e ficou impressionada com as suas revelações. A vidente ficara cega muito antes de na Bulgária aparecer um desporto como a ginástica rítmica. Para imaginar o que fazem os ginastas, é necessário pelo menos uma vez ver a sua atuação. E Vanga começou a descrever pormenorizadamente aquilo de que Neshka Robeva se ocupava, e até dava conselhos úteis. Descreveu em detalhes o interior do pavilhão

onde a desportista treinava, disse que lá havia relva. No chão do pavilhão havia um revestimento de carpete verde. Depois, Vanga descreveu o campeonato do mundo para o qual devia partir a equipa búlgara de ginastas juntamente com Neshka. «Vejo um homem de luvas brancas — é o maestro!» — dizia Vanga. Robeva pensou nessa altura que isso decerto não podia ser, pois nessa época não convidavam orquestras para as competições. Depois, Vanga disse: «Não usem calças. Aquelas que forem ao campeonato de calças perderão. O ícone diz-me que vencerão as pessoas que tiverem flores no cabelo».

«Vejo o pavilhão — continuava ela. — E vós nele atirais garrafas...» Robeva corrigiu que era maça — um aparelho desportivo. Vanga disse: «Tudo está nas vossas mãos, não vos preocupeis, mas é preciso treinar mais!»

Quando a desportista búlgara chegou ao campeonato do mundo nos Países Baixos, durante a atuação, deixou cair acidentalmente a maça das mãos. A amiga dela repetiu depois o mesmo erro, e Neshka lembrou-se das palavras de Vanga sobre «tudo estar nas mãos delas». Nesse campeonato, venceram as ginastas da URSS e, durante a entrega de prémios, subiram ao pódio de saias, e os penteados delas eram ornamentados com flores. Depois, na entrega de prémios, Neshka viu uma verdadeira orquestra, e o maestro estava de luvas brancas. Então, convenceu-se absolutamente de que Vanga vira tudo isso.

Mais tarde, Neshka veio de novo ter com Vanga com uma amiga e contou-lhe tudo isso. Vanga pediu que a visitasse mais frequentemente, e desde então começaram realmente a encontrar-se muitas vezes. Frequentemente, Neshka, ao passar para a casa da profetisa pela fila, ouvia pedidos e perguntas a Vanga, mas, ao entrar, nem conseguia formulá-las. A profetisa antecipava-se, e ela recebia respostas não só às suas perguntas, mas também às que lhe faziam na multidão.

Uma vez, esteve em consulta com Vanga Andrei Konchalovsky. «Ir ter com Vanga era um pouco assustador — recorda o realizador. — Não sabia o que me diria, e em geral é desagradável saber o próprio futuro, mesmo que seja maravilhoso. É melhor não saber nada. Se for maravilhoso — não se acredita. Se for horrível, ainda menos razão para isso. Não é de todo facto que o predito se cumpra, só se estraga o humor por vários anos». Contudo, o encontro não o desiludiu, embora o

realizador se abstivesse de descrever os pormenores. «...Será que uma predição de Vanga como: "Não há força que consiga quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á" — não nos enche de esperança? — dizia Konchalovsky. — Enche-me até ao topo, mas de muitas outras profecias dela é fácil cair numa melancolia universal...»

Na casa de Vanga, guarda-se o quadro «Cristo com os discípulos no meio de um grande campo», que lhe ofereceu um hoje conhecido artista. Nessa sua visita, ainda não era tão conhecido. O artista era casado com uma jovem mulher, cujos pais tentavam ardentemente separá-los. Então, Vanga disse-lhe: «Trabalhaste muito, mas és pobre e nada tens. (Esforça-te por preservar o teu alto espírito, firmeza, fé no teu chamamento. Esperam-te grandes dificuldades. Na tua vida, haverá uma grande derrota, e depois partirás sozinho numa viagem».

Muito em breve, vieram ter com Vanga também os pais da jovem mulher. A eles, Vanga disse de forma bastante seca: «Sim, a vossa filha casou-se com um artista que odiais, sem saberdes porquê. Ele, embora pobre, é honesto. Não devolverão a filha, porque o amor os uniu a ela e ao marido». Mas os pais não queriam ouvir ninguém, e no fim conseguiram destruir a família da filha. Em resultado, o infeliz artista, moralmente destroçado, saiu de casa, e mais tarde partiu do país. A mulher morreu pouco depois numa colisão automóvel. Os dois filhos desse casal ficaram órfãos.

Boika Tsvetkova, que terminou em 1980 a faculdade de psicologia, após o conhecimento com Vanga tornou-se parapsicóloga e durante muitos anos estudou diligentemente o dom da vidente. O resultado da sua atividade foi o livro «Vanga. Vida para as pessoas», no qual é apresentado material valioso: anotações de caderno de conversas com a profetisa, gravações de fita, descrição de encontros de Vanga com várias pessoas, etc. «A nossa força, minha e de Slava Nikolova (editora do livro) — dizia Tsvetkova —, está em que não inventámos nada, não interpretámos uma única conversa com Vanga. O livro baseia-se exclusivamente em factos. Quanto mais tempo passa, melhor compreendo por que Vanga permitia e encorajava que eu fizesse essas anotações. A estrela de Vanga subirá alto, e às gerações será necessário este material documental».

«Vanga vivia em plena harmonia e consonância com a natureza — escreve K. Stoyanova —, era verdadeiramente parte dela. Por isso, a natureza soava e falava com ela tão distintamente. Com os seus órgãos de sentidos perfeitos, Vanga podia receber mensagens de tudo o que a rodeava: das ervas e árvores, pedras e aves, cosmos, passado e futuro. As montanhas revelavam-lhe os seus segredos milenares, e o rio — lendas sobre cidades e pessoas há muito desaparecidas. Segundo as suas palavras, tudo é vivo, não existe natureza inanimada, tudo obedece a uma organização e razão superiores.

Boika Tsvetkova, por encargo de Vanga, ocupava-se ativamente da criação da Liga Mundial das Mulheres, cuja presidente honorária era a própria profetisa. No seu livro, Tsvetkova dá uma explicação original ao fenómeno de Vanga. «Vanga é produto de uma energia muito forte. Muitas pessoas interpretam erradamente o aparecimento dessas possibilidades que possuía essa mulher. Eu sou parapsicóloga e, por isso, devo ser cem por cento objetiva na minha relação com eventos concretos, fenómenos ou não me ocupar deles de todo. Tomemos embora o relato tornado apócrifo sobre aquele estranho redemoinho que, em 1923, levantou a Vangelia de doze anos no local conhecido como Khanska Cheshma, levou-a não se sabe para onde e sujou tanto os olhos que a visão não regressou.

Ventos de furacão assim nessa localidade não foram observados nem antes nem depois desse dia dramático. Talvez a causa da sua origem tenha sido a própria Vanga. Mas não o redemoinho, e sim a terrível pobreza em que vivia a sua família, tornou-se a principal causa da cegueira. Os pais simplesmente não tinham dinheiro para pagar aos médicos e salvar a criança. Vanga insistia para que eu fosse a esse lugar e fizesse fotos. Mas depois, inesperadamente, deitou fora todas as fotografias».

Tsvetkova considera que um papel não pequeno no aparecimento do dom da profetisa teve um evento histórico, nomeadamente: em 1923, na Bulgária, ocorreu a revolta de setembro dos antifascistas búlgaros, que foi reprimida com rara crueldade — a Bulgária literalmente afogou-se em sangue. Tsvetkova escreve: «Libertou-se uma enorme quantidade de energia dos mortos, que não pode ser destruída e que é incontrolável. Vanga, por mais chocante que possa soar, torna-

se mensageira, condutora dessa energia, aparecem-lhe visões. Mas só em 1939, quando Vangelia, após uma grave doença, sofreu morte clínica e os familiares já se preparavam para o funeral, nela se instalou um poderoso espírito. Imaginem, um defunto que vos preparais para cantar, levanta-se de repente, pega numa vassoura e começa a arrumar o pátio. Exatamente isso, à vista de muitas testemunhas, aconteceu com Vanga. Na essência, nesse momento apareceu a "nova" Vanga, que começou a predizer com absoluta exatidão o futuro próximo e longínquo».

(A fala profética de Vanga, turva, abundante em alusões e alegorias, é tão pesada para interpretação. Desvendar o que ela dizia podiam por vezes apenas as pessoas que conheciam bem Vanga e realmente acreditavam no seu dom.

«Nos últimos dias da sua vida — continua Tsvetkova —, recebi confirmação dessa suposição. Mais uma vez quero lembrar que, acompanhando o seu caminho de vida, é preciso avaliar com atenção excecional cada palavra por ela pronunciada. Nem sempre nos aproximamos da compreensão plena do sentido do dito pela profetisa. Para que a interpretação seja legítima, é preciso confrontar as suas declarações sobre questões semelhantes, feitas em tempos diferentes... Fizemos dezenas de pedidos, consultámo-nos com colegas que se ocupam de fenómenos paranormais, inclusive com Sai Baba (o famoso sensitivo e curandeiro indiano). E já sabemos a resposta correta. Em breve tereis a possibilidade de saber em pormenor absolutamente tudo ligado ao fenómeno dessa possessão. Posso dizer que se trata de um profeta muito forte».

A localidade onde Vanga viveu nos últimos anos de vida, muitos consideram uma espécie de plataforma cósmica, que é fonte de energia incrível, que alimentava o dom de Vanga.

No livro, Boika Tsvetkova descreve eventos reais e encontros de Vanga com pessoas famosas. Por exemplo, quando Vanga ouviu pela primeira vez sobre Djuna e soube que esta queria encontrar-se com ela, a vidente pediu a Tsvetkova que organizasse o encontro. «Em 1992, estando em Moscovo — recorda Tsvetkova —, fiz tudo para isso, mas deparei com uma parede impenetrável. As negociações foram através do irmão de Djuna e dos seus colaboradores, entre os quais havia

muitos búlgaros. Deram-me a entender que Djuna não acreditava que eu representava realmente Vanga. Simplesmente suspeitavam que eu pretendia chegar a Djuna usando o nome da profetisa búlgara. Foi um pesadelo. Disse que estava pronta para comprar a Djuna um bilhete de avião e comunicar o telefone direto de Vanga para dissipar dúvidas de que tinha nas mãos "credenciais" sólidas. Digo honestamente, nem antes nem depois dessa missão falhada vivi humilhação semelhante. Mas, quando regressei à Bulgária e fui ter com Vanga em Rupite, ela apenas resmungou e sorriu maliciosamente. E depois disse: "Livra-te da tua raiva. Essas pessoas não o merecem". Não estava desiludida. Isso já acontecera mais de uma vez: pessoas que temiam Vanga procuravam evitar encontros com ela».

Uma das conhecidas próximas de Vanga dizia: «Não imaginas quão paradoxal era essa personalidade: um espírito de força sobrenatural, convivendo com a razão de uma camponesa semianalfabeta. Se não fosse esse dom, Vanga fundir-se-ia completamente com o fundo cinzento do lugar onde nascera. Quantas vezes me perguntei o que seria se as mesmas capacidades se sobrepusessem a uma base psíquica mais inteligente e desenvolvida».

Vinha frequentemente ter com Vanga Lyudmila Kim, sensitivo e curandeira, que mais tarde se tornou muito próxima dela. Segundo as palavras de Boika Tsvetkova, Vanga falava de uma ligação espiritual especial com aqueles que decidia admitir junto de si. Mas nunca ensinava ninguém nem dava "aulas de mestria profissional". Tsvetkova recorda: «Se via numa pessoa um dom de Deus, encorajava-o de todas as formas. Mas manipulá-la era simplesmente impossível. Podia sorrir docemente nos olhos de uma pessoa que tentava mentir-lhe, mas podia também cortar abruptamente a conversa e pô-lo à porta. Tudo dependia dos motivos que guiavam o visitante que se julgava capaz de levar a profetisa pelo nariz. Charlatães, porém, não suportava».

Lyudmila Kim soube de Vanga em 1983 por um artigo de jornal. Nessa altura, já lutava há 5 anos contra a doença do filho Alik e percorrera muitos médicos, curandeiros e healers do Báltico e Ucrânia, Moldávia e arredores de Moscovo. Todos simpatizavam, uns prometiam ajudar, outros recusavam imediatamente. Quando Lyudmila já perdera toda a esperança, caiu-lhe sob os olhos o artigo. Então, escreveu uma

carta a Vanga e pediu que a recebesse com o filho. Na carta, Kim escreveu também que ela própria possuía capacidades curativas, para o tratamento usava segredos da medicina popular coreana, chinesa, tibetana e russa. Contudo, passaram inteiros 2 anos antes de se encontrarem.

Uma vez, à apartamento moscovita de Lyudmila Kim veio uma rapariga búlgara, Olga Garvaneka. O pai dela outrora comandara um destacamento partidário e libertara Sófia dos fascistas. Conhecera Vanga, e Olga também estivera presente. Vanga logo destacou Olga de todos os visitantes, e gradualmente o conhecimento delas transformou-se numa amizade próxima. Olga, ao saber das capacidades de Kim, veio ter com ela a Moscovo, e mais tarde apresentou-a a Vanga.

Lyudmila Kim descreveu mais tarde o conhecimento com Vanga: «O primeiro que me impressionou na casa de Vanga foi a enorme multidão de gente. Logo passou pela cabeça o pensamento: "Será possível algum dia abrir caminho até Vanga através dessa multidão de infelizes que esperam cura?" Compreendendo o meu estado, Olga disse calmamente: "Afinal, tu não és só suplicante, mas também colega..." E realmente, não esperamos muito. Quando chegou a minha vez, abri o portão e, logo após o trinco tilintar atrás de mim, ouvi a voz severa de Vanga: "Agora vem aí uma coreana. Chama-se Lyudmila Kim. É química. Tem 44 anos. Trata as pessoas como Djuna. Vamos ver quem é mais forte"».

Claro, Kim ficou assustada com essas palavras, mas o principal que a preocupava nessa altura era se era possível curar o filho. E Vanga disse que sim. Pela primeira vez em muitos anos, a mãe pôde finalmente livrar-se da eterna ansiedade pelo filho.

Depois, Vanga submeteu-a a uma verdadeira prova, pedindo: «Sinto-me mal. Tenta, trata-me...» Lyudmila Kim começou o seu tratamento, e passados alguns minutos Vanga parou-a, repetindo várias vezes: «Bem, bem...»

Depois, Vanga, chamando o sobrinho, disse a Lyudmila: «Olha o que ele tem?» Kim determinou rapidamente que o menino tinha um tumor no esófago e tentou curá-lo, usando métodos aceites entre sensitivos. Após isso, Vanga, provavelmente compreendendo o que

acontecera, levantou-se e abraçou Kim com as palavras: «Agora és para mim como uma parente. Agora és minha irmã. Vem quando quiseres. Em setembro, lembra-te, manda-me a roupa do teu filho, unhas e cabelos, e ainda um frasco com água de Moscovo».

Muito antes do colapso da URSS, Vanga predisse que o país se desagregaria em pedaços: a Rússia ficaria sozinha, mas dela ainda voariam pequenos fragmentos. Depois, dizia que não haveria guerra geral, mas guerras pequenas no Cáucaso seriam inevitáveis. E na véspera do putsch, disse que havia grande probabilidade de os comunistas chegarem ao poder. Aos últimos, Vanga não gostava e chamava-lhes Herodes.

Lyudmila cumpriu a ordem de Vanga e enviou, através de conhecidos, uma encomenda; um mês depois, recebeu-a de volta de Vanga com a instrução de enterrar as unhas e os cabelos, e de verter a água sobre a criança, recolhendo depois essa água e enterrando-a também. Passado um ano, Vanga ordenou a Lyudmila que viesse ter com ela juntamente com o filho. «No prazo marcado, numa clara tarde de setembro — descreveu depois Lyudmila essa viagem —, chegámos à Bulgária. Mal transpusemos o limiar da casa de Vanga, ouvi um suspiro amargo: "Ai, que horror! Por que sofre tanto a criança? Mas nada, nada... Aproxima-te de mim"».

Surpreendentemente, a criança habitualmente caprichosa, dessa vez, aproximou-se obedientemente de Vanga e abraçou-a. Vanga acariciou carinhosamente o menino na coroa da cabeça e depois afastou-o ligeiramente, dizendo: «Haidê». Com isso, a sessão de cura terminou.

Vanga queixou-se uma vez a Lyudmila Kim: «Sabes, só tu e algumas pessoas próximas adivinhais perguntar-me não sobre vós, mas sobre a minha saúde. E eu já estou exausta. Pedi a Deus permissão para descansar, mas o meu tempo ainda não chegou».

Raramente conseguia Kim falar com a profetisa a sós, pois à porta da casa dela havia sempre uma fila de cem pessoas sofredoras. Uma vez, perguntou a Vanga: «Por que Deus realiza os meus desejos mais pequenos e não cumpre os mais importantes?» — «Quais?» — perguntou Vanga. Lyudmila respondeu: «Que Alik fique saudável, que o

teu sobrinho recupere, que tu não adoeças...» Vanga respondeu-lhe: «Sobre o filho, já te disse. Igor ficará saudável aos 10 anos, e o meu destino depende só de Deus». Depois, predisse a Lyudmila uma viagem às Filipinas: «Sim, precisas disso. Lá há bons curandeiros».

Depois, Kim perguntou se haveria o fim do mundo. «Tolices» — respondeu a vidente. «Como tratar a epilepsia?» — interessou-se Lyudmila. «Não sei — respondeu Vanga. — Pede a Deus, e o conhecimento virá...» — «Pode-se tratar as pessoas como Chumak e Kashpirovsky?» — perguntou de novo Kim. «Não! — cortou a vidente. — Em sessões massivas, é fácil causar dano: na atmosfera excitada, às pessoas podem "colar-se" doenças de outros. O homem é individual. Só com contacto pessoal. À distância, só se pode aconselhar ou fazer diagnóstico...»

Uma vez, Lyudmila Kim perguntou a Vanga: «Como te relacionas com Djuna?» — «O talento dela é de Deus. Mas irrita o Altíssimo, exigindo demasiado dinheiro por visita. Alguma vez me viste pedir algo aos doentes?» — respondeu a anciã. «Nunca! — disse Lyudmila. — A minha avó e a minha tia também sempre diziam: "Ajuda a pessoa, e ela própria te agradecerá!"»

Kim recordou mais tarde: quando Vanga adoeceu seriamente pela primeira vez e o presidente da câmara de Petrich perguntou à sensitivo quanto tempo Vanga ainda viveria, ela respondeu que ainda 19 anos, mas que vivesse até aos cem, e depois Vanga apareceu-lhe em sonho e disse: «Lyuda, pensas que viverei ainda 19 anos, mas só viverei seis». Vanga ainda hoje por vezes aparece em sonho a Lyudmila, e as suas palavras habitualmente depois se cumprem.

Segundo o testemunho de Kim, Vanga expulsava aqueles que vinham pedir ajuda para ganhar na lotaria. Expulsou também A. Chumak, A. Kashpirovsky, os discípulos de Djuna. Condenava Djuna por, como dito acima, cobrar muito dinheiro pelos seus serviços. A própria Vanga nunca iniciava conversa sobre dinheiro e contentava-se com o que as pessoas lhe ofereciam por vontade própria. Se alguém oferecia dinheiro, aceitava-o com dignidade e a maior parte dava para a construção do templo ou para um lar de crianças.

Lyudmila Kim contava que Vanga conversava muito com espíritos e frequentemente pedia, se alguém perdera uma pessoa próxima, que trouxesse de casa uma flor com raízes. Era exatamente essa flor que a ajudava a invocar os espíritos. Segundo as palavras de Vanga, os espíritos das pessoas eram diferentes, dependendo do intelecto da pessoa. Num homem desenvolvido, o espírito era semelhante a «um vestido branco que se leva num varal», ou seja, uma imagem plana da pessoa sem pernas, que como que flutua no ar. Às vezes, a alma aparecia como uma borboleta com olhos humanos. Vanga contava que, quando conversava com flores, estas sorriam-lhe e acenavam com a cabeça.

Em 1990, encontrou-se com Vanga o doutor em ciências filosóficas, candidato em ciências teológicas, professor E. K. Duluman. Há muito sonhava em pelo menos ver a famosa vidente, e dessa vez, sabendo que Vanga estava doente e não recebia, insistiu no encontro, fazendo ênfase em que a anciã ainda nunca fora visitada por um russo com nome tão raro como Evgraf. A profetisa concordou em recebê-lo, dizendo: «Nunca tive um russo com tal nome. Que entre. Só avisem-no para que, como fazem os seus compatriotas, não tente extrair de mim profecias más sobre a Rússia».

Ao transpor o limiar da casa, Duluman saudou: «Feliz festa, irmã Vanga!» Ela, estendendo as mãos ao encontro, disse: «Bem-vindo, bem-vindo! Obrigada pela felicitação, irmãozinho Evgraf». Aproximando-se de Vanga, o professor estendeu-lhe as mãos e apertou-as ligeiramente. Depois, apresentou-se, dizendo que era filósofo, professor, educava estudantes. Então, Vanga perguntou: «Gostas do teu trabalho?» Ele respondeu: «Muito!» Vanga disse: «Então, és uma pessoa feliz, se sentes satisfação com o teu trabalho».

Contudo, o professor queixou-se de que muitos estudantes e jovens em geral frequentemente usam linguagem obscena. E expressou isso com tal sentimento que Vanga respondeu compreensivamente: «Irmãozinho russo! Compreendo-te muito bem... Agora, não vejo o mundo com os olhos. Perceciono-o só com os ouvidos, pelo som. Uma palavra podre perceciono-a fisicamente como algo nojento, repugnante, pegajoso... Como uma pancada com um pau... Como se alguém estivesse ao meu lado e vomitasse... Cobrindo-me com o seu

vómito». Após essas palavras, Vanga limpou nervosamente o rosto, como que purificando-o dessa sujidade.

A doutora Peneva, que durante longos anos estudou o fenómeno de Vanga, disse: «Em todos os cientistas do mundo não há tanta sabedoria como havia nesta mulher simples. Dizia que tudo, absolutamente tudo, está interligado na natureza e no mundo, que tudo tem uma ligação causal...»

O professor perguntou-lhe como corrigir essa «vulgaridade da linguagem». E então Vanga disse: «Ainda em criança, ao ouvir linguagem obscena, em resposta lia um encantamento antigo búlgaro. E agora estou pronta a lê-lo contra o sujador verbal».

Vanga levantou-se da cadeira em que estava sentada, virou-se para a janela, ergueu as mãos e falou em antigo búlgaro, dirigindo-se ameaçadoramente ao invisível sujador de linguagem:

Que passes toda a tua vida Em companhia, no trabalho, em família Num ambiente tal onde Sem palavra obscena, sem palavrão, sem remat Não ouças uma única frase. Que passes toda a tua vida, Mal abras a boca, A praguejar. Que tenhas para toda a vida Amigos assim, uma amada assim, Uma esposa assim, filhos assim, Para que contigo e tu com eles Vos comuniqueis só com palavras obscenas! E que a tua mãe e o teu pai Ouçam cada tua Palavra suja! Ámen.

Após isso, Vanga voltou a sentar-se na cadeira e calou-se. Claro, a terrível maldição produziu a mais forte impressão no hóspede. E Vanga disse calmamente: «Desde essa altura, tornei-me profetisa. Todos os que, após ouvirem as palavras da minha maldição, continuavam a usar linguagem obscena, já não conseguiam parar até à morte. E viviam depois como eu os amaldiçoara».

O professor disse quase em sussurro: «É terrível». Contudo, Vanga objetou decididamente: «Sim! Terrível! Mas se o teu estudante não consegue despedir-se da linguagem obscena, suja a si próprio e o ar ao seu redor com palavras fétidas, então prepara para si uma vida digna só de um sujador de linguagem. Não é assim? E aqui não se trata das minhas maldições, mas do próprio sujador. Vejo claramente o seu futuro. E ele cumprir-se-á inevitavelmente. E que se cumpra! Terrível,

mas não faz pena. Lembra as minhas palavras: "A latrina não cheirará a rosa de Kazanlak, e do cano de esgoto não correrá água potável!"»

Duluman deixou Vanga impressionado e, tentando compreender os sentimentos que o invadiram, resumiu: «Sou ateu. Não acreditava e agora não acredito em todas essas profecias e milagres que atribuem a Vanga. Mas agora conheço-a um pouco. Ela escuta e observa atentamente as pessoas, o seu mundo espiritual, o seu destino. Toda a sua vida dedicou a isso e tornou-se sábia. Vanga é sábia — e só! Sábia — e nada mais! E isso, para ela, como para cada um de nós, é bastante».

«Vanga preocupavam-se os problemas globais — escrevia a doutora Peneva no seu trabalho dedicado a Vanga. — Dizia-me que o Senhor depositou a sua sabedoria nas leis universais. Que é preciso considerar tudo no mundo como um todo único, caso contrário a humanidade perecerá. Vanga dizia: "Tudo o que foi, será e é, está registado nos livros antigos. Os seus sinais falarão por si e explicarão o que é preciso fazer para salvar a Terra. O Senhor ficará grato se compreenderdes a criação do mundo"».

Muitos cientistas estudaram seriamente o dom de Vanga. O primeiro a reconhecê-lo foi o professor Georgi Lozanov, diretor do Instituto de Sugestologia. Isso ocorreu em 1964. Realizou uma ampla sondagem sociológica, falando com 7000 visitantes de Vanga. O cientista chegou à conclusão de que as predições da vidente se cumpriam em mais de 85%. Essa percentagem excedia a adivinhação média estatística. Após o reconhecimento oficial do dom de Vanga, a atitude das autoridades para com ela mudou — começaram a valorizá-la, e Vanga foi muito grata por isso a Lozanov.

Durante vários anos, o professor do Instituto de Investigação de Sófia de Sugestologia (ciência da sugestão mental à distância) da Academia de Ciências da Bulgária, Velichko Dobriyanov, levou protocolos de todas as conversas com Vanga e estudou a exatidão das suas previsões. Notou que, no total, em 18 conversas com visitantes, foram registadas 823 mensagens da vida dessas pessoas, das quais verdadeiras se revelaram 445, alternativas (que podiam ser interpretadas de duas formas) — 288 e erradas — 90. Realizou também, para comparação, uma experiência com a atração de duas mulheres videntes com experiência de adivinhação. Elas encontraram-

se também com 18 clientes e juntas fizeram cerca de 800 predições, contudo verdadeiras delas revelaram-se apenas 200, alternativas — 420 e erradas — 180.

Às vezes, para exatidão da investigação, enviavam a Vanga «mentirosos», que os cientistas preparavam especialmente para enganar a vidente. Por exemplo, uma vez veio ter com ela um certo político que tentou fazer-se passar por vendedor de vinho. Mas Vanga, sem pensar muito, disse-lhe: «Tu não serves para comércio! Tens de falar com as pessoas!» Esses «mentirosos» ela identificava imediatamente e sem erro. O professor Dobriyanov, baseando-se nesses factos, chegou à conclusão de que Vanga possuía excelentes capacidades telepáticas. «Talvez — disse ele —, a telepatia seja um atavismo deixado em herança pela evolução».

Alguns cientistas Vanga não apreciava, porque manifestavam excessiva importunidade. Sempre a ofendia a desconfiança, e não queria de todo sentir-se como coelho de laboratório. A tais cientistas, Vanga dizia: «De qualquer modo, não compreenderão!» E esses investigadores realmente não conseguiam determinar como «funcionava» o seu dom.

Alguns cientistas realmente comportavam-se de forma algo descortês em relação a Vanga. Uma vez, o professor Nikola Shipkovenski, especialista em medicina legal, propôs aos colegas: «Após a morte de Vanga, abriremos a cabeça dela e investigaremos o cérebro!» Claro, a vidente em breve soube disso e indignou-se fortemente. Ao encontrar-se com Shipkovenski, disse-lhe: «Queres extrair o meu cérebro, mas não conseguirás. Morrerás antes!» Foi o único caso na prática de Vanga em que ela falava diretamente a uma pessoa sobre a morte, procedendo com o professor de forma tão impiedosa como ele queria proceder com ela. Em breve, Shipkovenski realmente faleceu.

O presidente da Calmúquia, Kirsan Iliumzhinov, visitava frequentemente Vanga. Num dos encontros, pediu-lhe que lhe mostrasse o mapa da Calmúquia. A vidente primeiro olhou longo tempo para o mapa com olhos que não viam, depois, inesperadamente apontando com o dedo para um certo lugar, disse: «Aqui há muito petróleo». Essa profecia revelou-se verdadeira. Mais tarde, no lugar

indicado por Vanga, foi construída uma grande fábrica de processamento de petróleo.

Segundo o testemunho do responsável pela clínica privada da cidade de Petrich, Ivan Petrov, pouco antes da morte de Vanga, quando foram feitos exames clínicos circunstanciados, inclusive do cérebro da anciã, verificou-se que o cérebro dela em nada se distinguia do cérebro de uma pessoa comum, tudo estava normal. Cumprindo a vontade de Vanga, os médicos não permitiram que ninguém tocasse no corpo dela após a morte.

A docente da Universidade de Shumen, física Iordanka Peneva, que encabeçava a primeira comissão interdepartamental da Bulgária para fenómenos anómalos, contou sobre o seu encontro com Vanga. Esta produziu nela uma impressão indelével. Os cientistas que integravam a comissão estudavam casos de poltergeist na Bulgária. Quando se verificou que alguns deles não eram mistificação e grandes cientistas não podiam dar qualquer explicação, decidiram recorrer à ajuda de Vanga. Ao encontro com ela foi Iordanka Peneva.

A académica Natalia Bekhtereva contava que, no fim dos anos 1980, visitou Vanga. A vidente perguntou logo pelo marido, mas Bekhtereva respondeu que com ele tudo estava bem, estava em Leninegrado. Vanga franziu o sobrolho e disse: «Não... Algo não está bem com ele, mal o vejo». Infelizmente, essas palavras foram proféticas, e nesse mesmo ano o marido de Bekhtereva morreu.

No primeiro encontro, Vanga enumerou a Peneva todos os eventos da sua vida passada, incluindo muito íntimos, e depois descreveu o futuro. Segundo as palavras de Iordanka, todas as profecias se cumpriram. O mais impressionante para Peneva, cientista com nome, foi o encontro com o filho falecido, que Vanga lhe arranjou. «E depois Vanga mostrou-me o meu filho falecido — contava Iordanka. — Como que mergulhei por um instante nalgum lugar — ou noutro mundo, ou num sonho — e vi um prado onde brincam dois meninos. Um deles era o meu filho mais novo, que morreu aos sete anos. E o outro — o neto, que nessa altura tinha cinco anitos. Consegui abraçá-los e beijá-los. Depois, ouvi a voz de Vanga: "Este menino ficará aqui, e o outro tem de partir!" Recuperei os sentidos e vi que passaram alguns segundos. Vanga está sentada defronte de mim, acaricia com a palma o lenço que

está na mesa e repete: "Bem, bem..." E eu sinto-me absolutamente feliz».

Depois, Peneva perguntou a Vanga como fizera isso, ao que esta respondeu: «Não sei, tu és cientista. Explica-me tu própria como...» Mas em Iordanka não encontrou explicação para essa experiência, embora tenha ficado imensamente grata a Vanga pelo encontro com o filho falecido: a vidente deu à cientista a possibilidade de compreender que a vida não termina com a morte.

No fim da conversa, Peneva contou a Vanga sobre casos de poltergeist. Por exemplo, na aldeia de Dibich, um menino era atormentado por um «espírito ruidoso»: empurrava-o, puxava-lhe as mãos, a roupa, inchava-lhe a barriga. Os cientistas observaram esse estranho fenómeno com os próprios olhos e ficaram surpreendidos e até assustados, porque não conseguiam explicar nem influenciar de algum modo, parar. Vanga não explicou a natureza do poltergeist, só disse que era uma força má e que os cientistas não deviam ocupar-se dela. Mas a profetisa deu contudo um conselho sobre como livrar o menino do «espírito ruidoso».

A Natalia Bekhtereva, como cientista sério que se ocupava do estudo do dom de Vanga, perguntavam frequentemente: «Como pode explicar a natureza das profecias?» — «Por nenhum dos métodos científicos modernos — respondia ela —, isso não se presta a explicação. É preciso supor que o futuro nos é dado de antemão, que já existe. Com formulações mais determinadas, gostaria de esperar, porque os sucessos da direção tecnológica da ciência sobre o cérebro são tão grandes que, talvez, se abra ainda algo que permita lançar luz sobre este enigma».

A comissão encabeçada por Peneva estudava sensitivos e pessoas que possuíam capacidades invulgares. A esse respeito, Vanga disse a Iordanka: «Há pessoas que têm capacidades de Deus, mas para cada uma dessas, há milhares de charlatães». Para distinguir os verdadeiros sensitivos dos impostores, Vanga aconselhou: «Pelas obras, claro, como se diz na Bíblia. Já pelos pensamentos se pode compreender que é um dom de Deus. Os cientistas devem cultivar tais pessoas como flores. E confiar nelas. Quando não confiam, a pessoa não conseguirá manifestar as suas capacidades».

«A nossa comissão estudava muitos sensitivos — dizia Iordanka Peneva. — Mas a Vanga considerava-a não objeto de experiência, mas colega. Mais mentora. Dizer que ela era minha assistente é aproximadamente o mesmo absurdo que chamar assistente de laboratório a Einstein. Era genial, as suas possibilidades eram simplesmente ilimitadas. Qualquer cientista pode ser especialista só numa área concreta. E Vanga sabia tudo sobre tudo...»

Natalia Bekhtereva, diretora do Instituto do Cérebro, contou que o encontro com a vidente a abalou profundamente. «Vanga conversava com a minha mãe falecida — dizia Bekhtereva —, mencionando factos conhecidos apenas por nós duas... O exemplo de Vanga convenceu-me de forma absoluta de que existe o fenómeno do contacto com os mortos».

Quando Iordanka Peneva se despedia de Vanga, esta deu-lhe, como presente de despedida, três penas de faisão (Vanga tinha um aviário com essas aves, que muito amava) e pediu-lhe que guardasse uma para si e desse as outras duas a conhecidos ou colegas. Como se verificou mais tarde, essas penas revelaram-se «mágicas». «Mal os amigos tinham um problema insolúvel — contava Peneva —, a pena desfazia-se em pó e a situação logo se resolvia. A minha pena ainda está intacta. Quer dizer que o tempo ainda não chegou...»

O coordenador da sociedade de rusófilos do centro regional «Blagoevgrad», diretor da companhia de seguros «Bulstrad», Andon Stankov, que se encontrava frequentemente com a vidente, perguntou-lhe uma vez como via os mortos e falava com eles. Vanga explicou: «Vejo os seus silhuetas e até a cor da roupa deles, como que através de uma camada de água. Tenho aqui um terceiro olho (apontou para a têmpora direita). E nesse lugar, como que me transmitem informação de algures, uma certa voz diz-me o que devo dizer a esta ou àquela pessoa». Então, Stankov perguntou: «Como achas, de quem é essa voz?» Ela respondeu: «Talvez de Deus».

Exatamente a mesma resposta deu o padre da igreja «Santa Assunção da Virgem», o padre Angel Kovachev. Conhecia bem Vanga e, à pergunta de onde ela obtinha informação sobre as pessoas, disse: «De Deus».

Muitos cientistas tentaram explicar de formas diferentes por que, para profecia e conversa com as pessoas, a vidente usava um pedacinho de açúcar, mas Vanga respondeu ela própria a essa pergunta, que lhe foi feita pela assistente doméstica e amiga Vitka Petrovska, explicando que isso fora determinado pelas forças superiores: primeiro, disseram-lhe que enviariam mensagens através de velas acesas, mas depois, «pensando melhor», que a mulher era cega e podia acidentalmente queimar-se, enviaram-lhe ao cérebro uma «telefonograma» com a indicação de ler a informação através do açúcar.

Após a morte de Vanga, verificou-se que tinha centenas de «discípulos», muitos dos quais se consideram tais apenas por terem-se encontrado com ela uma vez. E essas pessoas, sem excessiva modéstia, cobram por consulta de 2500 a 10 000 rublos.

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, indignada com tais factos, manifestava-se sobre isso: «Tivemos uma situação cómica. Apareceram cerca de 500 "discípulos" que se chamavam os únicos. E continuadores comuns da sua obra revelaram-se vários milhares. Agora, a onda de tais vigaristas entre nós está a diminuir. Na Bulgária, as pessoas já não acreditam neles... E pessoalmente, desagradou-me a abundância de "amigas" e "parentes" de Vanga, que, segundo as suas afirmações, quase dormiam no tapete ao lado da cama dela.

Filhos não tinha, e as suas "netas" de aspeto vagabundo vinham ao meu quarto pedir "emprestado" dinheiro até à pensão e mendigar uma garrafinha de whisky do meu minibar. E nas "assistentes" dela havia quase meia cidade: uma esteve com ela 30 anos, outra — 15, a terceira passou com ela os últimos dias na enfermaria. E apareceram ainda tais que hoje até profetizam pela boca de Vanga — alegadamente, ela lhes envia mensagens do outro mundo. Demasiados "filhos do tenente Schmidt", que, passados muitos anos, se colam à fama dela».

É triste que esses supostos «discípulos» de Vanga sejam na realidade verdadeiros vigaristas, que mancham o nome da vidente e a memória dela. Um tal «discípulo» — curandeiro de Vladivostok, Mairbek Begizov — vendia o «elixir de Vanga», do qual dezenas de doentes acabaram na reanimação. Recentemente, foi preso.

Segundo alguns testemunhos, ao morrer, Vanga disse que em França nasceria a sua sucessora. Contudo, as assistentes de Vanga — Katerina Gankina e Vitka Petrovska, que cuidaram da profetisa durante mais de 20 anos até à morte dela, disseram que nunca mencionou qualquer sucessora, na qual devia reencarnar a sua alma. Em geral, quanto a várias das suas predições, circulam diversas interpretações enviesadas. Possivelmente, toda a complexidade da situação está em que há realmente pessoas desonestas que se encontraram com a vidente e que, nos seus interesses, usam o nome dela e, em nome de Vanga, expressam as suas próprias profecias.

Outro exemplo — o «homem-raios X» Grigori Grabovoi. Realmente veio ter com Vanga e foi expulso com vergonha, mas, ao regressar a Moscovo, anunciou que a vidente o abençoara. Pormenorizadamente, essa história foi descrita por Lyudmila Kim no seu livro.

Nos anos 1990, Grabovoi, chegado a Moscovo de Tashkent, tornou-se um sensitivo bastante conhecido: tratava pessoas de várias doenças e até começou a «ressuscitar» mortos. Além disso, «produzia» diagnósticos à distância de mecanismos. Lyudmila Kim decidiu tomar sob a sua proteção esse jovem curandeiro, acreditando na palavra de que ele curaria o filho dela (o menino sofria de esquizofrenia).

Como contou Lyudmila Kim, por vezes o sensitivo tinha pequenos deslizes. «Uma vez, contei a Grabovoi — descreve ela um pequeno episódio — que no novo carro do meu motorista "Opel Kadett" se descobrira um defeito de fábrica — uma fissura no suporte junto à roda traseira. Contei e esqueci. E vejo uma cena feia: Grisha corre atrás do meu motorista, enfia-lhe um papel qualquer e exige que assine um testemunho de que previra corretamente a avaria. O motorista ficou atónito, e a mim achava graça, Grabovoi não sabia que diante dele estava outro carro. Aquele com a fissura, vendêramos há muito...» Mas Lyudmila esperava tanto que Grabovoi curasse o filho que procurava não notar esses momentos.

Contudo, depois começaram a ocorrer outros casos, mais sérios. Assim, uma vez, quando Kim partiu para as Filipinas, confiou-lhe os seus doentes. Mais tarde, verificou-se que aos pacientes sob os cuidados dele piorara o estado, e um deles até morreu. Ao regressar a casa, Lyudmila perguntou a Grabovoi: «Grisha, por que não o curaste?» Este,

com uma calma indignante, respondeu: «E por que morreu ele e não me perguntou?» — «Grabovoi é uma pessoa terrível — dizia Lyudmila. — Quando soube que com infelizes ele cobrava 1500 dólares por sessão, e por saída ao cliente — 10 000 dólares, perguntei: "Por que cobras tanto deles?" A resposta dele lembro até hoje: "Se querem viver — que paguem!"»

No início dos anos 1990, Grabovoi investia muito dinheiro em publicidade: os jornais abundavam em artigos elogiosos sobre o «homem-raios X» Grabovoi e a sua grande missão. Quando no meio ocultista o vigarista conseguiu suficiente notoriedade, decidiu que, para a plenitude do sucesso, era necessário ir ter com Vanga.

Como é sabido, filhos próprios Vanga não tinha. Embora tivesse vivido com o marido Dimitar juntos 20 anos, permaneceu virgem. Assim testemunham as assistentes de Vanga, que cuidaram dela durante os últimos 20 anos de vida. Tinham filhos adotivos: a primeira, Violetta, aceitaram quando tinha 6 anos (agora está casada com um homem rico); o segundo foi Dimitar Volchev (atualmente procurador da cidade de Petrich).

Lyudmila Kim foi ter com a profetisa juntamente com o recém-aparecido sensitivo. Mal transpusemos o limiar da casa, Vanga perguntou-lhe rudemente: «És tu que ressuscitas pessoas?» Este respondeu afirmativamente, e Vanga começou a gritar em voz alta: «Na vida passada, foste carregador. Pelo teu esforço, deram-te um pouquinho de capacidades, e tu enganas as pessoas!» Então, Grabovoi propôs a Vanga testá-lo e apostar 1000 leva. Vanga ordenou-lhe que escolhesse na sala de espera qualquer criança, e Grabovoi escolheu um menino. «Como tratá-lo?» — perguntou-lhe Vanga. «Tem o estômago doente — respondeu decididamente o pseudo-curandeiro. — Deve beber hipericão». Após isso, Vanga praguejou em búlgaro e gritou: «Tem cancro no cérebro, tem metástases por todo o corpo. És parvo, o cancro não se trata com hipericão. Trata-te tu com hipericão. Vai-te daqui! E depois acrescentou amargamente: "Esta pessoa é fraca, fraca. Doente. Não se pode ligar a ele"».

Vanga chamava Anatoli Kashpirovsky, Alan Chumak, Pavel Globa e alguns outros falsos profetas da Bíblia.

Segundo o testemunho de Boika Tsvetkova, Grabovoi levou Vanga ao rubro, e ela, violando as suas próprias leis, informou o pai do menino infeliz de que também o segundo filho dele sofria da mesma doença e em breve isso se manifestaria. Habitualmente, Vanga era mais misericordiosa e não dizia diretamente sobre uma doença incurável, procurando deixar às pessoas pelo menos alguma esperança. Mas dessa vez, aparentemente, vivia um stress agudíssimo. «Talvez de todos os curandeiros russos — disse Tsvetkova —, exatamente Grabovoi provocou a maior antipatia de Vanga».

No verão de 1994, encontrou-se com Vanga o empresário ucraniano, viajante Anatoli Lubchenko. Nesse ano, fora eleito pela primeira vez para a Rada, e partiu descansar na Bulgária. Primeiro, nem sonhava encontrar-se com a vidente, sabendo que estava muito doente, e queria simplesmente ver a casa dela. Mas, quando o empresário chegou a Petrich, da multidão de pessoas que estavam diante da casa, saiu de repente um homem e convidou-o a entrar. Anatoli Lubchenko ficou bastante surpreendido, pois não marcara previamente um encontro com Vanga.

Ao entrar em casa, viu deitada numa grande cama uma velhinha magrinha e perdeu-se, não sabendo o que perguntar, pois não se preparara de todo para a conversa. E de repente, Vanga virou-se para ele e perguntou ela própria: «Onde está o teu pai?» Lubchenko respondeu que estava na Alemanha. Vanga calou-se longo tempo, e depois disse: «Em breve, vencerão essa doença, acorrentá-la-ão em ferro. Mas ao teu pai isso não ajudará». Depois, calou-se um pouco e acrescentou: «E contigo, tudo correrá bem, Kiev é uma boa cidade, vejo...»

Lubchenko, que frequentemente ouvia lições de inglês em cassete, lembrou-se de que levava consigo um gravador com cassete. Dirigiu-se a Vanga: «Posso gravar a conversa convosco?» Vanga concordou, mas ordenou que até ao novo século não mostrasse a gravação a ninguém. O primeiro que perguntou foi como se tornara vidente. Vanga contou: «Frequentemente via pessoas que morreram há muito, e elas diziam-me o que aconteceria com quem. E depois apareceu um grande desconhecido. Disse que amanhã começaria a guerra e eu devia contar às pessoas quem ficaria vivo, quem morreria e como evitar a morte». —

«Era uma pessoa viva?» — perguntou Lubchenko. «Não, morta, como os outros» — respondeu a profetisa. — «E parecia uma grande sombra. Baloiça, como um reflexo. Todos eles parecem assim. E às vezes só a voz».

Lubchenko perguntou a Vanga: «Existe Deus no mundo?» Ela disse: «Deus não pode estar no mundo, Deus é a própria luz. Não há Deus no homem, mas o homem há em Deus». — «Existe paraíso e inferno?» — «Paraíso e inferno são lados diferentes da vida sem corpo. Se o falecido é necessário aos vivos — isso é paraíso» — concluiu Vanga.

Depois, Lubchenko perguntou como comunicava com os mortos. E Vanga respondeu que primeiro sente como aparecem, ouve as suas palavras na língua, e depois «no cérebro», e essa voz soa «de longe, como no rádio, ora clara, ora mal...»

Ao encontrar pessoas comuns, Vanga via imediatamente toda a vida delas. «São bons, maus, vários... — dizia ela. — Todos querem um milagre, e depois choram. Mas quando está muito mal, calo-me, não digo nada. Só posso dar um conselho... Para que não vivam no mal, não se vinguem de ninguém, não guardem ofensas, façam boas ações. Para que ouçam o seu coração. Sempre só o coração, a cabeça engana-se mais frequentemente. O coração está ligado ao cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça».

Vanga fez várias profecias sobre o futuro, e no fim disse que «é preciso esperar, não se pode apressar os eventos, isso será daqui a muito tempo...» O hóspede ucraniano perguntou-lhe quando na Terra chegaria a «idade de ouro». Vanga respondeu: «Já está a chegar, mas nem todos conseguem vê-la». Depois disse que «as pessoas serão muitas... Mas as pessoas livrar-se-ão dos corpos... Pode viver-se sem corpo, só a personalidade, só a energia, como nos mortos. Mas isso será daqui a muito tempo».

Por fim, Anatoli perguntou a Vanga se ajudaria as pessoas após a morte, ela não respondeu. Surpreendentemente, mas após essa última pergunta, o gravador desligou-se sozinho sem qualquer intervenção. A conversa terminara — assim, aparentemente, decidira Vanga.

Uma vez, veio ter com Vanga V. L. Levi, que viajava pela Bulgária no início dos anos 1980. Inicialmente, relacionava-se de forma cética com

toda a sorte de profetisas e adivinhas. Mas um amigo dele tinha possibilidade de ir ter com a famosa vidente búlgara, e Levi decidiu aproveitar a ocasião.

Levi registou ele próprio as suas impressões do encontro com a famosa curandeira: «Diante de mim, uma velhinha insignificante e minúscula com rosto inesquecível. A cabeça coberta com um lenço. Nos olhos, cataratas. Olha, como é próprio dos cegos, para algum lado ligeiramente ao lado, mantém-se muito direita, reclinada. Os movimentos imprevisíveis, bruscos, visivelmente obedecem a alguns impulsos internos...

E uma voz de rapariga jovem, alta e cantante, que soa como que não desse corpinho seco, mas de algures de cima, do céu mais próximo...

Logo sinto uma leveza extraordinária e uma calma surpreendente. Como se toda a vida estivesse aqui e como se não tivesse corpo — da sua presença lembrava apenas um arrepio com formigueiro entre as omoplatas...»

Meio ano após a viagem à Bulgária, Levi começou a ser atormentado por dor na metade direita do rosto. Decidiu que era nevralgia, mas o tratamento não ajudava. Completamente por acaso, Levi tocou com a colher num dente e compreendeu que, na realidade, o rosto doía por causa do dente. Teve de ir ao cirurgião e extrair o dente.

Ao regressar a casa, Levi encontrou uma carta da Bulgária de Belyana, que ajudara a traduzir a conversa com a profetisa. A carta demorara exatamente dez dias. Nela dizia-se: «Vladimir, ontem estive com a Avó, e ela de repente lembrou-se de ti e entrou contigo em contacto. Expressou preocupação com o estado dos teus dentes. A Avó disse que deves urgentemente ocupar-te dos teus dentes, recorrer a um médico...»

CAPÍTULO 4

OS SERVIÇOS ESPECIAIS NA VIDA DA VIDENTE

No Ocidente, até hoje muitos pensam que Vanga era agente do KGB, e o famoso hipnotizador russo Yuri Gorny afirma que Vanga fazia as suas predições e profecias graças à informação que para ela recolhiam previamente agentes dos serviços especiais da Bulgária. A informação sobre as pessoas que vinham à consulta com Vanga era recolhida aos bocadinhos. Com isso ocupavam-se o pessoal recrutado dos hotéis, taxistas e outras figuras de cobertura. Afinal, os visitantes da profetisa esperavam o encontro com ela, inscrevendo-se na fila com um ano de antecedência. Aqueles que chegavam a Petrich paravam algum tempo num hotel, por isso tempo para recolher a informação necessária havia de sobra.

«Promoviam-na os serviços especiais búlgaros — diz Yuri Gorny —, que tinham o seu interesse. Para o país era prestigioso ter uma profetisa a quem afluem multidões de turistas e celebridades de todo o mundo. Na cidadezinha onde paravam as pessoas que vinham ter com Vanga, a informação sobre futuros visitantes era recolhida pelas empregadas de limpeza nos hotéis, taxistas e vendedores nas lojas. E o principal, estavam envolvidos os arquivos dos próprios serviços especiais. Daí a fantástica informada de Vanga. Por exemplo, Todor Zhivkov ficou impressionado quando ela lhe disse: "Os teus amigos foram mortos há 50 anos". Pensava que ninguém sabia disso. E a mim, depois, um conhecido da inteligência búlgara contou que vira no arquivo muitas fotografias desses mortos...»

Ainda muito antes da queda do sistema soviético na Bulgária, Vanga predisse ao czar que o seu descendente regressaria à Bulgária natal para ficar à frente do país. Claro, no povo, o czar Simeon II, filho do czar Boris, era muito amado, mas ninguém acreditou seriamente nessas palavras de Vanga, porque o regresso da monarquia nessa altura parecia impensável, e por isso o regresso de Simeon parecia um evento completamente improvável. Nessa altura, encontrava-se no exílio na longínqua Espanha. Contudo, à luz dos eventos recentes, verificou-se que Vanga tinha razão absoluta. Nas eleições, venceu o partido «Movimento Nacional Simeon II», que encabeçava o antigo monarca búlgaro. Em resultado, obteve poder considerável e começou a

desempenhar um papel bastante importante na vida da sociedade búlgara.

Nessa altura, circulavam rumores persistentes de que a casa de Vanga estava literalmente recheada de dispositivos de escuta — «bichos». Afinal, ao encontro com ela vinham personalidades de alto nível, generais e funcionários, encontros pessoais com os quais e conversas interessantes sobre temas pessoais e políticos podiam ser extremamente interessantes para o governo e os serviços especiais.

O próprio Yuri Gorny organizou para Vanga uma espécie de verificação. Enviou-lhe um amigo seu. Previamente, foram combinadas as condições do encontro com uma pessoa do entorno de Vanga, e no fim, inesperadamente, propôs ir juntos à sauna. O «espião» de Gorny concordou e, mais tarde, ao chegar à consulta com Vanga, ouviu dela toda uma série de histórias incríveis da sua vida, e só um facto dado pela vidente se revelou verdadeiro — a cicatriz no escroto. Então, o amigo de Gorny compreendeu para que o levaram à sauna.

Yuri Gorny, que ele próprio não acredita em milagres, considera que «qualquer milagre é não um dom de forças sobrenaturais, mas resultado de destreza das mãos e treino». Contudo, sensitivos e ilusionistas podem ser muito úteis para políticos. «A fé em milagres — dizia ele — é o mesmo hipnose. Nas pessoas, surge um estado alterado de consciência, quando tudo se aceita na fé. E com elas é mais fácil manipular».

Quanto às predições de Vanga sobre os destinos de povos inteiros, países, sobre o futuro da humanidade, na opinião de Gorny, as pessoas recordam apenas aquelas que se cumpriram, e Vanga teve bastantes predições que não se realizaram. Por exemplo, quando Alexander Bovin esteve em consulta com Vanga, a vidente predisse-lhe que a URSS em breve introduziria tropas no Chile. Contudo, essa predição não se cumpriu, e nesse erro Gorny culpa os prognósticos infundados dos serviços especiais búlgaros.

A conhecida próxima de Vanga, Neshka Robeva (no passado, treinadora da seleção olímpica nacional e oficial do Ministério do Interior), dizia: «As informações sobre os visitantes de Vanga eram realmente registadas pelos órgãos competentes. Mas a razão era

simples: Vanga vivia em Petrich, essa cidadezinha fica a apenas 10 quilómetros da Grécia. E nos tempos soviéticos, para búlgaros e estrangeiros entrarem na zona fronteiriça, era necessário obter a autorização correspondente. Foi por isso que nasceu a lenda de que os serviços especiais como que trabalhavam para Vanga. Acreditem em mim, assistentes da inteligência não lhe eram de todo necessários. Ela própria sabia sobre cada pessoa coisas que não cabem em nenhum questionário. A propósito, sobre o facto de eu ir ter com ela, nem a polícia nem a inteligência podiam saber. Como oficial do Ministério do Interior, eu tinha direito de entrar na zona fronteiriça sem questionários, quando me apetecesse...»

Os serviços especiais russos negam categoricamente a colaboração com Vanga. O antigo primeiro vice-presidente do KGB da URSS, Filip Denisovich Bobkov, disse a esse respeito: «Vanga nunca foi nossa agente. Os órgãos de segurança do Estado relacionavam-se muito calorosamente com ela. Eu próprio estive em Petrich, conhecia bem os rapazes de lá. Os colaboradores da contrainteligência búlgara informaram-me nessa altura que Jacqueline Kennedy estava precisamente a preparar-se para visitar Vanga. Já tinham sido transferidos os dinheiros pela visita dela, dos estrangeiros cobravam 50 leva. O que Jacqueline queria perguntar a Vanga, só se pode conjeturar, era exatamente na altura das complicações familiares dela com o milionário grego Onassis. Mas no último momento, a visita foi cancelada. Ou ela mudou de ideias, ou os americanos tiveram medo de a deixar ir à Bulgária...»

O general do exército Bobkov não se encontrou pessoalmente com Vanga, não querendo que «depois começassem conversas de que Vanga estava de algum modo ligada ao KGB». Contudo, a esposa dele esteve com a profetisa. Vanga contou-lhe sobre tais eventos da vida que ninguém simplesmente podia saber. Por exemplo, contou como morrera na guerra o irmão da mulher e que da frente trouxeram, como recordação dele, o relógio dele, que depois se perdeu, e todos se afligiram muito. Contudo, Vanga disse que em breve o relógio seria encontrado, e isso cumpriu-se. Bobkov disse que toda a informação dada por Vanga sobre a família dele era absolutamente exata: «Tirava-a não se sabe de onde, mas acertava sempre na mouche».

Segundo as palavras de Bobkov, os serviços especiais búlgaros realmente, nos últimos anos, protegiam Vanga de todas as formas e nunca lhe causaram mal. A própria vidente nunca fez nada que pudesse prejudicar a Bulgária e, pelo contrário, era uma verdadeira patriota. «Em Petrich, os colegas contaram-me — dizia Bobkov — que no departamento territorial da contrainteligência vieram dois habitantes locais e arrependeram-se de que queriam fugir para o estrangeiro. Confessaram que vieram pedir conselho a Vanga e ela dissuadiu-os desse passo. Nesse sentido, ajudou a inteligência. Mas agente Vanga nunca foi, ninguém a recrutou».

Os céticos que consideram que Vanga colaborava com o KGB inquietam-se sobretudo com o facto de ela amar muito a Rússia, predizer-lhe um grande futuro e apelar aos búlgaros para a «amizade eterna com a Rússia». A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, manifestou-se a esse respeito: «Ela amava os russos e o vosso país, embora nunca tivesse estado nele. Mas sempre foi independente nos seus atos e juízos. Exatamente por isso, as relações dela com os órgãos do poder nem sempre foram sem nuvens. Em 1974, a 20 de setembro, fizeram uma busca na casa de Vanga em Petrich.

Ela recebia as pessoas no pátio, quando chegaram os funcionários dos órgãos. Os polícias espalharam todas as coisas, reviraram toda a casa. Quando Vanga entrou no seu quarto, tropeçou e caiu. A tia, com enfarte, foi levada para o hospital durante um mês. Não regressou à casa em Petrich enquanto não pusemos tudo em ordem. Vanga pediu que pintássemos as paredes para esconder os vestígios daquele terrível saque. Como nos disseram, a razão formal da busca foi a suspeita de espionagem! É até ridículo pensar: Vanga, mulher cega, que na vida não mentiu nem causou mal a ninguém, foi considerada uma espécie de Mata Hari búlgara!»

Nessa altura, a Bulgária tinha relações tensas com a Jugoslávia. E para Vanga vinham pessoas de lá — do país onde nascera — constantemente. Mas algum contrainteligente zeloso decidiu distinguir-se, e imaginou um ninho de espionagem. Quando Vanga se queixou em Sófia da busca, disseram-lhe que fora iniciativa dos órgãos locais.

Após a busca, verificou-se que na casa de Vanga desapareceram muitas coisas, e embora ela se afligisse muito, não pediu que lhe

devolvessem o roubado. Vanga afligia-se apenas pelo seu adorado transistor soviético «Sokol», que lhe ofereceram. Antes, levava-o constantemente na mala. Algumas das coisas, os funcionários dos órgãos depois ofereceram às esposas e amigas. Vanga, claro, sabia quem apropriara o quê, e mais de uma vez disse que o ladrãozinho traria ele próprio o seu adorado recetor. E realmente, passados 15 anos, um certo homem devolveu a Vanga o rádio roubado. Pedia perdão, dizendo que as coisas roubadas «atraíram uma desgraça mortal»: estava doente de cancro. Vanga respondeu que não guardava «no coração mal contra os seus ofensores, mas a punição de Deus já não se pode parar».

Sem dúvida, Vanga, com o seu dom de saber tudo e sobre tudo, seria um colaborador desejado para qualquer inteligência e não só para a búlgara, por isso os serviços especiais búlgaros suspeitaram dela de colaboração com inteligência estrangeira. «Esse assalto quase custou a vida à tia! — contava Krasimira Stoyanova. — Após a acusação infundada de espionagem, foi parar ao hospital com enfarte. Impensável — ela, patriota da Bulgária, foi suspeita de trabalhar para inteligência estrangeira!»

Até hoje, as capacidades de Vanga provocam acesas disputas, e o seu dom profético é posto em dúvida. Embora exista uma massa de exemplos que confirmam as suas capacidades extraordinárias de prever eventos tanto da vida privada como da pública. O escritor Leonid Leonov, que a visitou mais de uma vez, dirigiu-se uma vez a Vanga com censura por não ter predito a morte da esposa dele. Mas Vanga apenas se surpreendeu em resposta: «Como não predisse? Afinal, enviei-te uma lembrança — uma chávena de café. Uma só». A questão é que ela realmente raramente falava abertamente às pessoas sobre a morte: ou não dizia nada, ou recorria a alegorias, alusões.

Em 1968, Vanga predisse três eventos políticos muito importantes: a revolta na Checoslováquia, o ferimento mortal do senador Robert Kennedy e a vitória do candidato republicano nas eleições.

Prever o futuro, ajudar as pessoas na busca de parentes desaparecidos ou gado doméstico, Vanga começou muito antes de os serviços especiais saberem dela. Afinal, foi exatamente o boca a boca popular que a tornou famosa, e só depois disso afluíram multidões de visitantes de diferentes países do mundo. Às vezes, Vanga contava às

pessoas coisas de que elas próprias não se recordavam e só após as palavras dela se lembravam. Sem dúvida, tal informação os serviços especiais não podiam ter. E há milhares de tais exemplos. Por exemplo, quando Sergei Mikhalkov veio ter com Vanga, ela disse-lhe que ele tivera uma irmã que morrera aos cinco anos, do que o próprio Mikhalkov já se esquecera, e Vanga lembrou-lho. Aos serviços especiais, essa informação não servia para nada. Vanga explicava que essa informação lhe era trazida pelos mortos, que vinham atrás dos parentes vivos, e a vidente podia comunicar com eles.

A uma das suas visitantes, que perguntava a Vanga como viver após a morte da irmã, pois todos os meios foram gastos no tratamento dela, esta respondeu de forma bastante seca. Disse à mulher que esta nem uma vez viera visitar a irmã doente, não a ajudara de forma alguma, e agora queria encontrar o dinheiro escondido pela irmã. E onde o dinheiro estava, também não lhe diria. Após essas palavras, Vanga despachou a mentirosa.

Alguns visitantes afirmam que eles próprios ouviam vozes do «além» sob a forma de um misterioso sussurro fininho ou surdo, como no telefone. Gorny, porém, conta que, para testar Vanga, enviava-lhe as suas pessoas, inventando previamente para elas uma história especial sobre o passado delas. Essa história inventada, contavam-na pelo caminho a Vanga a todos com quem se cruzavam. Ao chegar a Vanga, ouviam dela exatamente essa informação falsa, inventada sobre o seu passado. «Assim que Vanga era uma boa atriz, mas nenhuma profetisa» — conclui Gorny.

Quão credível é essa afirmação, é difícil dizer, pois as predições de Vanga e as suas profecias diziam respeito não só aos destinos de pessoas individuais, mas ao futuro de países, dos seus líderes e da humanidade no seu todo. Tanto mais difícil imaginar que qualquer pessoa que chegava à Bulgária para uma consulta com Vanga começasse a confidenciar sobre si ao pessoal de serviço do hotel ou ao taxista búlgaro, partilhar os seus problemas, etc. Pelo menos, nenhum dos «agentes secretos de Vanga» até agora se «desclassificou», e na imprensa nunca apareceram as suas chocantes confissões.

Além disso, é impossível imaginar que os serviços especiais pudessem fornecer a Vanga informação relativa a eventos futuros

concretos. Por exemplo, em 1980, predisse que em agosto de 1999 ou 2000 «Kursk» ficaria debaixo de água «e o mundo inteiro o chorará». Nessa altura, poucos acreditaram nisso, pois a cidade de Kursk é continental e fica longe da água. Contudo, Vanga falava não da cidade, nessa altura ninguém compreendeu isso. E a predição cumpriu-se passados 20 anos, quando afundou o submarino atómico com esse nome.

Ou a predição de Vanga, feita em 1989: «Medo, medo! Os irmãos americanos cairão, bicados por aves de ferro. Lobos uivarão do arbusto, e sangue inocente correrá em rio». Em setembro de 2001, ocorreu o ataque aéreo de terroristas aos EUA, ruíram os arranha-céus do World Trade Center, que chamavam «gémeos» ou «irmãos». Neles, embateram os aviões dos terroristas — «aves de ferro». Derramou-se muito sangue inocente, e a palavra «arbusto» associaram ao nome Bush, pois em inglês esse nome significa arbusto. Provavelmente, essas palavras relacionavam o tempo do evento com o tempo da presidência dele, mas possivelmente há outras interpretações das palavras da vidente.

Existe um enorme número de predições de Vanga oficialmente protocoladas. Algumas das suas predições eram usadas em interesses estritamente estatais sob a forma de prognósticos políticos. Mas muito frequentemente as palavras de Vanga, as suas predições, eram difíceis de decifrar, e até a sobrinha, a irmã e outras pessoas próximas muitas vezes não conseguiam compreender o que Vanga queria expressar.

O professor Dobriyanov, que investigava os diálogos de Vanga com os visitantes, escrevia: «Nas minhas sessões, houve um caso. Após sairmos de junto de Vanga, a mulher atordoada pela experiência vivida disse espantada: "Como perguntou logo se sou viúva?" Aproveitei a ocasião para censurá-la por se ter traído logo à primeira pergunta de Vanga, mas, para a convencer, tive de ligar de novo a gravação magnética. Nas sessões, há muitos casos em que Vanga pergunta sobre coisas já esclarecidas na conversa anterior.

Naturalmente, surge a questão: qual o papel e significado de tal forma de adivinhação, em primeiro lugar, para o agente da telepatia e, em segundo, para a própria Vanga. Milhares de pessoas que vêm ter com ela não levam consigo aparelhos de gravação para depois analisarem calmamente a conversa realizada. Nas condições de alta

tensão psíquica, é completamente explicável que a pessoa possa não prestar atenção ao que ela própria disse no início da conversa, e depois ficará surpreendida com a "descoberta" de Vanga».

Embora o próprio professor Dobriyanov tenha confirmado os factos de coincidência das predições de Vanga na maioria dos casos, mas, apesar disso, tanto ele como alguns outros investigadores do dom dela continuam a relacionar-se de forma cética com esse fenómeno.

O escritor Mikhail Chulaki manifestou-se sobre as profecias de Vanga: «Notarei, a propósito, que mesmo acreditando nas profecias a um nível puramente quotidiano, sem refletir sobre o problema da liberdade de vontade, é preciso reconhecer que todos os videntes populares — tais como a famosa Vanga e os seus imitadores domésticos, cujo nome é legião —, são criaturas exclusivamente malignas. Porque, demonstrando a espectadores impressionáveis pequenos milagres, nem Vanga nem um astrólogo nem um louco em Cristo preveniram as vítimas de futuros terramotos, de futuras catástrofes, que tantas ocorrem no nosso tempo.

O futuro revela-se sempre inesperado, as catástrofes — súbitas. De outro modo, não pode ser. Uma profecia cumprida criaria o mesmo paradoxo que uma máquina do tempo: se fosse possível regressar ao passado e corrigir algo nele, mudaria também o presente de que partimos; se fosse possível prever o perigo e evitá-lo, mudaria o futuro predito e divergiria da predição. Assim que Vanga não é malvada, mas uma velhinha simpática que sabe sobre o futuro não mais do que nós».

O esoterista Ivan Malyshev, falando de que há profetas «luminosos» e «tenebrosos», escrevia: «Profeta é antes de mais um transmissor e executor na Terra da informação da sua consciência grupal, da Universo informacional, de Deus... Profetas tenebrosos — pessoas que trabalham com estes ou aqueles preparados narcóticos na tentativa de expandir a consciência — recebem informação, em regra, de consciências grupais de baixa inteligência... O que é em geral uma profecia, de onde vem a informação sobre o futuro? Simplesmente é memória, memória de Deus».

Ivan Malyshev considera Vanga um profeta incondicional, colocando-a na mesma fila com Serafim de Sarov, Nostradamus e João

de Kronstadt. As suas conclusões, o investigador faz com base nas explicações da própria Vanga sobre como recebia a informação. «Não sou eu, são outros que estão sempre ao meu lado — anotou a sobrinha de Vanga das palavras da própria profetisa. — A uns chamo para mim "pequenas forças", exatamente elas contaram através de mim sobre o teu dia, e há ainda grandes forças. Quando começam a falar em mim, melhor, através de mim, perco muita energia, sinto-me mal, fico longo tempo abatida... Após o transe, sinto-me muito mal todo o dia».

Krasimira descrevia o que às vezes acontecia durante a receção de pessoas. Vanga levantava-se inesperadamente e interrompia o trabalho com as palavras: «Estou cansada, e depois aquele que me sugere, de repente afasta-se, e não posso dizer nada ao visitante. Falo, falo, falo, e ele de repente — e desaparece. Tudo o que transmito com a sugestão dele nunca muda».

Noutra vez, Vanga explicava assim o seu comportamento: «Não é bom quando me concentro, e vós vindes ter comigo, isso perturba-me, embora não vejais com quem falo... Às vezes, estou rodeada de altos chefes, às vezes — dos subordinados deles, mas todos são do cosmos, e quando falam, colocam-me nos ouvidos algo como auscultadores, as vozes deles ouvem-se de longe e soam como eco. Por isso, preciso de calma e silêncio. Às vezes, fico muito nervosa, e as pessoas pensam que sou má. Vejo um anel que gradualmente se aperta ao redor da Terra, vivo a aflição de todas as pessoas e não posso, nem ouso explicar isso, porque uma voz muito severa avisa-me continuamente para não tentar explicar nada, pois as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar essas pessoas que não respeitam ninguém, correm em competição por dinheiro e coisas... Como se o homem não tivesse outro objetivo além da aspiração de afogar tudo o que é luminoso e santo, que alcançou ao preço de sacrifícios tão caros...»

«Os segredos do mundo, que eu conheço, mas não posso contar — estão quase à beira da eclusa. Falta muito pouquinho para que se abram, e então Deus virá em nosso auxílio» (Vanga).

Ivan Malyshev considera que profetas como Vanga trazem grande benefício para os seus contemporâneos. Vanga, na sua opinião, é uma profetisa luminosa, e sofreu bastante pelo seu dom e pelo desejo de dirigir as pessoas para o lado do bem. Contudo, de modo algum pode

ser colocada na mesma fila com grandes profetas e messias como Moisés, Jesus Cristo e Maomé. «Essas pessoas — escreve Malyshev — trouxeram às pessoas conhecimentos sob a forma de determinadas religiões (no estágio moderno, seria mais razoável chamar religiões filosofias, ou direções da consciência social, pois a palavra "religião" afasta tanto os intelectuais-investigadores das suas investigações que se torna ridículo e amargo)».

Em seguida, Malyshev dá uma explicação muito interessante para o facto de algumas profecias não serem compreendidas pelos contemporâneos: «Peço que tenham em conta que a informação dos profetas não é detalhadamente compreensível para a maioria das pessoas. Porquê? 1. São pessoas muito raras e talentosas, o cérebro delas trabalha com maior velocidade que o cérebro de uma pessoa comum, e por isso a informação dos profetas é compreensível longe de todas as pessoas, mas dos mais razoáveis delas, que possuem "alta velocidade" das ligações neuronais do córtex cerebral.

2. Se analisarmos detalhadamente a obra dos profetas, pode ver-se que todos eles vinham ao mundo físico e realizavam nele "trabalho operativo" necessário para a Universo informacional num dado momento histórico do desenvolvimento da civilização. Profecias globais, trabalho para gerações futuras — isso é mais um "hobby" dos profetas, desejo do seu amor-próprio "mostrar o seu talento" às gerações futuras. Nisso não há nada de invulgar, todos nós somos pessoas».

No mundo moderno, já se reconhecem abertamente as capacidades de alguns sensitivos, frequentemente recorrem a eles para desvendar crimes, procurar criminosos ou descobrir vítimas. Por exemplo, Shafica Karagulla, investigadora na área da perceção sensitivoial, apresenta na sua obra numerosos factos e nomes. Ao longo dos anos da sua investigação, teve oportunidade de encontrar e conhecer pessoas com capacidades fenomenais: algumas podiam contar a vida de uma pessoa em detalhes, como fazia Vanga, outras conseguiam ver objetos e coisas através de obstáculos (envelope, parede), terceiras viam livremente os órgãos internos do homem e podiam descrever o quadro da circulação de líquidos biológicos e fluxos de energia no organismo humano.

No nosso país, foi registado um caso ocorrido ainda em 1978 em Smolensk. Lá, a 6 de novembro, desapareceu uma menina moscovita de 14 anos. A família dela, perdendo a esperança de encontrar a criança, a 19 de novembro recorreu à ajuda do sensitivo V. I. Safonov.

Transmitiram-lhe quatro fotografias da menina e o uniforme escolar dela. O sensitivo disse com pesar que todos os objetos indicavam que a menina já estava morta. Depois, no mapa da região, indicou o local aproximado do corpo. Contou que a menina fora violada e que tinha lesões no peito e pescoço. Só na primavera do ano seguinte, exatamente a quarenta quilómetros de Smolensk, no gelo, foi descoberto o cadáver dessa menina. Todos os factos anteriormente expostos pelo sensitivo coincidiram.

Há exemplos e factos desses em quantidade suficiente, por isso muitos cientistas e investigadores tentam encontrar explicação para essa incrível explosão na área da sensitivoia, para distinguir o verdadeiro dom do imaginário. E o dom de Vanga, nesse contexto, sai muito além do provável: podia ver o futuro, o passado, determinar a doença da pessoa e o estágio dessa doença, dava conselhos concretos sobre o método de tratamento ou encaminhava para o especialista correspondente, encontrava coisas perdidas, animais, pessoas desaparecidas, etc. E se circulam rumores persistentes sobre a colaboração dela com os serviços especiais, isso só confirma a irrefutabilidade do seu dom. A questão é apenas até que ponto a própria Vanga aspirava a colaborar com quaisquer órgãos, pois uma pessoa que possui capacidades incríveis dificilmente pode ser intimidada ou forçada a fazer algo contra a vontade.

CAPÍTULO 5

O FUTURO PELOS OLHOS DA VIDENTE

Há muitas profecias de Vanga relativas ao futuro da humanidade, e na maioria não são muito otimistas, pelo menos para o nosso século caberão cataclismos e outras provações em quantidade suficiente. Segundo as suas palavras, «cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, pessoas más vencerão, e ladrões, delatores e prostitutas serão incontáveis...» Embora deva notar-se que terramotos e inundações houve em todos os tempos. Vanga disse mais de uma vez que mudar o futuro é impossível. Gostaria que as pessoas não adoecessem nem sofressem, mas, segundo as palavras dessas entidades superiores que com ela comunicavam, as pessoas recebem o que merecem, e cancelar o predestinado não é possível. «Tudo haverá, o bom e o mau» — dizia Vanga.

A lista de predições de Vanga cumpridas, verificada múltiplas vezes por cientistas, é bastante extensa:

— início da Segunda Guerra Mundial e data da invasão alemã na Jugoslávia;

— morte do czar búlgaro Boris III;

— 9 de setembro de 1944 — dia da libertação da Bulgária;

— morte de Estaline (por isso, Vanga foi presa por meio ano e libertada após o cumprimento da predição);

— invasão das tropas soviéticas em Praga em 1968 (no início de 1968, Vanga frequentemente, caindo em transe, exclamava: «Lembrai-vos de Praga! Lembrai-vos de Praga! Grandes forças circulam sobre a cidade e gritam: "Guerra! Guerra!"»);

— vitória de Indira Gandhi nas eleições presidenciais antecipadas em 1969, bem como a sua morte às mãos de um assassino e a morte do filho de Gandhi numa colisão automóvel;

— presidência de J. Carter, e apenas por um mandato;

— tragédia em Chernobyl;

— chegada de Gorbatchov ao poder, perestroika e desagregação da URSS (Vanga predisse isso em 1979);

— fim da Guerra Fria: «Somos testemunhas de eventos fatais — dizia Vanga. — Os dois maiores líderes do mundo deram as mãos um ao outro (a memorável reunião de Gorbatchov e Reagan. — Aut.)».

— guerra na Síria em 1984;

— aparecimento da SIDA, a esse respeito dizia: «Sede atentos: em breve virão até nós novas doenças desconhecidas das pessoas. As pessoas cairão nas ruas sem causa visível, sem doença visível. Adoecerão gravemente até aqueles que nunca adoeceram»;

— morte do submarino atómico «Kursk», que afundou em agosto de 2000;

— atentado terrorista nos EUA a 11 de setembro de 2001, sobre o qual Vanga dizia: «Os gémeos serão destruídos por aves de aço; o lobo uivará do arbusto (Bush — "arbusto"), e sangue inocente correrá em rio»;

— «As pastilhas serão feitas de algas, e serão vendidas pelo mundo inteiro» — predizia Vanga nos anos 1960, e o preparado «Spirulina», feito de algas, apareceu nos anos 1990, e os médicos afirmam que as algas são a farmacopeia do futuro.

«Vivei no presente, pois é o único momento que tendes. Aceitai o que vem até vós, inteira e completamente. O presente é tal como deve ser. Reflete as leis infinitas da Natureza. Não luteis contra a ordem infinita das coisas, em vez disso, sede um com ela» (do livro de Deepak Chopra «Corpo Sem Idade e Mente Eterna»).

Há também predições que não se cumpriram, possivelmente ainda não se cumpriram:

— em 1973, Vanga disse ao comentador político Alexander Bovin que em breve a URSS introduziria tropas no Chile, mas isso não aconteceu;

— em 1990, predizia que Bush-pai se divorciaria da esposa, e em breve após o divórcio o avião em que ele estaria explodiria;

— no fim dos anos 80, Vanga predizia: «A guerra chechena terminará quando Iéltsin partir... Voltará a velha Rússia, chamar-se-á do mesmo modo que no tempo de São Sérgio. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, e a América também»;

— para 1996, Vanga «marcava» a demissão de B. N. Iéltsin;

— em 1997, devia ressuscitar Serafim de Sarov, e depois — «falar a múmia egípcia do faraó»;

— «Da face da terra desaparecerá um dos estados árabes. Verdade, não em breve». — Isso também não aconteceu;

— «Virá o dia em que da face da terra desaparecerão várias plantas, legumes, animais... Em primeiro lugar, a cebola, o alho e a pimenta; depois as abelhas... e possivelmente os golfinhos, e o leite tornar-se-á prejudicial beber. E depois as pessoas começarão a encontrar nas ruas os seus parentes falecidos...» Isso devia acontecer em 2004. Os apicultores canadenses realmente afirmam que, a cada ano, obter mel de trigo-sarraceno fica mais difícil, porque os geneticistas criaram trigo-sarraceno do qual a abelha nada tem a tirar. A engenharia genética mata a apicultura e as abelhas;

— «Virá o dia, e o cancro será acorrentado em cadeias de ferro». Vanga estava convencida de que vencer o cancro seria possível no início do século XXI, e explicava que o remédio para o cancro conterá muito ferro, porque desse elemento no organismo humano fica cada vez menos;

— será descoberto um remédio necessário para a restauração da saúde humana, que será fabricado a partir de hormonas de cavalo, cão e tartaruga, porque o cavalo é forte, o cão resistente, e a tartaruga vive muito;

— «Mortais comuns voarão para outros mundos com velocidade dez vezes maior que a da luz. Mas isso acontecerá não antes de 2050». Daqui a 200 anos, as pessoas conseguirão encontrar na Universo irmãos pela razão.

«Todas as religiões cairão. Ficará apenas uma: o ensino da grande fraternidade (o ensino da "ética viva"). Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a isso as pessoas se salvarão» — assim predizia Vanga

nos anos 1980 com a ressalva de que isso se realizaria não imediatamente, mas passados 60 anos.

Hoje, fala-se muito da predição de Vanga feita para 2008. Segundo ela, nesse ano ocorrerá um atentado contra quatro chefes de governos, depois acontecerá um conflito no Hindustão, que será uma das causas do início da terceira guerra mundial. Em agosto de 2008, o presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, desencadeou o conflito na Ossétia do Sul, que cresceu em ações militares de grande escala com uso de blindados pesados e aviação.

A situação revelou-se bastante séria, e em vários países tomaram até decisão de evacuação urgente dos seus cidadãos, inclusive famílias de diplomatas, da zona perigosa. Em ligação com esses eventos, todos se lembraram da predição de Vanga, embora na profecia dela se falasse de conflito no Hindustão, e não no Cáucaso, contudo todos preferem pensar que a idosa mulher provavelmente confundiu os dados geográficos. Algumas fontes apresentam a profecia de forma um pouco diferente, nela, em vez de Hindustão, fala-se de conflito numa «pequena país».

Quanto à primeira parte da predição — sobre atentado contra quatro chefes de estados —, a imprensa cobriu amplamente o facto ocorrido na mesma altura, quando para a Geórgia seguia um avião com quatro presidentes a bordo — da Lituânia, Polónia, Ucrânia, Estónia, e também o primeiro-ministro da Letónia. O piloto das forças aéreas polacas, que pilotava o avião, já no ar decidiu voar para o Azerbaijão em vez da Geórgia, e de lá a coluna automóvel com os líderes dos estados chegou a Tbilissi. O piloto explicou mais tarde que motivara a sua decisão com considerações de segurança, pois a situação na Geórgia era bastante tensa. Possivelmente, a decisão do piloto estava ligada à predição de Vanga. Assim, o atentado não se realizou.

«Se olharmos para o homem do alto como parte de um enorme Universo, o homem é nada. É um grãozinho de areia perdido na infinitude, mas carregado com uma faísca Divina. Por isso, frequentemente supera as suas possibilidades. Busca continuamente, arrisca, investiga, desvenda segredos do ser, realiza descobertas incríveis. Já dirige decididamente o olhar para o céu e não teme desafiá-lo» — dizia Vanga.

Os eventos do futuro preditos por Vanga estendem-se até ao V milénio. Contudo, julgar o que se cumprirá e o que não, poderão apenas os nossos descendentes. As profecias protocoladas do futuro da humanidade a partir de 2010 apresentam-se da seguinte forma:

— 2010 — início da terceira guerra mundial em novembro, e a guerra terminará em outubro de 2014. Primeiro, a guerra será conduzida como habitual, mas depois entrará em ação arma nuclear, e depois química;

— 2011 — em resultado do uso de arma nuclear, cairão extensas precipitações radioativas, no Hemisfério Norte praticamente não restarão nem animais nem vegetação. Depois, os muçulmanos começarão guerra contra os europeus sobreviventes e usarão arma química;

— 2014 — a guerra química levará à propagação de doenças de pele: a maioria das pessoas sofrerá de pústulas, cancro de pele, etc.;

— 2016 — a Europa tornar-se-á quase despovoada e sem vida;

— 2018 — a China transformar-se-á na nova potência mundial. Países em desenvolvimento transformar-se-ão gradualmente de explorados em exploradores;

— 2023 — a órbita da Terra mudará um pouco;

— 2025 — a Europa continuará pouco povoada;

— 2028 — aparecimento de nova fonte de energia nuclear, que criarão cientistas (possivelmente, energia termonuclear controlada). A fome será gradualmente vencida. De Terra partirá para Vénus uma nave espacial pilotada;

— 2033 — derreterão os gelos polares, o nível do Oceano Mundial subirá;

— 2043 — a economia mundial nessa altura voltará a florescer, mas na Europa governarão muçulmanos;

— 2046 — um dos melhores métodos de tratamento será a substituição de órgãos, nessa altura cultivarão artificialmente quaisquer órgãos;

— 2066 — ataque dos EUA ao Roma muçulmano. Será usada nova arma — climática, em resultado da guerra sobrevirá um arrefecimento brusco;

— 2076 — surgimento de sociedade sem classes (comunismo modificado);

— 2084 — a natureza recuperar-se-á completamente;

— 2088 — aparecimento de nova doença — envelhecimento em alguns segundos;

— 2097 — a terrível doença — envelhecimento rápido — finalmente vencida;

— 2100 — criação de Sol artificial, que iluminará o lado escuro da Terra;

— 2111 — as pessoas transformar-se-ão gradualmente em ciborgues (robôs vivos com órgãos artificiais);

— 2123 — surtos de conflitos militares entre pequenos estados, grandes potências não intervêm nesses conflitos;

— 2125 — cientistas húngaros receberão primeiro sinal do cosmos de irmãos pela razão (segundo as palavras de Vanga, dela voltarão a lembrar-se todos);

— 2130 — criação das primeiras colónias debaixo de água (nisso ajudarão os terráqueos extraterrestres);

— 2164 — experiências científicas de transformação de animais em semi-humanos darão resultados;

— 2167 — surgimento de nova religião;

— 2170 — chegada de grande seca;

— 2183 — colónia em Marte transformar-se-á em potência nuclear e exigirá independência da Terra;

— 2187 — cientistas conseguirão parar a erupção de dois grandes vulcões e prevenir catástrofe global;

Não só Vanga fazia predições para o futuro, amplamente conhecidos são os prognósticos do astrólogo russo Pavel Globa, que em

alguns momentos ecoam as profecias da vidente búlgara. Nota que o início do novo milénio será marcado na Rússia por nova explosão de guerras no Cáucaso, contudo o conflito será resolvido passado algum tempo graças às ações de um talentoso comandante que comandará as tropas russas.

— 2195 — prosperidade das colónias marítimas: estarão completamente asseguradas de energia, comida e tudo o mais necessário para atividade vital normal;

— 2196 — mistura completa de duas raças: europeus e asiáticos;

— 2201 — abrandamento dos processos nucleares no Sol, que provocará arrefecimento;

— 2221 — buscas de vida racional no universo levarão a que a humanidade entre em contacto com algo terrível;

— 2256 — nave espacial dos terráqueos, regressando de viagem cósmica, trará à Terra nova doença terrível;

— 2262 — mudança da órbita de alguns planetas em ligação com ameaça de cometa a Marte;

— 2271 — serão recalculadas as constantes físicas alteradas;

2273 — surgimento de novas raças, mistura das raças negra, branca e amarela;

2279 — criação de energia do nada (possivelmente do vácuo ou de buracos negros);

2288 — descoberta de viagens no tempo. A humanidade voltará a entrar em contacto com extraterrestres;

2291 — o Sol começará a arrefecer ativamente, os cientistas tentarão acendê-lo de novo;

2296 — poderosas erupções no Sol levarão a uma mudança na força de gravidade, em resultado do qual começarão a cair na Terra antigas estações espaciais e satélites;

2299 — em França, desenvolver-se-á um movimento partidário dirigido à luta contra o islão;

2302 — descoberta de novas leis físicas que abrirão parcialmente os segredos do Universo;

2304 — será desvendado o segredo da Lua;

2341 — algo terrível do cosmos aproximar-se-á da Terra;

2354 — num dos sóis artificiais ocorrerá um acidente, que levará a uma seca na Terra;

2371 — chegada de uma grande fome;

2378 — surgimento de uma nova raça de rápido crescimento;

2480 — colisão de dois sóis artificiais, em resultado do qual a Terra mergulhará em crepúsculo;

3005 — explosão de guerra em Marte. Perturbação da trajetória dos planetas;

3010 — um cometa colidirá com a Lua e parti-la-á, ao redor da Terra aparecerá um cinturão de pedras e poeira;

3797 — nessa altura, na Terra não restará nada vivo, mas a humanidade mudar-se-á para outro sistema estelar, onde conseguirá lançar as bases para uma nova vida;

3803 — será colonizado um novo planeta, mas por enquanto pouco povoado. As pessoas estarão desunidas. As condições climáticas diferem das habituais, por isso o organismo das pessoas mudará, adaptando-se, as pessoas mutarão;

3805 — ocorrerão pequenas guerras entre as pessoas por recursos, mais de metade das pessoas morrerá;

3815 — fim da guerra;

3854 — o desenvolvimento da civilização humana estagnará, as pessoas levarão um modo de vida semi-animal, reunindo-se em bandos, como animais;

3871 — aparecimento de um novo profeta que contará às pessoas sobre religião, valores morais;

3874 — o novo profeta será popular entre todas as camadas da população, aparecerá uma nova Igreja;

3878 — os adeptos da nova Igreja, juntamente com extraterrestres, voltarão a ensinar as pessoas, lecionando os rudimentos das ciências esquecidas;

4302 — na planeta aparecerão novas cidades, a população da planeta crescerá e desenvolver-se-á, a liderança da nova Igreja contribuirá para o desenvolvimento da ciência e da técnica;

4302 — a ciência desenvolver-se-á rapidamente, os cientistas descobrirão mecanismos comuns de influência das doenças no organismo humano;

4304 — será descoberto um modo de tratar qualquer doença;

4308 — graças à mutação das pessoas, o cérebro delas começará a trabalhar mais ativamente: será utilizado já mais de 34% (atualmente, o cérebro é utilizado apenas em 10%). As fronteiras que separam o bem e o mal tornar-se-ão difusas;

4509 — o homem, alcançando um alto nível de desenvolvimento, conhecerá Deus e começará a comunicar com Ele;

4599 — as pessoas tornar-se-ão imortais;

4674 — o desenvolvimento da civilização humana atingirá o pico; as pessoas viverão em diferentes planetas, o seu número excederá 340 mil milhões, ocorrerá assimilação com extraterrestres;

5076 — será descoberta a fronteira do Universo, mas o que está além dela — não será estabelecido;

5078 — a alta liderança tomará a decisão de atravessar as fronteiras do Universo, embora aproximadamente 40% da sua população racional seja contra;

5079 — fim do mundo.

A lista de eventos do futuro da humanidade lê-se como um conto de ficção científica. Será que todos os romances escritos por ficcionistas realmente algum dia se tornarão realidade? O futuro longínquo parece tão cativantemente irreal, e eis que o futuro próximo parece menos interessante e até assustador. Afinal, se tudo o que Vanga predisse se cumprir, nos próximos 20 anos esperam-nos provas sérias: guerras nuclear e química, doenças, a Europa quase se despovoará, e os

europeus extinguir-se-ão completamente como espécie... Só a partir do início de 2025 a raça humana voltará a desenvolver-se, mas o relativo bem-estar durará apenas até 2066, quando os EUA usarão contra o Roma muçulmano arma climática, o que levará a um arrefecimento brusco. Em compensação, em 2076 realizar-se-á o sonho dos revolucionários de todos os tempos e povos — na Terra instalar-se-á uma sociedade sem classes — o comunismo.

O futuro mais distante parece uma verdadeira epopeia cósmica, tão surrealista que pode servir de bom material para escrever um novo conto fantástico ou guião para filme. O fim do mundo, Vanga transfere-o para o ano 5079, quando a humanidade, ao descobrir as fronteiras do Universo, desejará atravessá-las. Final surpreendente: tendo alcançado a imortalidade e aprendido a falar com Deus, a humanidade desaparecerá.

Alguns especialistas consideram que as profecias de Vanga não carecem de sentido. Elas, em certa medida, ecoam os prognósticos de analistas e astrólogos para o futuro próximo. Além disso, segundo cálculos de estatísticos que se ocupam do estudo das profecias de Vanga, cumprem-se em 80% de todos os casos, por isso alguns dos eventos por ela preditos, muito possivelmente, ocorrerão na realidade, mas restam 20%, e esperemos que as mais terríveis das predições da vidente entrem nesses vinte por cento.

Quanto às predições reunidas na lista acima apresentada, há também outra opinião. Considera-se que essas predições não têm qualquer relação com Vanga. Muito provavelmente, certas forças políticas emitem prognósticos do futuro em nome da grande profetisa. Sabe-se que os serviços especiais búlgaros acompanhavam minuciosamente a atividade de Vanga, controlando o seu trabalho e vários encontros. Todas as profecias de Vanga registadas passavam por um processamento detalhado e só depois disso podiam «vir à luz». Especialmente isso dizia respeito a prognósticos políticos. Por isso, julgar a autenticidade dessas predições é difícil, a sua veracidade só o tempo poderá confirmar. Possivelmente, alguém introduziu de propósito na Internet essa lista falsa, perseguindo objetivos próprios.

Parece bastante suspeita a frequente menção aos muçulmanos nas profecias de Vanga, ao facto de que eles, até 2011, devem vencer na guerra e, em 2043, levar a Europa à prosperidade.

Todos os livros sérios dedicados a Vanga e escritos pelas pessoas próximas dela não contêm qualquer menção a essa lista. A companheira da profetisa, Boika Tsvetkova, escreveu a esse respeito: «Vanga nunca falou do fim do mundo. Embora não predissesse um futuro cor-de-rosa: "Cada vez mais frequentemente encontrareis pessoas que têm olhos, mas não veem, têm ouvidos, mas não ouvem. Irmão irá contra irmão, mães abandonarão os filhos. Cada um procurará forma de salvar-se sozinho..." Vanga não via um Dilúvio Universal, mas predizia desgraças de menor escala, por exemplo, que "da face da terra desaparecerá um dos estados árabes e afundará uma grande cidade". Contudo, não especificava nada, e dizia apenas que a predição "ocorrerá daqui a muito tempo"».

Quanto às predições «cósmicas» de Vanga, realmente dizia que daqui a 200 anos o homem estabelecerá contactos com irmãos pela razão de outros mundos. Contudo, alguns extraterrestres do cosmos, segundo as palavras de Vanga, já vivem há muito na Terra. E chegaram à Terra de um planeta que, na língua dos seus habitantes, se chama Vamfim, e da Terra é o terceiro por ordem. Disso testemunharam Boika Tsvetkova e Krasimira Stoyanova — pessoas próximas de Vanga.

Das palavras da sobrinha de Vanga, ainda em 1979 ela dizia que «a verdade sobre o Cosmos é preciso procurá-la nos antigos Livros Sagrados... E até lá, a humanidade viverá muitos cataclismos, eventos turbulentos, mudará a consciência das pessoas. Virão tempos pesados, as pessoas dividir-se-ão em grupos por fé. Ao mundo voltará o ensino mais antigo. Perguntam-me: "Virá em breve esse tempo?" Não, não em breve. Ainda a Síria não caiu».

«Muitos hoje afirmam que estiveram em contacto com extraterrestres — dizia Vanga. — E todos até ao último estão convencidos de que Deus os marcou, mas não compreendem que na realidade não é assim. Vive o homem no mundo branco, peca, entrega-se a paixões e vícios, não cumpre os mandamentos de Deus, nem sequer acredita em Deus, e Ele de repente presenteia-o com um dom celestial. Esse "de repente" só vem de Satanás. Os dons dele são

temporários, ele cobre com eles o homem até conseguir apoderar-se da sua alma e o homem não se orgulhar de que não é como os outros. Esse homem condena-se a si próprio a sofrimento eterno. Se tais pessoas olhassem para as vidas dos santos! Os enviados de Deus atuam na alma do homem, aproximando-o da beleza e da alegria, infundindo nele bondade e amor. A beleza salvará o mundo — nas bocas dos russos».

Ficaram testemunhos de que a própria Vanga contactava com extraterrestres. Boika Tsvetkova, biógrafa de Vanga, contava: «Aproximadamente um ano antes da morte dela, em 1995, pela Bulgária começaram a circular rumores sobre a chegada de extraterrestres. Informou sobre isso uma mulher-sensitivo. Todos os pormenores, incluindo data e hora do evento, foram publicados num jornal. Levantou-se um alarido. Mas na hora marcada, claro, não houve quaisquer extraterrestres. Algumas semanas depois, Vanga pediu-me por telefone que fosse ter com ela. Eis a gravação da nossa conversa:

Vanga: — Lembras-te do alarido sobre extraterrestres?

Boika Tsvetkova: — Lembro, mas eles não apareceram.

V.: — Chegaram, só não nessa altura, mas ontem à noite, e pararam à minha porta — tão belos, esbeltos.

B. Ts.: — Ficaste assustada?

V.: — Assustar-me de quê? (Riu-se, satisfeita.) Foi tão bom, conversámos, e eles desapareceram.

B. Ts.: — Alguém mais os viu?

V.: — Quem os havia de ver, afinal vieram ter comigo. E talvez Vitka (Vitka Petrovska — assistente da profetisa. — Red.) também os tenha visto, ela nada perde de vista».

«Durante sete milénios, houve muito poucas pessoas através das quais eles (as Forças Superiores) realizavam contactos diretos com a Terra...» — dizia Vanga sobre alguns iniciados. Um deles, a vidente chamava Claudius Ptolomeu: «Ptolomeuzinho esforçava-se... Só que nem tudo lá era como lhe fora dito...»

Em seguida, Boika Tsvetkova contou que procurou a avó Vitka, que vivera com a profetisa durante 10 anos até à morte dela. Perguntou-lhe:

«É verdade que Vanga comunicava com espíritos ou extraterrestres?» Esta respondeu-lhe: «Ela própria sobre isso não falava. Mas fui testemunha de um caso estranho. Em Rupite, na casita de hóspedes, às vezes vinha ter com ela Dmitar Goigurov, filho da irmã de Vanga, Lyuba. E uma vez, a minha filha Stefka perguntou a Vanga: "Há civilizações extraterrestres?" Ao que Vanga respondeu enigmaticamente: "Vai à casita de Dmitar — verás". A filha foi e desapareceu. Espero-a uma hora, duas, assustei-me — não terá acontecido algo? Entro na casita e vejo Dmitar e Stefka sentados a uma mesinha redonda pequena e a fazer perguntas do tipo "O que será comigo?", "Quando acontecerá esse evento?", e em resposta ouve-se uma pancada nessa mesa — ora alta, ora mais baixa. E depois essa mesinha começou a mover-se sozinha. Aos meus olhos, percorreu 3-4 metros e parou como se nada fosse. Peguei Stefka pela mão e arrastei-a para a porta gritando: "Foge!" Mas a filha, por algum motivo, estava absolutamente calma — não tinha medo. Penso que Vanga comunicava ou com o mundo do além ou com extraterrestres. Mas ela própria era, claro, uma mulher terrena comum».

Acreditar ou não nesta lista de profecias de Vanga, cada um, aparentemente, decidirá também autonomamente, contudo são autenticamente conhecidas profecias de Vanga sobre o futuro da Rússia.

Vanga relacionava-se com a Rússia com particular ternura e amor. Boika Tsvetkova escreveu sobre isso: «Este tema não o esgotaremos numa única entrevista. É demasiado complexo. Quero apenas partilhar a opinião pessoal de que, nos anos 1980, a Rússia era muito mais acolhedora em relação à Profetisa. Lá compreendiam-na melhor que na Bulgária. Vós, russos, conseguistes elevar-vos a um nível espiritual e energético mais alto. Talvez porque sofreis mais e carregais em vós maior dor. Éreis mais abertos em relação a Vanga, e ela abria-se a vós... Vanga gostava de refletir sobre a Igreja Ortodoxa Russa, o seu clero, sobre esse grau de proximidade à energia cósmica que vós na Rússia alcançastes. Via que estais num nível qualitativamente outro de perceção de vós próprios e do mundo, que, digamos, nós na Bulgária. A Rússia pagava-lhe pelo amor e respeito com cem vezes mais».

Vanga recebia todos os soviéticos, e mais tarde russos, políticos que frequentemente vinham ter com ela em Rupite. Mas mais amava as pessoas russas simples, e na Bulgária considera-se uma grande honra se na casa, na festa, houver um russo. Vanga desejava muito ir a Moscovo, passear pelas igrejas moscovitas, visitar o Kremlin, hospedar-se em casa de Boris Iéltsin, por quem sentia um sentimento especialmente caloroso. A profetisa realmente foi convidada a Moscovo, mas era inexitável, e as autoridades búlgaras nunca lhe permitiram sair do país.

Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga, confirmou que, segundo as palavras da profetisa, à Rússia realmente espera um grande futuro: «Vanga nunca predisse que a Rússia se desagregaria. Pelo contrário, ainda em 1979 falava da aproximação da Rússia com a China e a Índia daqui a 60 anos. Nessa altura, parecia fantasia, e agora um evento bastante provável. Vanga dizia que via um enorme potencial espiritual da Rússia: "Deus deu-lhe força!" Dizia que o país readquirirá poder após a elevação espiritual do povo, mencionava o nome do príncipe Vladimir. Sobre o fim do mundo próximo, Vanga nunca falou...»

Vanga preocupava-se muito com Iéltsin e tentava, através dos próximos dele, transmitir-lhe conselhos, «mas — como descrevia Boika Tsvetkova —, a julgar por tudo, ninguém transmitiu ao vosso presidente os conselhos e recomendações dela. As palavras dela "kazhete mu, che Vanga kaza" (digam-lhe que Vanga disse) ainda hoje me estão na memória». Vanga pedia também aos políticos russos de passagem, inclusive ao presidente da Calmúquia Kirsan Iliumzhinov, que lhe transmitissem o relógio de Iéltsin.

Ninguém sabe para que lhe eram tão necessários os relógios, mas, conhecendo as suas capacidades únicas de curandeira, pode conjeturar-se que sinceramente queria salvar Iéltsin. Hoje já não é segredo que o nosso presidente abusava um pouco... Talvez Vanga tentasse salvá-lo dessa desgraça, pois o olhar não sóbrio do presidente sobre os eventos que ocorriam no país convinha a muitos e, talvez, exatamente por isso ninguém transmitiu a Vanga os relógios de Iéltsin.

Uma das predições de Vanga sobre a Rússia: «A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar, o bem estará dentro, e a experiência fora». Em seguida, a vidente predizia: «A Europa não conseguirá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o

medo é pior que o amor. A Síria cairá aos pés do vencedor, mas o vencedor revelar-se-á não esse. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimentos com o forte. Países femininos recuarão perante masculinos, mas conservarão os seus projetos. O homem pequeno governará vós toda a vida...»

«E preocupava-se muito com Iéltsin — escrevia Tsvetkova —, especialmente em 1993, durante o segundo putsch, esperava um encontro pessoal, mas não o esperou...»

Quando perguntaram a Vanga, em ligação com a Rússia, sobre o futuro da Bulgária, respondeu: «A Bulgária também (prosperará. — Aut.), mas se estiver juntamente com a Rússia e como que parte da Rússia. Sem a Rússia, a Bulgária não tem futuro».

Sobre o presidente seguinte após Iéltsin da Rússia, Vanga também sabia muito antes das eleições. Boika Tsvetkova escreveu sobre isso: «Sei que Vanga acompanhará atentamente as próximas eleições presidenciais na Rússia e protegerá o novo presidente como protegia Iéltsin. Sei quem exatamente vê como novo chefe do estado russo, mas não posso dizer o nome dele. Em qualquer caso, não serão Lebed nem Zyuganov».

O presidencialato de Medvedev também foi predito por Vanga. Em 1979, disse: «As pessoas chamarão o urso para a Grande Terra. Ele virá, tomará sobre si um pesado fardo e esmagará com a pata todos os idiotas». A Grande Terra, Vanga chamava sempre à Rússia. O urso é, claro, Dmitri Medvedev. Foi eleito para o cargo de presidente a 2 de março de 2008. Quanto ao pesado fardo que tomará sobre si, hoje, após os eventos na Ossétia do Sul, essa predição adquire contornos reais. Sobre a Rússia, após os eventos em Tskhinval, abateu-se uma avalancha de acusações, começou uma guerra informacional.

A contenção e a confiança nas suas palavras de Medvedev como primeira pessoa do país (claro, não estava sozinho na sua posição) determinaram em grande medida o ulterior desenvolvimento dos eventos. Naturalmente, a situação ainda não está completamente resolvida, mas já se notam mudanças positivas. A vidente predisse que o presidente teria de lutar com «idiotas», aqui é preciso recordar a quem Vanga assim chamava: «Não luteis com os tolos — não são assim tão

terríveis, não tenteis corrigi-los ou mudá-los. Muito mais terríveis são os idiotas. Estão prontos a apresentar algo que pode agitar todo o povo».

Falando sobre a Rússia com o escritor soviético Valentin Sidorov em 1979, Vanga disse: «Tudo derreterá, como gelo; apenas uma coisa permanecerá intocada — a glória de Vladimir, a glória da Rússia... Demasiado foi sacrificado. Ninguém conseguirá parar a Rússia. Tudo varrerá do seu caminho e não só se preservará, mas também se tornará senhora de todo o mundo».

Sobre que Vladimir falava Vanga, até hoje todos conjecturam. Talvez sobre o príncipe Vladimir, o Sol Vermelho, que tornou a Rus ortodoxa, ou sobre Vladimir Ilitch Lenine. Em 1979, isso não era claro, contudo no nosso tempo muitos inclinam-se para que Vanga profetizasse sobre Vladimir Putin, que tem tanto glória como amor popular. Nas últimas eleições para a Duma Estatal, por ele votaram mais de 70% da população, o que pode chamar-se com segurança o momento da sua glória.

Realmente, com Putin, muitos problemas, tanto económicos como políticos, que agitavam o país antes da presidência dele, derreteram como gelo. Quanto à segunda parte da predição sobre as vítimas oferecidas, aqui, provavelmente, fala-se das vítimas da revolução, da guerra civil e da terceira mundial. Além disso, os eventos na Chechénia, os recentes eventos em Tskhinval também testemunham a veracidade da predição de Vanga. Mas no fim de contas, a Rússia deverá superar todos esses problemas monstruosos e «não só se preservará, mas também se tornará senhora do mundo».

Pode dizer-se que a Rússia realmente ganha força: entrou na «Grande Oito», vive um ascenso económico e espiritual. E, se no seu caminho não se erguerem obstáculos insuperáveis, o país no futuro próximo tem todas as hipóteses de ocupar o antigo lugar de grande potência. É compreensível que império no sentido tradicional dessa palavra a Rússia não pode tornar-se, pelo menos no futuro próximo, tal como qualquer outro estado no mundo. Mas é preciso ter em conta o significado que Vanga atribuía à palavra «senhor». Investia nessa palavra mais um sentido espiritual que político. Afinal, a Rússia, segundo a sua profunda convicção, em primeiro lugar foi e será um país de alta espiritualidade.

Pouco antes da invasão das tropas soviéticas no Afeganistão, Vanga dizia: «Em breve, bandeiras vermelhas ondearão em muitos países do mundo». Contudo, ao mesmo tempo, Vanga dizia outra coisa: «Voltará a velha Rússia». Sob a palavra «velha», não entendia velhas ordens e o antigo regime na sua integridade inabalável, como na Rússia pré-revolucionária. Assim, sobre o último czar russo, Nicolau II, disse: «Mau homem». Quando lhe perguntaram: «Porquê?», respondeu: «Destruía as pessoas, e por causa dele foi destruída uma grande multidão de pessoas».

Vanga dizia que a Rússia é a progenitora de todas as potências eslavas, por isso os países que dela se separaram voltarão a ela numa nova qualidade. Muito difícil hoje imaginar que à Rússia no futuro próximo se juntem a Ucrânia e a Bielorrússia, mas o tempo mostrará...

Segundo a ideia de Vanga, «velha Rússia» é o regresso aos valores espirituais perdidos. «Agora — dizia ela —, chamais-vos União, e depois chamar-vos-eis, como no tempo do santo Sérgio, Rus». Ou seja, o estado será ao mesmo tempo novo e velho Rus, passando por muitas provações, por vezes extremamente cruéis, mas, como que lavando-se no fogo e no sangue, ressuscitará, e então tornar-se-á «senhora de todo o mundo».

«Como águia, a Rússia pairará sobre a terra — assim dizia Vanga — e cobrirá toda a terra com as suas asas». A superioridade espiritual do país reconhecerá todo o mundo, inclusive a América. Contudo, tudo isso realizar-se-á daqui a muito tempo, e, segundo as palavras de Vanga, daqui a 60 anos. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no fim de contas tornarão o país forte e poderoso.

Vanga tinha ainda uma predição pouco compreensível, que datam de 1988: «Virá o Oitavo e assinará a paz definitiva...» A esse respeito, conjeturam o que significa «Oitavo». Talvez o ano 2008, ou o último membro da «Grande Sete», que agora se transformou em «Oito», ou seja, Vladimir Putin, ou então o Oitavo ainda é preciso esperar?

Segundo algumas fontes, Vanga alegadamente falava do renascimento da União e relacionava esse evento com o primeiro quarto do século XXI. «O socialismo voltará numa nova forma — dizia a vidente. — Haverá de novo a União Soviética, mas nova. Haverá

explorações cooperativas. E a Bulgária superará as dificuldades. A Bulgária avançará só juntamente com a Rússia — ela é a nossa mãe. A Rússia foi e será uma grande força... Escrevei sobre Marx e Lenine, a juventude deve conhecê-los. Por que vos envergonhais deles?»

Em algumas das suas profecias, Vanga falava do renascimento do comunismo, mas numa nova forma — comunismo cristão. Investigadores modernos notam que, realmente, atualmente é óbvio o facto de que o capitalismo esgotou-se como modelo económico e muito provavelmente em breve começará a formação de um novo ordenamento socioeconómico da sociedade, onde se combinarão experiência espiritual, ordenamento tradicional da sociedade e ideias de justiça social.

Vanga profetizava: «Cristo em roupas brancas voltará à Terra. Está próximo o momento em que os eleitos pelo coração sentirão o regresso de Cristo com todo o coração. Primeiro, aparecerá à Rússia, depois — a todo o mundo». Contudo, entendia não o Salvador evangélico, mas algo diferente: «Existe um antigo ensino indiano da Fraternidade Branca. Espalhar-se-á por todo o mundo. Sobre ele, imprimirão novos livros, e lê-los-ão em todo o lado na Terra. Será a Bíblia de Fogo. Virá o dia em que todas as religiões desaparecerão!

Ficará só o ensino da Fraternidade Branca. Exatamente com cor branca cobrirá a terra, e graças a ele as pessoas se salvarão. O novo ensino virá da Rússia. Ela será a primeira a purificar-se. A Fraternidade Branca espalhar-se-á pela Rússia e começará a sua marcha pelo mundo. Acontecerá isso daqui a 20 anos, antes isso não acontecerá. Daqui a 20 anos, colhereis a primeira grande colheita». Essa profecia refere-se ao ano de 1978.

«O mundo viverá muitos cataclismos, fortes abalos — predizia Vanga. — Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos pesados. As pessoas dividir-se-ão pelo sinal da fé...

Vanga apelava às pessoas: «Sede mais bondosos, para não sofrer mais, o homem nasceu para boas ações. As más não ficam impunes. O castigo mais cruel espera não o que causou o mal, mas os seus descendentes. Isso é ainda mais doloroso. A verdade está com Vanga».

A última profecia de Vanga sobre a Rússia dizia: «A Rússia voltará a tornar-se grande império, antes de mais império do espírito...» Ao dizer essas palavras, a vidente desenhou com as mãos no ar um círculo. Alguns investigadores supõem que sob império do espírito Vanga podia entender vários significados. O primeiro — o renascimento da espiritualidade na Rússia, o regresso às raízes históricas, a formação de uma ideia nacional.

O segundo — «espírito» a vidente podia chamar substâncias finas, invisíveis ao olho, consistindo, por exemplo, de nanopartículas. Nesse sentido, pode falar-se de nanotecnologias, cujo desenvolvimento no futuro próximo promete sucessos sérios. Possivelmente, isso será a garantia da prosperidade da Rússia e permitir-lhe-á tornar-se império de altas tecnologias. Quanto ao círculo desenhado no ar, nas antigas doutrinas e arte, o círculo sempre simbolizava a espiritualidade, se o quadrado — a terra, o círculo — o céu.

Segundo as palavras do poeta e compositor Petr Bakov, Vanga predizia: «Após 2000, não haverá nem catástrofes nem dilúvio. Mil anos de paz e prosperidade esperam-nos. Mortais comuns voarão para outros mundos com velocidade dez vezes maior que a da luz. Mas isso acontecerá não antes de 2050».

Vanga fazia predições também em relação à Ucrânia: «o presidente da Ucrânia defrontar-se-á com dificuldades por causa de pessoas desonestas que quereriam caluniá-lo em vão... O presidente resistirá se manifestar paciência».

Num dos diários de conterrâneos próximos de Vanga, estava escrito: «A avó (Vanga. — Aut.) dizia que a Ucrânia... tornar-se-á a principal entre cinco países». Provavelmente, entendia os países da organização GUUAM, na qual entram Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Arménia e Moldávia. Ultimamente, considerava-se a possibilidade de adesão a essa organização também da Bulgária. Vanga predizia o futuro também a ucranianos simples: «Após dificuldades longas-longas, as pessoas finalmente viverão muito bem, pois para a Ucrânia devem chegar tempos maravilhosos». Guerra, segundo as palavras de Vanga, na Ucrânia não haverá.

«Cada povo tem a sua estrela, da qual se carrega de energia luminosa... — dizia Vanga. — Mas há exceções... Em alguns povos, não é uma estrela, mas um planeta... Algum dia, esses povos desaparecerão. Simplesmente asfixiar-se-ão numa atmosfera para eles invulgar. O povo que tem em vez de estrela um planeta, ou seja, uma estrela extinta, apagar-se-á como vela ao vento... As estrelas são completamente como as pessoas. Umas estão prestes a gastar toda a reserva da sua energia. Outras ainda viverão muito, irradiando luz e calor... E os planetas, como esses avarentos do género humano, que só fazem puxar energia de outros... Por isso, não é de admirar que estrelas, planetas, povos e pessoas tenham destinos tão diferentes...»

A vidente búlgara dizia que cada povo, país e localidade tem o seu próprio constelação fatídica, mas em oposição a ele há também uma constelação que tem natureza oposta e introduz no destino do povo ou país certas dificuldades.

Hoje, é conhecido um homem chamado bai Feiz Kostandzhiev, que alegadamente abriu capacidades únicas após visitar a casa de Vanga. Após a morte da profetisa, começou a aparecer-lhe em sonhos e a sussurrar-lhe novas predições, que se cumprem. Por exemplo, pouco antes do conflito na Macedónia, Kostandzhiev advertiu os representantes do Estado-Maior das Forças Armadas desse país sobre a chamada ameaça balcânica. Embora a carta dele, enviada para a Macedónia pelo correio, tenha ficado sem resposta. Pois bem, esse homem disse sobre o futuro da Ucrânia, novamente alegadamente das palavras de Vanga: «O mais terrível é a guerra. Mas a Ucrânia não deve temê-la — no território desse estado, não haverá ações militares. Todos os problemas serão resolvidos de forma civilizada — pacificamente e razoavelmente».

Sem dúvida, tais profetas imaginários que falam em nome de Vanga apareceram hoje em quantidade suficiente, e frequentemente as profecias deles correspondem aos interesses políticos deste ou daquele estado, por isso não se deve levá-los a sério.

Sobre a Geórgia, Vanga também tinha predições. É amplamente conhecida a história de que a Vanga alegadamente foi visitada pelo primeiro presidente desse país — Zviad Gamsakhurdia, e perguntou

sobre o futuro do seu país. Vanga respondeu-lhe que nada podia dizer sobre a Geórgia, porque não via no futuro tal país.

Ainda no início de 1993, Vanga prometia que no primeiro quarto do século XXI a URSS renasceria, e pouco antes da morte predisse: «Virá o tempo dos milagres, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Seremos testemunhas de grandes descobertas arqueológicas que mudarão radicalmente as nossas ideias sobre o mundo desde tempos remotíssimos. Todo o ouro escondido sairá à superfície, mas a água desaparecerá...» Sobre o défice de água no futuro prediziam não só Vanga, mas também outros profetas, e também cientistas davam prognósticos semelhantes sobre a falta de água potável. Tais profecias são realmente justificadas e por isso alarmantes.

Além disso, Vanga predizia o cumprimento do apocalipse: «A verdade sobre o mundo é preciso procurá-la nos antigos livros sagrados. O que está escrito na Bíblia cumprir-se-á. Chegará o apocalipse! Não vós, mas os vossos filhos o viverão! Após 2000, não haverá nem catástrofes nem dilúvio. Mil anos de paz e prosperidade esperam-nos. Pessoas comuns viajarão para outros mundos como em autocarro. O que predigo, por mais mau que seja, não pode mudar-se. A vida do homem está rigorosamente predeterminada, ninguém pode mudá-la».

Contudo, o apocalipse de modo algum será o fim do mundo para as pessoas, e no longínquo futuro Vanga prometia à humanidade a imortalidade: «Dilúvio também haverá, daqui a 30 ou 40 anos. Um grande corpo voará para a Terra e embaterá na água. Ondas lavarão muitos países, e o sol apagar-se-á por 3 anos. Pessoas boas sobreviverão, e más, que se consideram inteligentes, perecerão. Muitos perecerão. E depois haverá uma vida muito boa, e chegará a imortalidade».

Parentes e conhecidos de Vanga, que a conheceram toda a vida, afirmavam a uma voz que ela não fazia quaisquer predições globais para toda a humanidade. Realmente via os destinos das pessoas, mas só de pessoas concretas, e ajudava-as em caso de desgraça. A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, escrevia: «As palavras de Vanga e as suas predições deturpam-nas tanto que nesses livros perante os leitores surge a imagem de uma profetisa absolutamente distante da realidade.

Nesses escritos, há uma massa de invenções. À tia atribuem pensamentos tirados de vários ensinamentos tibetanos, maçónicos, teosóficos e outros, que a cristã ortodoxa Vanga não reconhecia. Atribuíram-lhe desconhecidos autores e receitas de medicina popular, tiradas de vários manuais, e até inventaram livros de sonhos».

«A idade de ouro já está a chegar — profetizava a vidente —, mas nem todos conseguem vê-la. Daqui a sete anos, as pessoas não semearão nem ceifarão, só tudo cultivarão. Os animais multiplicar-se-ão como plantas, e as plantas — como animais. Daqui a 21 anos, ninguém viajará pela terra. Os comboios voarão em fios do sol, o petróleo será proibido, a terra só dará à luz e descansará. Daqui a 40 anos, não haverá as doenças atuais, mas aparecerão novas. Estarão ligadas ao cérebro, porque todos beberão do mar, e no mar não haverá ilhas. Depois, encontrarão água no cosmos, e será boa. As pessoas serão muitas. A Índia mais que a China. Mas as pessoas livrar-se-ão dos corpos. Pode viver-se sem corpo, só a personalidade, só a energia, como nos mortos. Mas isso será daqui a muito tempo».

Algumas predições de Vanga foram realmente registadas e protocoladas pelos parentes e próximos dela, outras aparecem na imprensa ou noutros canais informacionais de fontes bastante duvidosas, contudo invariavelmente produzem um efeito esmagador. Por isso, à maioria das profecias feitas alegadamente por Vanga pode relacionar-se com certa dose de ironia.

Surpreendente: Vanga não criou nem nova religião nem novo ensino, mas as suas simples verdades e profecias, obtidas graças à comunicação com certas forças do além, levaram a ciência a um beco sem saída e dissiparam muitos dogmas religiosos. Afinal, o mundo do além descrito por ela diferia fortemente das representações cristãs. Durante longos anos, através da mediação de Vanga, muitas pessoas podiam comunicar com os seus parentes ou pessoas próximas falecidas, amigos, grandes escritores ou artistas. E nenhum dos defuntos testemunhava sobre a geena de fogo, inferno ou paraíso. Vanga afirmava que a morte não existe, que do outro lado da existência terrena não há esquecimento, não há esse terrível abismo, lá existe outro mundo que é tão real como o nosso mundo material, terreno. Aparentemente, por isso a Igreja Búlgara só após longas disputas e

hesitações decidiu canonizar a profetisa, contudo a Igreja Ortodoxa até hoje considera Vanga cúmplice do diabo e condutora de forças demoníacas ao mundo das pessoas.

CAPÍTULO 6.

RECEITAS DE SAÚDE DE VANGA

A cura ocupava grande lugar na atividade de Vanga: podia instantaneamente fazer um diagnóstico, mesmo quando os médicos hesitavam em fazê-lo, ocupava-se de curandeirismo, usando ervas e outros meios populares. Vanga considerava que muitas doenças podem ser tratadas exatamente com ervas. Dizia que a Bulgária é um país abençoado, pois na sua terra crescem numerosas plantas medicinais oferecidas ao homem pela própria natureza. Contudo, ao mesmo tempo, Vanga nunca contradizia a medicina oficial, reconhecendo os seus êxitos em várias áreas. Em alguns casos, encaminhava os doentes que a visitavam para um determinado médico especialista. Às vezes, as recomendações dela eram apenas um complemento ao tratamento principal, medicamentoso.

Vanga acreditava que o uso excessivo de medicamentos é prejudicial para a saúde, pois «eles fecham a porta pela qual a natureza entra com a ajuda das ervas e restaura o equilíbrio perturbado no organismo humano doente». O tratamento com ervas é mais eficaz, na opinião de Vanga, quando se faz através de banhos com decocções ou infusões de ervas, porque a penetração pela pele exerce um grande impacto terapêutico no organismo.

O conhecimento de muitas ervas medicinais e das formas de preparar infusões curativas frequentemente espantava até os especialistas nessa área. No entanto, o dom de Vanga permitia-lhe recomendar infalivelmente este ou aquele remédio em cada caso específico. Uma médica russa que uma vez visitou Vanga contou depois que esta possuía verdadeiramente vastos conhecimentos no domínio da fitoterapia. Além disso, falava de curandeiros da antiguidade profunda, com os quais podia entrar em contacto, graças ao que estava perfeitamente informada sobre os seus métodos de tratamento. A médica russa ficou bastante surpreendida com isso: «Como é possível,

de onde conhece ela os nomes de curandeiros há muito mortos?» Mas, pelo visto, eram precisamente as incríveis capacidades de Vanga que lhe permitiam saber sobre o tratamento com ervas muito mais do que muitos dos seus contemporâneos.

A uma pessoa que, em resultado de uma infeção, tinha os gânglios linfáticos inflamados e à qual fizeram uma operação mal sucedida, Vanga disse que não precisava de um cirurgião, mas de um dentista, porque a infeção lhe tinha surgido devido a próteses dentárias defeituosas.

O académico Pantelei Zarev escreveu sobre Vanga: «A sua elevada moralidade manifesta-se especialmente na atividade curativa. Os médicos ficam espantados com os resultados dos seus tratamentos. A farmácia de Vanga é a natureza, as plantas e as flores, materiais criados de forma natural, como se estivessem especialmente impregnados de uma força curativa milagrosa para o ser humano. E o conhecimento científico recua perante este instinto médico. Mas o mais importante é que ela é uma curandeira de elevada moral. Vanga nunca permitia que alguém se vingasse, considerando que o homem foi criado apenas para boas ações, que a perfídia é indigna das pessoas. A crueldade, a desonestidade, a mentira, o engano, a baixeza e a inveja eram-lhe particularmente desagradáveis. A sua personalidade irradiava uma certa idealização moral-filosófica do homem e de tudo o que é humano. De uma simples vidente, ela cresceu para se tornar uma Mestre da vida».

A um doente de leucemia, Vanga recomendou beber infusão de raízes de malva.

Vanga sempre recebia com entusiasmo as descobertas no domínio da medicina. Assim, reconhecia como útil a acupuntura recentemente descoberta e amplamente aplicada. Quando a visitou um médico que praticava acupuntura, Vanga disse-lhe: «O tratamento com agulhas está correto, mas, para alcançar o sucesso, é preciso trabalhar não com agulhas metálicas, mas de argila — tal como se fazia na antiguidade. É preciso aquecê-las no fogo, e não com eletricidade, porque no corpo humano há eletricidade, assim vós a reforçais, e isso perturba a ação correta das agulhas em determinados pontos do corpo». O médico tentou objetar que isso seria um passo atrás, mas Vanga respondeu: «Pois é, tudo regressa ao passado, olha à tua volta!»

Na sua prática, Vanga usava sempre uma abordagem individual e considerava que só assim se pode realmente ajudar uma pessoa a lidar com a doença. Apesar disso, é possível destacar algumas recomendações gerais que podem ajudar em casos específicos.

Vanga considerava que doenças como a diabetes e a psoríase as pessoas as contraem em resultado de um forte stress, de um susto ou de uma experiência muito desagradável. A úlcera gástrica forma-se quando a comida é mal mastigada durante as refeições ou quando os alimentos consumidos são demasiado quentes.

O aparecimento de asma numa pessoa explicava-o, na maioria dos casos, pelo impacto de líquido frio, por exemplo, se a pessoa bebe quando está suada. A perturbação do metabolismo, na opinião de Vanga, é resultado de uma alimentação incorreta. O aparecimento de mastite nas mulheres, a vidente explicava-o como consequência do uso de roupa e roupa interior apertadas.

Vanga dizia que os tumores, na maioria dos casos, surgem após contusões ou traumas, só que se manifestam muito mais tarde. As doenças renais são geralmente causadas por arrefecimento excessivo, e a infertilidade, por regra, é consequência do medo de engravidar, de uma vida sexual precoce, do uso de roupa interior muito apertada ou de arrefecimento. Aliás, a infertilidade masculina desenvolve-se por causas quase idênticas.

Um dos conterrâneos de Vanga contou, a este propósito, um caso interessante: «Uma vez, já tarde da noite, apareceu em nossa casa o meu amigo B. N., do village de Kalarova. Trouxeram-no os irmãos. B. N. enlouquecera de repente: pegava no machado para matar os seus familiares. Era muito forte e estava furioso, por isso os irmãos amarraram-no com uma corda. O meu amigo estava completamente irreconhecível... Vanga disse: "Comprem um jarro novo de barro, encham-no de água do rio, segurando-o contra a corrente, e com essa água do jarro deitem três vezes sobre o doente. Depois disso, atirem o jarro para trás das costas, que ele se parta, e não se virem!"

Eu queria propor aos conhecidos que adiassem o tratamento para a manhã, mas, vendo que a situação era desesperada, fui — não havia remédio! — acordar o oleiro que morava ali perto. Esse homem,

embora espantado com a minha visita noturna, deu-me o vaso necessário.

O rio em Petrich passa no centro da cidade, e a nossa casa fica numa margem alta. Saímos de casa, descemos até ao rio e fizemos tudo o que tinha sido ordenado. Graças a Deus, era tarde e ninguém nos viu, senão a nossa ação sagrada pareceria suspeita a qualquer um. Mas o mais importante era que o meu amigo, após o banho, recuperou a consciência, dormiu toda a noite e, na manhã seguinte, acordou como uma pessoa normal».

Uma vez, veio ter com Vanga um jovem, operador de escavadora de profissão. Durante o trabalho, feriu o joelho, que começou a inchar e a supurar, e os médicos disseram que era preciso amputar imediatamente. Vanga aconselhou o seguinte: «encontrar uma rã, de preferência no local onde a pessoa se feriu, tirar-lhe a pele e colar essa pele no local doente». O jovem seguiu exatamente a recomendação e, depois, dormiu quase dois dias a fio num sono profundo, embora antes disso sofresse frequentemente de insónias. Quando acordou e a ligadura caiu, no local da ferida apareceu um núcleo purulento branco (como o de um furúnculo) com quase 10 cm de comprimento. Ele removeu o núcleo e, uma semana depois, a ferida cicatrizou completamente, salvando assim a perna.

Mais tarde, esse homem leu numa revista que os cientistas tinham realmente descoberto na pele da rã substâncias únicas nas suas propriedades: mesmo que a rã seja mordida pela serpente mais venenosa, não morre do veneno graças precisamente a essas substâncias, que neutralizam a ação do veneno.

A uma criança que há 3 meses mantinha febre alta e os métodos tradicionais de tratamento não davam resultado, Vanga recomendou banhos em decocção de uvas azedas.

Um dos conterrâneos de Vanga procurou-a com uma dor aguda no ombro esquerdo, que o impedia de dormir à noite. O médico explicou-lhe que se tratava de uma chamada espora e prescreveu um tratamento longo e bastante doloroso. Vanga aconselhou o seguinte: pegar em dois pacotes de tomilho, moê-lo em pó e diluir em 50 ml de vinagre de maçã. Depois, aplicar essa mistura num pedaço de lã e colocá-lo no local

doloroso todos os dias durante 3 dias. No final, o homem livrou-se felizmente da sua doença nesse prazo.

Outro homem de Petrich procurou Vanga com um problema semelhante, mas ela prescreveu-lhe um tratamento um pouco diferente: molhar um pedaço de lã em gasolina, aplicá-lo no local doloroso, cobrir com um prato de cobre o mais quente possível, até ser difícil suportar. O tratamento devia continuar também durante 3 dias. O homem seguiu os conselhos de Vanga e as dores cessaram.

Uma mulher de Petrich tinha na mão uma verruga que lhe causava grandes incómodos. Um dia, arrancou-a, mas depois disso as verrugas espalharam-se por todo o corpo. Vanga disse-lhe que precisava de encontrar a planta esporinha, moê-la em pó e, depois, polvilhar esse pó e esfregá-lo no local onde tinha sido arrancada a primeira verruga. No final, a mulher livrou-se em breve da sua doença.

A uma criança doente de epilepsia, Vanga ordenou que a banhassem periodicamente em decocção de feno ceifado na floresta.

Um homem da cidade búlgara de Ruse procurou Vanga por causa de uma criança que sofria de asma. A família, por esse motivo, até se viu obrigada a mudar-se para Sandanski. Vanga aconselhou recolher 40 folhas de tussilagem, secá-las e depois trazê-las consigo junto com 0,5 l de rakia. Quando isso foi feito, Vanga primeiro segurou as folhas nas mãos e depois ordenou ao pai que as molhasse na rakia e as aplicasse no peito da criança. Os procedimentos foram realizados exatamente e os ataques de asma na criança cessaram.

Um homem procurou Vanga por causa de hemorroidas que o atormentavam há longos anos e não cediam a nenhum tratamento. Vanga aconselhou-o a encontrar folhas de visco branco que crescem no pinheiro (o visco é uma planta parasita cujas sementes se fixam na casca de várias árvores e só assim podem viver, pois, caindo no solo, morrem). Depois, o homem devia raspar lascas finas dos raminhos de visco, infundi-las numa chávena de água e, de manhã, beber a infusão preparada. Assim, o homem livrou-se da sua doença.

Um homem de Sandanski procurou Vanga por causa de diabetes, que ainda estava no estágio inicial. Vanga aconselhou trazer-lhe vagens de feijão maduro. Depois, quando o homem o fez, ela segurou-as um

pouco nas mãos e devolveu-as, dizendo que era preciso cozê-las e beber a decocção em jejum todas as manhãs, uma chávena.

A uma pessoa cuja pele estava toda coberta de erupção, Vanga aconselhou banhar-se em decocção de casca de carvalho.

A irmã de Vanga, Lyubka, reuniu bastantes recomendações curativas da irmã, que ajudaram a curar várias doenças. Por exemplo, aconselhava no verão andar descalço, para que a ligação com a terra não se interrompesse. As crianças também devem ser deixadas no verão na rua descalças e nuas, não importa que arranhem ou magoem-se. Só assim desenvolverão uma boa imunidade, que sustentará a saúde no inverno. A comida para as crianças deve ser de preferência líquida e nunca se deve castigá-las com comida seca. Todas as noites, as crianças devem lavar a cara e obrigatoriamente os pés.

Lyubka recordava como Vanga frequentemente lhe dava lições de botânica: «Levo-a pelos prados em Rupite e escuto, enquanto ela, como uma professora, explica pacientemente. Não sei o que e como Vanga vê, mas às vezes até aponta com o dedo para onde olhar. "Sabes que erva é esta?" — "Sei", digo eu. E ela continua: "Os frutos desta planta são um ótimo alimento para crianças anémicas. E se alguém trouxer para casa esta planta grande com folhas triplas, terá pesadelos toda a noite, especialmente no período de floração. É o que toda a gente diz!

Tem flores como campainhas e foi trazida de um país onde há constantes revoltas e agitação. Agora sinto o cheiro de aipo selvagem — é um bom remédio para o reumatismo. A salada dele deve estar na mesa de todas as casas. A menta é para perturbações do estômago. E a erva que cresce na margem do canal é um remédio maravilhoso para crianças que fazem xixi na cama à noite. E esta ervinha que pisámos é remédio para feridas que cicatrizam mal... As plantas falam comigo, mas são muitas e eu consigo lembrar-me de poucas"».

A uma pessoa doente de eczema, Vanga recomendou recolher flores silvestres, secá-las, cozê-las e banhar-se na decocção.

Um jovem médico procurou Vanga porque teimosamente lhe aparecia uma erupção. Ela aconselhou-o a beber durante 20 dias decocção de grãos de ervilhaca. A um jovem doente de leucemia, Vanga ordenou beber decocção de grãos de trigo, aveia, centeio, milho e

milho-miúdo. Mais tarde, o doente voltou para agradecer a Vanga, dizendo que se sentia otimamente e até tinha engordado 5 kg.

Lyubka contava: «Quando éramos pequenas e tínhamos malária, Vanga tratava-nos assim: colocava ao sol um recipiente esmaltado limpo com um ovo de galinha fresco e 200 ml de vinagre de vinho puro. Na manhã seguinte, a casca do ovo dissolvia-se. Então Vanga batia bem a mistura e dava-nos para beber em jejum».

Vanga aconselhava a todos consumir mais alimentos brancos, beber frequentemente chá de ervas silvestres e reduzir o teor de gordura na comida. Às pessoas saudáveis, era desejável renunciar completamente à carne, fazendo-o gradualmente, reduzindo as porções de carne na dieta diária e depois abandonando-a por completo. Pelo menos uma vez por semana, é útil comer trigo cozido. Para serem fortes, Vanga aconselhava obrigatoriamente beber muita água e não fumar.

Aos pais de uma criança com amígdalas grandes e adenoides aumentadas, Vanga aconselhou fazer-lhe compressas no pescoço em forma de gola, feitas de massa misturada com caules finamente picados da planta heléboro. Essa compressa não deve ser aplicada mais de 1-2 vezes e apenas durante 30 minutos. Posteriormente, verificou-se que a criança ficou completamente curada.

Também dizia que é útil, antes das refeições, beber no máximo 20-30 ml de rakia, pois desinfeta bem o organismo. Em geral, é muito útil mexer-se muito e trabalhar. É melhor deitar-se cedo — às 22 horas — e também é útil levantar-se cedo — às 5-6 da manhã. «É o melhor horário para o descanso — explicava Vanga —, para não ser nervoso e inquieto». É muito importante manter a limpeza em casa e a higiene pessoal. Durante o banho, não se deve usar água demasiado quente e é melhor usar sabão caseiro.

Vanga frequentemente advertia todas as pessoas: «Não abusem de fertilizantes e químicos, porque a natureza já está a sufocar».

A vidente começou a tratar as pessoas com água «carregada» muito antes de esse método ser amplamente publicitado na televisão. Além disso, Vanga considerava que os minerais possuem a sua própria força curativa.

A uma mulher que sofria de comichão insuportável na pele, Vanga aconselhou tomar banho em decocção de 1 kg de cevada.

Uma vez, trouxeram a Vanga numa maca uma rapariga. Ela tinha feito um exame médico normal antes de se empregar e um dos médicos exigiu uma vacinação adicional. Em resultado de uma injeção mal sucedida (a agulha da seringa tocou num nervo), a rapariga primeiro ficou cega e depois as pernas paralisaram. Vanga disse aos acompanhantes: «Daqui a 2 anos voltará a ver. Daqui a 5 anos poderá andar».

Passados 2 anos, uma das testemunhas desse caso visitou a rapariga e verificou-se que a visão lhe tinha realmente voltado. Mas andar, infelizmente, teve de aprender de novo, apoiando-se em corrimões que, para esse fim, os pais instalaram ao longo das paredes em todo o apartamento.

Frequentemente, Vanga primeiro dizia à pessoa o que lhe estava reservado na vida futura e depois esclarecia quem a ajudaria a lidar com o problema. Normalmente, quando a doença não era perigosa ou grave, encaminhava a pessoa para um médico ou curandeiro concreto. Vanga só tratava nos casos mais complicados, quando os médicos e outros especialistas recusavam ou não podiam ajudar o doente.

A uma mulher que sofria de uma doença fúngica, da qual lhe caíam as unhas das mãos, Vanga recomendou fazer 2-3 banhos para as mãos com café forte cozido.

Milhares de exemplos mostram as capacidades únicas de Vanga como curandeira. O que se pode descrever nas páginas deste livro é apenas uma gota no imenso mar das suas ações. Vanga dava receitas concretas em casos concretos e recomendações gerais para manter a saúde. Assim, partilhou os seus segredos com Lyudmila Kim: «É muito simples. Não tenho receitas especiais nenhumas, e qualquer um de nós sabe o que não se deve fazer. Antes de mais, não comer em excesso. Os produtos, de qualquer forma, pioraram devido à grande quantidade de fertilizantes, e além disso todos os órgãos do corpo humano sofrem com a ingestão de comida em excesso. Se precisássemos de comer tanto, a natureza ter-nos-ia dado dois estômagos, e não um, não é verdade? Frequentemente digo aos responsáveis agrícolas: "É preciso

semear muita centeio, as pessoas devem comer pão de centeio para preservar a saúde e sobreviver". Nos nossos tempos, o centeio tem grande importância».

Vanga dizia: «Para a icterícia, há um remédio muito simples que a cura completamente em 3 dias. Assim que a doença for detetada, é preciso durante 3 dias, de manhã em jejum, beber o sumo de um limão no qual se dissolveu 1 colher de chá de bicarbonato de sódio».

A uma pessoa que se envenenou com peixe, Vanga aconselhou dissolver num copo de água 1 colher de sopa de mastika (vodca de anis) e bebê-lo imediatamente.

Lyudmila Kim contou que uma vez ela própria se envenenou com carpa recheada e depois sofreu toda a noite, e já de madrugada até desmaiou. Vanga ordenou-lhe então que bebesse imediatamente vodca de anis, senão morreria. Lyudmila fez como Vanga disse e, passados 5 minutos, já sentiu alívio, recuperando-se completamente do mal-estar.

A popularidade de Vanga é tão grande, em grande parte, graças à sua atividade curativa, pois ajudou muitíssimas pessoas doentes, inclusive, por vezes, pessoas consideradas incuráveis. Os seus receitas de fitoterapia possuem realmente propriedades excecionais, razão pela qual, após a sua aplicação, o efeito positivo de melhoria da saúde surge muito rapidamente. Este facto é confirmado por muitos especialistas e médicos fitoterapeutas que estudaram os métodos de tratamento da vidente.

As ervas e os meios naturais que Vanga utilizava na sua prática cresciam geralmente no local onde vivia o próprio paciente. Vanga nunca propunha ao doente, para o tratamento, plantas exóticas. Dizia frequentemente que «cada pessoa deve tratar-se apenas com as ervas que crescem nos lugares onde vive, porque as pessoas e as ervas existem na natureza em harmonia e unidade».

Todos os seus receitas são bastante simples de executar, pois a matéria-prima está à nossa volta, cresce literalmente debaixo dos nossos pés. Além disso, Vanga nunca dava ênfase às proporções; qualquer receita era preparada a olho, de acordo com a intuição interior da pessoa que preparava a decocção curativa. Foi precisamente por isso que os pacientes de Vanga recolhiam eles próprios as ervas medicinais

destinadas ao seu tratamento e preparavam sozinhos as decocções ou infusões. Assim, os pacientes eram envolvidos no processo do seu próprio restabelecimento, claro, sob a supervisão de Vanga.

A uma mulher com edema nas pernas, Vanga propôs dissolver num balde de água fria um pacote de sal-gema. Depois, pegar numa toalha, molhá-la nessa solução e aplicá-la na zona lombar. Quando a toalha aquecesse, era preciso molhá-la novamente na solução e aplicá-la outra vez na lombar. O tratamento devia continuar até à recuperação completa.

A uma pessoa que trabalhava constantemente com substâncias nocivas, Vanga aconselhou, para prevenir intoxicação por vapores, tomar todas as noites banhos quentes para os pés.

A uma mulher que sofria de fadiga excessiva e se queixava de pés constantemente frios, Vanga recomendou fazer diariamente uma compressa de linho com cera, azeite e água, com a qual devia envolver os pés.

A outra mulher que, durante 6 anos, sofria de dores no peito, Vanga disse que tinha inflamação da pleura. Devia aplicar no local doloroso uma cataplasma feita de massa fermentada com levedura caseira, adicionando uma pequena quantidade de vinagre, óleo vegetal e vinho de mesa.

A uma mulher à qual foram detetados endurecimentos no corpo, a vidente prescreveu fazer cataplasmas com uma mistura de favos de cera, rakia e absinto triturado e aplicá-las nos locais doentes.

Quando procurou Vanga um doente com reumatismo neurálgico, ela aconselhou-o a tomar banhos de sol, depois de untar previamente as mãos e os pés com gordura e óleo de arma.

Uma vez, os pais trouxeram a Vanga uma criança de quatro anos que sofria de uma doença intestinal. Ela disse aos pais que a tinham alimentado incorretamente e que, para curar a doença, era necessário restringir fortemente o consumo de gordura na dieta.

Às pessoas em estado pré-infarto, Vanga aconselhava, durante 4 dias, beber de manhã em jejum uma decocção de frutos de espinheiro-alvar e depois fazer uma pausa.

Aos pais de uma criança com problemas nervosos, Vanga aconselhou banhá-la em decocção de feno de verão.

A uma pessoa que sofria de tosse, a vidente prescreveu, durante 1 semana, beber decocção de sementes de linho e evitar completamente líquidos frios.

A uma mulher que sofria de asma, Vanga recomendou beber decocção morna de flores de tussilagem até à recuperação completa.

A outra mulher que se atormentava com fortes dores de cabeça, a curandeira búlgara disse que as dores de cabeça estavam ligadas a experiências desagradáveis recentes e propôs-lhe tomar todas as noites, antes de dormir, 1 colher de sopa de xarope de açúcar.

A uma pessoa com palpitações cardíacas fortes provocadas por stress, Vanga recomendou tomar uma mistura de polpa de limão cortada e mel. Devia tomar-se 1 colher de sopa de manhã e à noite.

Ao utilizar os exemplos de receitas de Vanga apresentados no livro, deve-se ouvir também as recomendações do médico assistente, para não se prejudicar inadvertidamente, pois não era por acaso que Vanga dava métodos de tratamento completamente individuais a cada um dos seus pacientes.

Os pais trouxeram a Vanga uma menina de nove meses que tinha hemorragias. A vidente aconselhou-os a pegar num pouco de detritos que as formigas trazem na primavera do formigueiro, cozê-los em água a ferver e segurar a criança sobre os vapores. Mais tarde, o pai da criança voltou a Vanga e contou que o remédio dela tinha ajudado: as hemorragias na criança cessaram.

Aos pais de uma criança que não conseguia dormir calmamente e batia constantemente com a cabeça na parede, Vanga aconselhou banhá-la no orvalho da manhã: estender um pano limpo num prado depois de cair o orvalho matinal e depois recolher dele as ervas e outras plantas que aderiram. Era nesse pano impregnado de humidade que deviam enrolar a criança. Mais tarde, o pai dessa criança veio ter com Vanga e disse que a criança tinha ficado curada e se sentia bem. Em geral, deve notar-se que Vanga dava grande importância ao orvalho matinal. Considerava que, cedo de manhã, as plantas libertam muitas

substâncias curativas, razão pela qual o orvalho possui propriedades tão altamente medicinais.

Na sua atividade curativa, Vanga utilizava frequentemente a uva. Os especialistas confirmam plenamente as propriedades curativas desta planta. A uva é usada desde a antiguidade profunda para o tratamento de muitas doenças. Nos seus bagos contêm-se várias ácidos orgânicos (tartárico, oxálico, málico, cítrico, fórmico, succínico, salicílico, fosfórico, silícico e outros), muitos açúcares (glucose, frutose), substâncias taninas, microelementos que constituem aproximadamente 11 elementos da tabela de D. I. Mendeleev: sódio, potássio, cálcio, fósforo, magnésio, iodo, manganês, bromo, rubídio, boro, flúor. Na uva há muitas vitaminas: A, C, P, do grupo B, e também possui elevada caloricidade.

Na medicina moderna, o tratamento com uva é amplamente utilizado, por exemplo, para doenças do coração, dos brônquios, dos rins, do fígado, e também se aplica como meio fortificante na gota e na hipertensão, no esgotamento do sistema nervoso.

O sumo de uva ajuda muito a eliminar o ácido úrico do organismo e a dissolver pedras na bexiga, pois atua como água alcalina. Além disso, o sumo de uva, com consumo regular, ajuda a normalizar a pressão arterial.

Deve lembrar-se que, para fins terapêuticos, é necessário usar uva caseira e sumo feito em casa, sem adição de quaisquer componentes indesejáveis ou mesmo prejudiciais.

A um visitante que sofria de diabetes mellitus em fase inicial, Vanga prescreveu decocção de rebentos de amora-silvestre, que devia beber diariamente. Na sua opinião, a decocção de amora-silvestre retarda o desenvolvimento da doença.

Outro meio natural que Vanga utilizava na sua prática curativa era a argila. Sabe-se que a argila é radioativa, porque possui magnetismo solar. Na sua composição entram muitos minerais de que o nosso organismo tanto necessita. A argila distingue-se realmente pela capacidade milagrosa de eliminar várias doenças.

As receitas que incluem argila foram recomendadas por Vanga tanto para ingestão interna como para aplicação externa. A argila, ao

entrar no organismo humano, é capaz de renovar todas as células enfraquecidas. Dá ao organismo todos os microelementos e substâncias minerais necessários: cálcio, ferro, magnésio, potássio, sílica etc., na forma mais assimilável. Além disso, a argila possui propriedades absorventes: absorve todos as toxinas, venenos, gases putrefatos, ácido em excesso e elimina-os do organismo, purificando-o assim de forma eficaz e, consequentemente, melhorando a saúde.

Vanga aconselhava aplicar argila na anemia, em doenças linfáticas, na falta de substâncias minerais no organismo. A água de argila é geralmente muito útil beber como meio preventivo às crianças.

Com a ajuda de receitas «de argila», Vanga tratava gota, aterosclerose, diabetes, doenças da pele, do sangue, do fígado, da vesícula biliar, dos rins e muitas outras. Com a argila também se pode esterilizar qualquer bebida, bastando adicionar-lhe esta substância. Não era por acaso que os curandeiros dos séculos passados, em tempos de epidemias, utilizavam a argila como meio bactericida.

Vanga relacionava-se com particular respeito e confiança com as ervas, as flores e outros dons da natureza que ajudavam o homem a recuperar a saúde. No entanto, além do tratamento do corpo, Vanga dava grande atenção à saúde da alma, apelando a cada um para fazer o bem e não fazer o mal, para que este não nos alcance depois a nós próprios.

Representantes da Igreja Ortodoxa Russa consideram que, embora Vanga se designasse como crente ortodoxa, na realidade não o era. «Ela reconhecia a reencarnação, o que significa que era pagã», assim explicam a sua posição os clérigos. Contudo, Vanga era excecionalmente religiosa, segundo o testemunho dos seus familiares e pessoas próximas. Celebrava todos os feriados religiosos, cumpria os jejuns e, no fim da vida, com as suas poupanças, construiu uma igreja em honra de Santa Petka. Hoje, todas as semanas, na igreja construída por Vanga, realizam-se ofícios e, nos dias festivos, reúnem-se ali centenas de pessoas.

Ela própria, sendo inválida, ajudava todos os que sofriam e acreditava que o seu dom vinha de Deus. «Depois de uma grande tempestade, quando perdi a visão e chorava dia e noite, suplicando a

Deus que não me deixasse assim tão desprotegida, um fardo para a minha pobre família, Ele ouviu as minhas súplicas — contava a própria Vanga. — Este dom foi-me dado por Deus! Ele privou-me da visão humana, mas deu-me outros olhos com os quais posso contemplar todo o mundo visível e invisível. Aconteceu que eu, que fiquei inválida, necessitada de ajuda, comecei a ajudar todos os que sofriam e tornei-me para eles apoio e esperança».

Uma das profecias de Vanga diz: «Tudo o que os homens deixarem na terra será coberto pela erva do esquecimento. As ervas começaram o mundo, e com ervas o mundo terminará».

Curando as doenças de outras pessoas, ela recusou uma operação que lhe poderia ajudar, dizendo: «Tudo está nas mãos de Deus». Vanga não temia a morte, dizendo que esta não existe. Tinha uma conceção peculiar da morte e do que acontece ao homem depois de partir desta vida. Numa conversa com um ator, Vanga disse a este respeito: «Já te disse que, após a morte, o corpo se decompõe, como tudo o que é vivo, mas uma parte do corpo ou da alma, nem sei como chamar-lhe, não se decompõe. Vocês falam de segundo nascimento. O que é isso, não sei. Mas o que resta do homem — a alma — não se decompõe, continua a desenvolver-se para atingir um grau mais elevado. Isso é a imortalidade da alma».

Durante muito tempo, entre os leigos e os hierarcas da Igreja Ortodoxa Búlgara, decorreu um debate: pode considerar-se Vanga santa do ponto de vista dos cânones ortodoxos? Sabe-se que, segundo a tradição cristã consagrada pelos séculos, só pode ser canonizado como santo o justo cujos restos mortais, dois anos após a morte, permaneçam incorruptos. As relações de Vanga com os hierarcas da igreja eram bastante complexas, pelo que não se apressaram a tomar uma decisão. No entanto, os hierarcas da igreja da vizinha Macedónia expressaram imediatamente, após a morte da vidente, acordo em canonizá-la de imediato. Pois Vanga era a protetora não oficial não só dos búlgaros, mas de todos os habitantes da Macedónia.

Boyka Tsvetkova, pessoa próxima de Vanga, dizia que a profetisa daria ela própria um sinal quando fosse preciso tomar a decisão. A morte de Vanga foi tão pesada como a sua vida. No entanto, a morte foi para ela uma libertação do fardo dos anos, da doença corporal e, além

disso, estava muito cansada das pessoas, incapazes de ver verdades simples, afundadas nas suas ambições e desejos egoístas. Boyka Tsvetkova dizia que Vanga, mais de uma vez, quis retirar-se para um mosteiro, mas regressava invariavelmente a casa. Todas as vezes aconteciam situações que o impediam: ou no dia e hora marcados os portões do mosteiro estavam fechados a cadeado, ou a madre superiora estava ausente ou doente, ou outro obstáculo se interpunha no caminho.

«A minha cruz é incrivelmente pesada — dizia Vanga mais de uma vez. — Não invejem o meu dom...» Pois ela, melhor do que ninguém, conhecia o preço terrível desse dom.

Em torno da morte de Vanga ficaram muitas enigmas. A sobrinha da profetisa, Krasimira Stoyanova, afirmava que Vanga foi enterrada contra o costume cristão e que, além disso, como já foi referido, a sua sepultura foi cavada num local considerado «impuro» (antigamente ali era uma casa de banho pública). Stoyanova dizia: «A minha tia foi enterrada aqui contra a sua última vontade. E não cobriram a sepultura com terra, como é devido, mas taparam-na com blocos de ferro e betão...» Para a última confissão, não conseguiram chamar o sacerdote a tempo.

Após a morte de Vanga, como contou a sua irmã Lyubka, realizaram-se liturgias de quarenta dias pelos defuntos, mas uma vez a falecida profetisa apareceu à irmã em sonho e disse: «Lyubka, basta, basta de liturgias. Estou no fundo do inferno e isso não me ajuda, só me faz queimar mais». Seja isto verdade ou não, em vida a morte aparecia a Vanga como uma beldade com cabelos soltos... Talvez o descontentamento dos familiares não seja provocado por estas circunstâncias, mas pelo facto de terem ficado praticamente sem herança, que, como se verificou, Vanga legou ao Estado.

Também com vários obstáculos foi construída a igreja que Vanga sonhava dedicar a Santa Petka. Primeiro, as autoridades demoraram muito a dar-lhe permissão para a construção, mas Vanga não desistia, pois tinha feito um voto a Deus. Depois, quando a igreja foi construída, demoraram muito a consagrá-la e fizeram-no já após a morte da profetisa. Os hierarcas búlgaros alegavam que a igreja não tinha sido construída segundo os cânones. Mesmo atualmente, apesar de na igreja

se realizarem ofícios, ali se casarem e batizarem os conterrâneos de Vanga, não cessam os debates sobre a sua santidade. A propósito, o retrato da profetisa também se encontra na igreja: está pendurado na parede esquerda, mesmo em frente ao ícone de Jesus Cristo.

Vanga frequentemente perguntava em oração: «Senhor, porque escolheste precisamente a mim?!»

Todos os búlgaros, especialmente os seus conterrâneos, as pessoas simples e aquelas que pelo menos uma vez contactaram com o seu dom, consideram-na incondicionalmente santa. No entanto, a velhinha que serve na igreja de Vanga queixava-se: «Alguns dos sacerdotes ainda hoje têm medo de pronunciar o nome de Vanga. Afirmam que ela era bruxa. E ela viveu toda a vida como cristã piedosa. Deu-se toda às pessoas. Ao meu filho, quando era pequeno, salvou-o da morte. Disse exatamente que ele tinha uma doença cardíaca congénita. Os médicos não conseguiram diagnosticar, mas ela conseguiu...»

Quando, ainda em vida da profetisa, num jornal búlgaro a chamaram santa, ela indignou-se: «Eu não sou santa, sou mártir!» Não era por acaso que, quando a famosa ginasta búlgara Neshka Robeva, campeã olímpica e mundial, amiga próxima de Vanga, se queixou das suas dificuldades, esta respondeu: «Neshka, queres trocar de lugar comigo? Olha para o pátio — quantas pessoas estão ali com doenças e problemas. Eu durmo apenas 8 minutos por dia. À noite, quando todos dormem, eu flutuo sobre a terra. Se soubésseis o que eu vejo...» Foi então que Neshka Robeva compreendeu «o peso fatal do destino de Vanga».

«Ela carregava sobre si um tal fardo de dor humana, a sujidade das paixões alheias vomitadas na sua alma pura! — dizia ela. — Era impossível imaginar como Vanga encontrava forças para viver. Todos os dias recebia pessoas. Mesmo já moribunda no hospital, não a deixaram em paz...» Ela tomou realmente sobre si a dor dos nossos pecados e, provavelmente, por isso adoecia. Toda a sua vida, sem reserva, Vanga a dedicava às pessoas. Esforçava-se por fortalecer a sua fé em Deus, apelava para que fizessem o bem.

Vanga afirmava que não foi ela quem construiu o templo, mas o povo. «As pessoas acorriam a mim como um rio — dizia ela —, e

traziam moedinhas, como as abelhas trazem mel...» Ainda dizia que construía para as pessoas não uma igreja, mas o caminho para Deus. No entanto, as pessoas não a compreendiam, e isso matava-a. Nunca contava os rendimentos, mas todo o seu círculo só se ocupava disso, invejando o dinheiro e os presentes, sem perceber com que trabalho tudo isso era obtido.

No pátio de Vanga em Rupite crescia um álamo que a profetisa amava muito. Após a sua morte, do álamo restou apenas um tronco seco: a árvore morreu atrás da sua amada dona...

Os conterrâneos em Rupite murmuram que Vanga morreu precisamente por ter construído a igreja. Pois, segundo antigas crenças, considera-se que a pessoa cujos dinheiros servem para erguer um templo não deve passar sequer perto, nem a sua sombra deve cair no edifício. E no templo de Santa Petka estava pintado um retrato de Vanga, e os construtores consideraram isso um presságio fatal.

Os investigadores calcularam que, ao longo da sua longa vida, Vanga recebeu cerca de um milhão de pessoas. Teve de mergulhar um milhão de vezes na dor e no sofrimento alheio, desvendar destinos estranhos e mostrar pecados, e ao mesmo tempo esforçava-se por guiar as pessoas pelo caminho da retidão, por as curar, ajudar a lidar com a desgraça.

Ela via as pessoas de fio a pavio: cada ato, cada desejo, ações no passado, presente e futuro. A alma humana apresentava-se-lhe em toda a sua nudez. Disso, qualquer pessoa simples enlouqueceria. Como pôde Vanga suportar e viver tudo isso? De onde tirava as suas forças? «De Deus!» — respondem sem hesitar os seus familiares, próximos e conterrâneos. As suas forças eram realmente grandes, como o seu dom, e tudo começou com uma grande desgraça, quando Vanga perdeu a visão. «Porque o Senhor a quem ama castiga, e fustiga a todo o filho a quem recebe» (Evangelho. Epístola aos Hebreus. Capítulo 12:6).

Mas, infelizmente, nem todos assim pensam, e alguns servos da igreja chamam diretamente a Vanga «a bruxa de Rupite». O hieromonge Iov *(Gumerov, um conhecido religioso da Igreja Ortodoxa Russa, ordenado sacerdote na tradição ortodoxa oriental),* a propósito de todos os livros escritos sobre Vanga, disse o seguinte: «A literatura sobre Vanga é

bastante vasta. No entanto, o conhecimento das numerosas publicações surpreende pela uniformidade. Tudo se resume principalmente a eventos externos e impressões emocionais. Toda a avaliação pressupõe uma atitude atenta e rigorosa aos factos, na medida em que estão acessíveis. Infelizmente, mesmo os livros mais detalhados, escritos pela sobrinha de Vanga Krasimira Stoyanova, são propositadamente incompletos. "Alguns casos são tão fantásticos e saem dos limites do senso comum, que não me atrevi a incluí-los no livro" (K. Stoyanova. Vanga, a vidente e curandeira. M., 1998, p. 9). Mas mesmo apesar de tal censura, as memórias da sobrinha, que vivia com Vanga, revelam muito».

O hieromonge nota que o homem não pode «com as suas próprias forças conhecer o mundo do além». Na Sagrada Escritura está dito que o homem pode obter conhecimento sobre o mundo de duas fontes: de Deus e dos demónios, não há terceira. Vanga contava ela própria de quem recebia a informação: «Vêm muitos, e todos diferentes. Aqueles que vêm e estão sempre perto, eu entendo-os». A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, recordava que uma vez Vanga, durante uma conversa normal entre elas, falou com ela noutra voz e ela própria estava irreconhecível nesse momento: pelos seus lábios falava outra entidade e pronunciava palavras sem nenhuma relação com a conversa anterior.

A Krasimira pareceu então que uma certa entidade estranha interferiu na conversa: «A voz disse: "Aqui, nós vemos-te...", e depois contaram-me em pormenor tudo o que eu tinha feito ao longo do dia até aquele momento. Eu petrifiquei de horror. Estávamos as duas sozinhas na sala. Pouco depois, Vanga suspirou e disse: "Oh, largaram-me as forças" e, como se nada fosse, voltou à conversa anterior».

«Cantaram o ofício fúnebre a Vanga no templo por ela construído, ainda então não consagrado. Eu filmei isso. Vanga jazia no caixão, e o seu rosto parecia-me vivo e feliz. A sua alma já estava junto de Deus...» (hieromonge Iov).

Quando Krasimira perguntou a Vanga o que tinha acontecido, esta respondeu que não tinha dito nada. No entanto, Krasimira contou o que ouvira, e Vanga respondeu-lhe: «Oh, essas forças, as pequenas forças que estão sempre perto de mim. Mas há também as grandes, os seus

chefes. Quando decidem falar pela minha boca, fico mal, e depois passo o dia inteiro como quebrada. Queres vê-las? Estão prontas para te aparecerem». Mas Krasimira estava demasiado assustada e gritou que não queria. O hieromonge Iov explica que os sentimentos de opressão e desânimo experimentados por Vanga durante o contacto com certas forças indicam diretamente que essas forças eram espíritos caídos. Assim ensina a experiência espiritual secular do cristianismo.

Na opinião do hieromonge Iov, as almas dos parentes falecidos dos visitantes de Vanga que lhe apareciam eram também demónios, assumindo a aparência necessária. «A aparição de espíritos caídos sob a forma de pessoas falecidas é conhecida desde os antigos tempos bíblicos — diz o hieromonge. — A Palavra de Deus proíbe decididamente tal comunicação: "Não vos volteis para os que evocam os mortos!" »

Além disso, Vanga comunicava com extraterrestres, sobre o que ela própria falou várias vezes. No entanto, também neste caso o hieromonge Iov encontra explicação: «Quando o homem entra em comunicação com espíritos caídos, encontra-se num estado espiritualmente hipnótico. Não percebe sequer as perguntas mais simples do senso comum. Porque esses cosmonautas, que eram seres físicos, não podiam ser vistos pelos parentes de Vanga que viviam com ela? Onde deixaram a sua nave espacial, que também devia ser um objeto físico?»

Krasimira Stoyanova descrevia em pormenor de que modo Vanga comunicava com o mundo do além, e, na opinião do hieromonge Iov, isso é uma prova direta de que Vanga era uma médium. «Às vezes não conseguíamos entender — escrevia Krasimira —, por que razão a nossa tia empalidecia, por que razão de repente se sentia mal e dos seus lábios saía de repente uma voz que nos espantava pela sua força, timbre incomum, palavras e expressões que não existiam no dicionário habitual de Vanga». Depois, Krasimira descrevia outro caso: «E de repente falou comigo numa voz desconhecida, que me arrepiou a espinha. Disse literalmente o seguinte: "Eu sou a alma de Joana d'Arc. Vim de longe e dirijo-me a Angola. Ali agora corre abundantemente sangue, e eu devo ajudar a estabelecer a paz". Após uma curta pausa, com a mesma voz, Vanga continuou: "Não acusem esta alma de nada.

Não é vossa. Não é de ninguém. Disso é testemunha a progenitora (a nossa mãe — Lyubka), que a levou num alguidar, quando estava no leito de morte. Então, num instante, a sua alma voou, e entrou no corpo outra alma. A tua progenitora sarou, para continuar a sua vida terrena. Mas agora a sua alma já não vos é parente, a vós, filhos, e não vos pode reconhecer''». Outra vez, raciocinando numa conversa com o seu amigo próximo, Vanga disse: «Vivemos tempos difíceis. As pessoas não têm nada em comum entre si. As mães dão à luz crianças, mas não têm leite para as alimentar. Dizem que é por causa dos nervos. Mas não é assim. Simplesmente, as crianças não têm nada em comum com as mães, nada além de terem sido paridas por elas.

As crianças não recebem das mães nem leite nem calor. Ainda pequeninas, entregam-nas nos infantários, à noite deitam-nas separadas de si, as crianças raramente veem um sorriso no rosto materno. As mães estão descontentes por os maridos não as reverenciarem o suficiente. E os maridos consideram que se casaram por necessidade, porque é o costume. Os idosos estão descontentes por os jovens não os respeitarem. Ninguém é próximo de ninguém. As pessoas agora só se interessam por dinheiro. Pensam que, se tiverem dinheiro, tudo correrá bem. Não sabem que, num belo dia, esse dinheiro lhes será desnecessário...»

Após uma curta pausa, Vanga continua: «A tua progenitora deve visitar Notre-Dame de Paris, onde deve passar a noite em vigília orante. Assim, abrir-se-ão a ti os mistérios do mundo circundante». O hieromonge Iov afirma que os discursos fantásticos de Vanga testemunham claramente que ela reconhecia a possibilidade de transmigração das almas. Esta visão do mundo é estranha ao ensino cristão.

O hieromonge Iov sublinha que Vanga estava próxima dos ensinamentos teosóficos de E. Blavatsky e N. Roerich. Para os cristãos, a teosofia de E. Blavatsky (o seu nome budista — Radha-Bai) é estranha e hostil. Quando veio ter com Vanga o filho de Nikolai Roerich, Sviatoslav, ela disse-lhe: «O teu pai não era apenas um artista, mas também um profeta inspirado. Todas as suas pinturas são visões, profecias. Estão codificadas, mas um coração atento e sensível dirá ao espectador o código».

O realizador Ivanov, que outrora filmou um filme sobre Vanga, contava: «O que mais feria Vanga era a incredulidade das pessoas. Dizia que as pessoas rejeitam Deus, e isso é a maior desgraça. Vanga sofria literalmente quando ocorreu o cisma na Igreja Búlgara. E quando o metropolita local recusou consagrar o templo por ela construído, ela chorou. A igreja em Rupite era para ela como um filho — nascida dela e sofrida».

No mundo moderno, voltam a tornar-se populares os antigos cultos gnósticos, surgem as mais variadas «novas religiões», que põem em dúvida os valores cristãos. Afastando-se da religião cristã, tentam estabelecer uma nova base, fundada em religiões orientais reformadas. Também o hieromonge Iov sublinha que frequentemente os adeptos desses movimentos recorrem ao ocultismo e à feitiçaria. Hoje florescem o paganismo, a astrologia, sociedades teosóficas e espíritas, fundadas outrora por Elena Blavatsky. Todos eles reclamam possuir uma certa sabedoria antiga, oculta aos não iniciados. Pela família Roerich é propagado o ensino da «ética viva», também chamada agni-ioga.

É do conhecimento geral que o Sínodo dos Bispos excomungou N. Roerich, E. Blavatsky e outros da Igreja ainda em 2000. O hieromonge Iov traz como prova da perversidade de Vanga diversas sentenças da Bíblia: «O Senhor julgou-nos viver em tempos em que "muitos falsos profetas apareceram no mundo" (1 Jo. 4:1), que vêm até nós "com pele de cordeiro, mas por dentro são lobos vorazes" (Mt. 7:15). Assim, neste ponto, Vanga também é culpada.

Atribui-se em culpa à vidente búlgara o facto de fazer as suas previsões do destino por um pedaço de açúcar. Pois um pedaço de açúcar é o mesmo que um cristal mágico, e as adivinhações com ajuda de um cristal mágico são conhecidas desde tempos antigos e eram rigorosamente condenadas pelos clérigos como a mais maligna feitiçaria. Sabe-se que Cagliostro se ocupava de prever o futuro por um cristal mágico, utilizando para isso pedras preciosas dos seus clientes. Os próximos da profetisa testemunhavam que «o açúcar também é um dos segredos do dom de Vanga, pois ela pede a cada visitante que traga um pedaço de açúcar que esteve pelo menos alguns dias em sua casa. Quando o visitante entra, ela pega nesse pedaço, segura-o nas mãos, sente-o e começa a adivinhar». O hieromonge Iov afirma que Vanga não

escolheu o açúcar ao acaso para os seus experimentos, pois é o cristal mais acessível a cada homem. Mas vale a pena recordar o que a própria Vanga dizia a este respeito. O açúcar, nos anos de fome da guerra e do pós-guerra, era a única «moeda sólida», de que ela precisava para alimentar a família, e uma família bastante grande, pois estava a cargo dela não só os irmãos mais novos e a irmã, mas também os filhos adotivos e os filhos dos irmãos do marido.

Quando se filmava o filme sobre Vanga, ela falava à câmara com dor na voz: «As pessoas vinham ter comigo em busca de ajuda e conselho todos os dias durante quase sessenta anos. E todos me perguntavam só sobre o seu, o pessoal. Ninguém perguntou pela sorte da humanidade. As pessoas são mesquinhas, pois não precisam de saber isso... O homem deve ser puro na alma, como o ouro, e doce para as outras pessoas, como o açúcar».

Assim, com base em todos os factos apresentados, o hieromonge Iov conclui que Vanga comunicava definitivamente com espíritos caídos. Foram precisamente eles que lhe revelavam os segredos do futuro, os mistérios dos destinos e mostravam as doenças de que sofriam os seus visitantes. No entanto, as previsões de Vanga são quimeras falsas, pois o futuro, como ensinam os santos pais, é desconhecido dos demónios. O futuro está aberto apenas a Deus e «às Suas criaturas racionais a quem Deus se dignou revelar o futuro». Os demónios por vezes podem adivinhar eventos futuros, mas tais coincidências são extremamente raras. É próprio dos demónios enganarem-se, mentirem frequentemente, e as suas previsões estão cheias de lacunas e vagueza.

Assim eram também as previsões da vidente búlgara. São tão fantásticas que por vezes causam perplexidade, dúvida e extremo espanto. —

O hieromonge Iov sublinha que todas as profecias divinas dos santos sempre estavam cheias de esperança e tinham fins salvíficos. Os profetas apelavam às pessoas para se arrependerem dos seus pecados, e só através do arrependimento e da oração devia vir a salvação das desgraças futuras. Quando o profeta Jonas dizia aos seus compatriotas: «Ainda quarenta dias — e Nínive será destruída!» (Jón. 3:4), falava da parte de Deus e avisava-os da próxima perdição, se não se arrependessem. «Jonas andou três dias entre as pessoas e com as suas

palavras apelava ao arrependimento, e as pessoas envergonharam-se das suas ações. Então Deus, vendo o seu sincero arrependimento, afastou deles a desgraça prevista como castigo» (Jón. 3:10).

Em contrapartida com estes requisitos, as profecias de Vanga, na opinião do hieromonge, sempre tinham o caráter de uma fatalidade condenatória. Como prova, traz uma passagem das memórias de Krasimira Stoyanova:

Pergunta: «Se assim acontece que vês com o teu olhar interior dado do Alto uma próxima desgraça ou mesmo a morte da pessoa que veio ter contigo, podes empreender algo para que se possa evitar a desgraça?»

Resposta: «Não, nem eu nem ninguém mais já pode fazer nada»;

Pergunta: «E se as contrariedades, e mesmo catastróficas, ameaçam não só uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um Estado, é possível preparar algo atempadamente?»

Resposta: «É inútil»;

Pergunta: «A sorte do homem depende da sua força moral interior, das capacidades físicas? É possível influir na sorte?»

Resposta: «Não é possível. Cada um percorrerá o seu e só o seu caminho».

Pela profunda convicção do hieromonge Iov, Vanga ela própria não compreendia que comunicava com espíritos caídos, como também não o compreendiam os seus numerosos visitantes. Os espíritos caídos sempre iludem o homem, para o afastar da verdade, de Deus, mas a salvação dessa ilusão pode ser o secular experiência do cristianismo, que apela à vida graciosa e ao cumprimento diário dos mandamentos do santo Evangelho. Só isso, na opinião do hieromonge Iov, ajudará o homem a preservar a sobriedade espiritual e a proteger-se da ilusão perniciosa.

As visões de Vanga, como diz o hieromonge, tinham caráter ignorante, pernicioso e sensual, estavam «fora da ordem estabelecida por Deus!» Para percorrer o caminho terreno, tais profecias são de todo desnecessárias; o único lume fiel na vida do homem, como diz Iov, é

«Lume aos meus pés é a Tua Lei, e luz aos meus caminhos» (Salmo 118:105).

Todos esses testemunhos sobre Vanga, que indicam a sua profunda fé e piedade, diz o hieromonge, são antes provas da sua oposição ao ensino cristão. «O que dizia Vanga sobre Deus? — pergunta Iov. — Logo de entrada, esclareçamos que nem experiência séria de vida cristã nem conhecimentos do dogma eclesial Vanga tinha. Mas não negava a existência de Deus. Por exemplo, sobre Cristo escrevia: "...ele não tem corpo. É uma enorme bola de fogo, na qual não se pode olhar por causa do seu brilho. Nada se vê, só luz. E se alguém te disser que viu Deus, sabe que é mentira"». Sobre as forças que contactavam com ela, Vanga dizia:

«Observo-os há cerca de um ano. A sua roupa lembra armaduras, que brilham como escamas de peixe. Talvez entre eles haja também mulheres. Os seus cabelos são como algas e macios como penugem de pato; emolduram as cabeças em forma de auréola. Às vezes, atrás há algo como asas. Muito frequentemente, ao regressar à minha casa em Petrich, vejo-os sentados nas salas. Falo com eles. Às vezes, ainda antes de me aproximar do portão, ouço sons prolongados, algo como uma melodia, como se um coro cantasse salmos... Não dizem com que fins vêm aqui... Essas criaturas... não sei como chamar-lhes... Eles controlam-nos».

Vanga dizia que, para a felicidade da humanidade, era preciso começar a viver segundo os mandamentos de Deus.

Quando perguntaram a Vanga: «Tia Vanga, como imaginas a morte?», ela respondeu: «É um belo jovem, todo de ouro... A morte é criada pelo próprio homem, e é tal como ele a imagina».

«Quem aparecia a Vanga? — continua a perguntar o hieromonge Iov. — Forças angélicas? As visões, como se pode notar pelas suas palavras, estão realmente um pouco estilizadas como anjos, tal como são habitualmente representados nos frescos das igrejas: na descrição há vagas alusões a asas, a auréola. Só que é difícil imaginar anjos "sentados nas salas" e é completamente impossível considerá-los uma organização que não só controla a vida na Terra, mas que sublinha de forma assustadora o seu papel de severos vigilantes. Característico é o

caso que aconteceu com Krasimira aos 16 anos, quando Vanga de repente falou com ela numa voz estranha, dizendo: "Nós vemos-te...", e depois seguiu-se uma descrição pormenorizada de tudo o que Krasimira tinha feito nesse dia. Krasimira, o que é perfeitamente natural, sentiu horror com tudo o que estava a acontecer. Vanga explicou que, nesse caso, falavam através dela as forças menores, que estão constantemente ao seu lado e periodicamente a utilizam para contactar com as pessoas, mas há também forças maiores, após o contacto com as quais ela se sente muito mal.

O realizador Ivanov, que filmou um filme sobre Vanga, recordava mais tarde: «Cega, ela sentia de forma surpreendente a câmara e os limites do enquadramento. Eu queria encontrar uma imagem artística que correspondesse exatamente ao espírito de Vanga. E encontrei-a — uma menina com enormes olhos azuis. Assim 'surpreendentemente jovem' todos sentíamos Vanga. Era espantosamente jovem na alma. Com ela era fácil e luminoso, como com uma criança. A pureza infantil preservou-a até à morte».

Na avaliação correta do caráter da espiritualidade de Vanga, podem ajudar-nos substancialmente os testemunhos sobre a sua atitude face à atividade de uma figura tão significativa no mundo do ocultismo como Nikolai Roerich. Outrora, Vanga declarou a Sviatoslav Roerich que o pai dele era um «homem não terreno», um «profeta», e até apelou ao filho para continuar a obra do pai. Além disso, Vanga falava muito bem de Djuna Davitashvili, aprovava a atividade de sensitivos, comunicava pessoalmente com muitos deles e ocupava-se ativamente de cura. Quanto aos métodos de tratamento dela, nenhum manual de magia os desdenharia.

Aqui está um breve resumo de um dos numerosos casos na prática de Vanga e das recomendações por ela dadas. Um certo homem, tendo perdido a razão, pegou num machado e atirou-se aos familiares; quando os irmãos o amarraram e o trouxeram a Vanga, ela aconselhou proceder do seguinte modo: "Comprem um pote novo de barro, encham-no de água do rio, tirando-a contra a corrente, e com essa água deitem três vezes sobre o doente. Depois, atirem o pote para trás, para que se parta, e não se virem!" Não vemos uma palavra sobre arrependimento e vida eclesial, que poderiam curar a alma do doente! As curas realizadas

pelos santos ortodoxos tinham sempre como objetivo principal a cura espiritual; a cura da carne à custa da derrota do espírito é o apanágio dos curandeiros ocultistas de todas as espécies».

Tudo o que diz respeito a Vanga tem indiscutivelmente um caráter místico, raciocina o hieromonge. Mesmo a casa onde viveu os últimos anos foi construída no local de um antigo santuário pagão, e só a ela se sentia bem nesse lugar. Muitos visitantes, assim como os próximos e familiares de Vanga, testemunhavam que nesse lugar se sentiam mal, sentiam-se oprimidos, e Vanga dizia que nesse lugar tirava forças. «Não há dúvidas de que os próprios sensitivos consideravam Vanga uma feiticeira», — sublinha Iov. Os sensitivos diziam o seguinte sobre isso: «Como explicar a clarividência de Vanga, quando ela vê parentes falecidos e recebe deles informações? Melhor do que tudo, estes fenómenos explicam-se pela hipótese da existência de um banco informativo da Terra — uma espécie de banco informativo». Esta declaração, como afirma o hieromonge Iov, é a prova mais autêntica da adesão de Vanga ao ocultismo e da sua oposição direta à revelação divina.

O hieromonge Iov nota que, mesmo ao dar conselhos aos seus visitantes, Vanga se contradizia a si própria. Pois inicialmente afirmava que o destino do homem está predeterminado e ninguém pode mudar nada, que o homem deve aceitar as provações que lhe couberam e ninguém é livre de escolher outro destino. «Se a vida do homem está predeterminada, o que pode nela mudar o seguimento de conselhos? Se nada, então para quê dar conselhos? — pergunta Iov. — Se o homem não é livre nas suas ações, quem é culpado pelos seus maus atos? Evidentemente, não ele. Mas se há um Deus que dirige o homem e o priva completamente da liberdade de escolha moral, quem é culpado pelo mal cometido, senão Ele? Dificilmente a própria Vanga compreendia as consequências lógicas das suas próprias revelações».

O sacerdote búlgaro Dobromir Dimitrov, considerado um dos mais fervorosos combatentes contra as superstições, chama abertamente a Vanga pecadora: «A Escritura diz inequivocamente a respeito de todas as adivinhas e feiticeiras: "Não deixarás viver a adivinha", "Se um homem ou uma mulher evocam os mortos ou encantam, devem ser apedrejados", "Não vos volteis para os que evocam os mortos, e às

adivinhas não vades, e não vos deixeis contaminar por elas"». O padre Dobromir dizia que Vanga estava possuída por demónios e precisamente por isso se sentia muito infeliz e queria livrar-se do pesado fardo, considerando a morte uma libertação das tormentas. O verdadeiro crente está sempre coberto pela graça e vive com alegria no coração.

Também suscita dúvidas o facto de as previsões de Vanga serem sempre vagas. O hieromonge Iov conclui: «...se o destino do homem está predeterminado, e as forças que dotaram Vanga da capacidade de clarividência sabiam exatamente o que iria acontecer, o que impedia as previsões de serem claras?» Ele nota que Vanga era antes uma marioneta nas mãos dessas forças obscuras, pois elas falavam através dela apenas quando queriam, e frequentemente esse contacto piorava o bem-estar de Vanga. «Deus não utiliza o homem como marioneta — sublinha Iov. — Mesmo se o homem se afasta do cumprimento da vontade de Deus (Jón. 1:1-3; Jer. 20:7-9), Deus espera o seu consentimento, tentando de uma ou outra forma levar a vontade do homem a concordar com a Sua. As profecias de Deus através do Seu eleito não são resultado de violência de Deus sobre o homem».

Na Sagrada Escritura, sobre os profetas luminosos, está dito o seguinte:

— «Eu lhes suscitarei um Profeta do meio dos seus irmãos, como tu (dirigindo-se a Moisés. — Aut.), e porei as Minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar»;

— «E aquele que não ouvir as Minhas palavras, que esse Profeta falar em Meu nome, Eu o requererei dele»;

— «Mas o profeta que presumir de falar alguma palavra em Meu nome, que Eu não lhe tenha mandado falar, ou que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá»;

— «E se disseres no teu coração: "Como conheceremos a palavra que o Senhor não falou?", quando o profeta falar em nome do Senhor, e essa palavra não se cumprir nem acontecer, essa é palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou aquele profeta — não o temas» (Antigo Testamento. Deuteronómio. Capítulo 18).

Sabe-se que muitas previsões de Vanga não se cumpriram, tanto mais que se registavam apenas as que se realizavam, o que significa, segundo as palavras do hieromonge, que Vanga profetizava falsamente.

A comunicação de Vanga com os mortos, que ela não só não escondia, mas falava abertamente disso, considera-se um ato profundamente pecaminoso. Na Sagrada Escritura há exemplos de atos semelhantes, como nota o hieromonge Iov, por exemplo a história da feiticeira de Endor, que evocou o espírito do profeta Samuel a pedido do rei judaico Saul (1 Reis 28:14). Além disso, Vanga relacionava-se com respeito com os sensitivos, não com todos, é verdade, mas esse tipo de atividade também é estranho ao cristianismo. Nikolai Roerich, fervoroso combatente contra o cristianismo e fundador do ensino ocultista «ética viva», Vanga venerava-o como profeta.

O clérigo-biólogo búlgaro, docente da Universidade de Shumen, arquimandrita Pavel (Stefanov) comentava de forma bastante dura a atividade de Vanga: «O culto de Vanga é anticristão, quanto a reconhecê-la santa, nem pode haver fala disso...»

A própria Vanga também profetizava, e embora algumas das suas profecias se cumprissem, não há nenhuma certeza, como considera o hieromonge, de que a fonte da sua vidência fosse pura. Na Bíblia é contada a história de uma certa serva possuída por «...um espírito de adivinhação, que, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores» (Atos 16:16). Quando o apóstolo Paulo tentou expulsar esse espírito, dirigiu-se a ele com as palavras: «...em nome de Jesus Cristo te mando que saias dela». Após essas palavras, o espírito abandonou a pobre mulher (Atos 16:18). O facto de Vanga ser tão aderente a ensinamentos ocultistas testemunha que o seu dom fenomenal era alimentado por fontes obscuras e, se ela estivesse no lugar da serva descrita na Bíblia, o mesmo destino a atingiria.

O hieromonge Iov sublinha que mesmo as suas ações curativas tinham caráter mágico, pelo que a Vanga, na sua opinião, se aplicam perfeitamente as seguintes palavras da Sagrada Escritura: «...não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal

coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti» (Dt. 18:10-13).

O hieromonge Iov conclui que, apesar de dos numerosos testemunhos se ver como Vanga se esforçava por fazer o bem, compadecia-se das pessoas e não se poupava a si própria, não se pode esquecer que também satanás pode tomar a forma de anjo de luz (2 Cor. 11:14). A Igreja Ortodoxa, o hieromonge adverte todos os cristãos para estarem alerta e não perderem a vigilância: «Enquanto o coração não estiver purificado das paixões, não se deve confiar em nenhuns... sonhos ou visões. Esta advertência é eficaz. Não a percam de vista, pois baseia-se nos testemunhos dos santos pais e pode servir-vos, em caso de mal-entendidos, o meio mais fiável para extirpar na alma a vaidade, a vanglória e o orgulho».

O metropolita Natanael, que conhecia de perto Vanga e até consagrou o altar na igreja construída com os seus meios em Rupite, nunca publicamente disse nada de mau sobre a vidente. No entanto, quando a equipa de filmagem do realizador Ivanov lhe pediu que comentasse a sua atitude face a Vanga, ele apenas disse: «É preciso rezar pela sua alma...»

Para saber distinguir os anjos de Deus dos demónios, é necessário compreender «com a razão e o coração purificados o sentido da Sagrada Escritura», considera o hieromonge Iov. E para isso é preciso levar a vida de um asceta ortodoxo, passando ano após ano em arrependimento e oração. Infelizmente, sobre Vanga isso não se pode dizer. O seu dom, afirma Iov, «não era uma bênção de Deus, mas antes uma maldição, que ligava através de Vanga as pessoas que a procuravam por ajuda não a Deus, mas aos demónios». Ao obter a confiança do homem, os demónios têm acesso à sua alma e, se o homem embora seja uma vez na vida estender a mão ao diabo, não há nenhuma garantia de que «nela não fiquem marcas das suas garras», — adverte o clérigo.

A informação sobre Vanga, os filmes, livros e numerosos artigos sobre ela confundem muitos crentes ortodoxos. Assim, uma certa mulher chamada Ekaterina, dirigindo-se a um dos servos da igreja, perguntava: «Como deve um crente relacionar-se com profetas como Vanga ou Nostradamus? Vale a pena acreditar neles, pois às vezes,

como notei, as suas profecias, e até simples relatos sobre o mundo, não coincidem com o que está escrito na Bíblia. Por exemplo, Vanga diz que é possível comunicar com as almas dos falecidos, que os espíritos dos mortos "comportam-se como pessoas — sentam-se, andam, riem, choram...", que "os mortos continuam a viver, estão entre nós" etc. etc. Mas a Bíblia diz que após a morte nada há e o homem não sente, não pensa e nem pode glorificar Deus na sepultura. Como é isso? Eu compreendo que é preciso acreditar na Palavra de Deus, mas Vanga diz que ela vem de Deus, que as suas palavras são palavras de Deus.

Assim, ela relata uma visão que a atingiu ainda antes de receber o dom de vidente, quando um cavaleiro numa auréola de brilho divino lhe disse: "Tu preverás a vida e a morte... e transmitirás aos homens as minhas palavras..." E depois sempre fala de Deus: "Obedecei a Deus, e tudo correrá bem", "Deus existe...", "Sem fé não venhais ter comigo. Não eu, mas Ele vos ajuda". Como entender isso? Pois ao mesmo tempo fala da transmigração das almas, de que os apóstolos desceram à terra "porque chegou o tempo do Espírito Santo". Fala-se na Bíblia de profetas, não falsos, mas verdadeiros, profetas divinos dos últimos dias? Estou confusa, por isso espero a vossa ajuda para esclarecer esta questão».

As perguntas e dúvidas colocadas por uma mulher simples são perfeitamente justificadas. Muitos zelosos servos da Igreja esforçam-se por responder a estas questões com toda a rigor. Um dos aderentes do ensino cristão, Vasily Yunak, pronunciou-se sobre isso: «Mas por que critérios podemos determinar se é um profeta verdadeiro ou não?.. "E quando vos disserem: voltai-vos para os evocadores de mortos e para os feiticeiros, para os sussurradores e ventríloquos, — respondei então: não deve o povo voltar-se para o seu Deus? Perguntam aos mortos pelos vivos? Voltai-vos para a lei e para a revelação. Se eles não falam segundo esta palavra, não há neles luz (Is. 8:19-20)"».

Todas as declarações de Vanga, na opinião de Vasily, estão em contradição com estas linhas da Sagrada Escritura: «...nem Vanga nem Nostradamus eram profetas, muito menos mensageiros de Deus» — afirma Yunak. E continua: «Vanga e Nostradamus profetizam não porque tenham uma certa porção de luz da verdade, mas porque "neles não há luz" (Is. 8:20). E o que é a luz, de que tanto se fala na Bíblia: "Era

a Luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. Mas, a todos quantos O receberam, aos que creem no Seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo. 1:9-13)».

O Patriarca da Igreja Ortodoxa Búlgara, Maxim, expressou a sua atitude face a Vanga de forma algo distante: «O tempo julgará...»

Todas as declarações de Vanga sobre Deus e os apelos para viver segundo as suas leis geralmente tinham um caráter vago, considera Vasily Yunak. Os profetas bíblicos, porém, falavam sempre claramente o que era preciso fazer para não violar a aliança: «Voltai-vos para a lei e para a revelação — a Palavra de Deus. Ela está acima de tudo... Prostro-me diante do Teu santo templo e louvo o Teu nome pela Tua misericórdia e pela Tua verdade, pois magnificaste a Tua palavra acima de todo o Teu nome» (Sl. 137:2).

Ao longo dos longos anos da sua prática, Vanga fez muitas previsões diferentes, deu uma massa de informação a muitas pessoas que a visitaram. Reunir toda esta informação é bastante difícil, muitas das suas declarações são interpretadas de forma diferente por vários autores, pelo que é muito difícil entender onde está a verdade. No entanto, quanto mais Vasily Yunak se ocupava do estudo da atividade de Vanga, mais se convencia de que «ela estava possuída por demónios». Esforçando-se por avaliar as suas previsões, Yunak chegou à conclusão de que «a todos — pobres e ricos, honestos e mentirosos, bons e maus — ela em primeiro lugar esforçava-se por convencer da existência de Deus».

Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga, apesar da posição firme dos servos da igreja em relação à vidente, afirma: «Vanga foi escolhida pelo Céu. A minha tia era crente e virtuosa, uma mulher de elevada moral e modesta. Cumpria todos os cânones da fé ortodoxa, rezava muito, visitava com alegria igrejas e mosteiros. E sempre e em todo o lado apelava às pessoas para a fé em Deus! Quanto aos servos da igreja, em relação a Vanga aplicavam duplos padrões. Oficialmente não a reconheciam, mas muitos sacerdotes, até metropolitas, vinham ter com

a minha tia como visitantes e perguntavam sobre assuntos pessoais. E ela sempre lhes dizia a verdade, mesmo que desagradável. Repreendia-os porque as suas disputas levaram a Igreja Ortodoxa Búlgara ao cisma».

Na pequena casa de Vanga em Rupite, há ícones por todo o lado, e isso é talvez o único ornamento da sua modesta casa. Aqui está também o seu ícone favorito — a imagem de Santa Petka, que na Rússia chamam Paraskeva. O mesmo nome tinha a mãe de Vanga, cujas recordações eram tão caras para a vidente. Não é de admirar que a igreja que Vanga construiu com o seu dinheiro também seja consagrada em honra de Santa Petka.

Nesta igreja, em frente ao ícone do Salvador, está pendurado o retrato de Vanga, que está decorado quase como um ícone. Não foi por acaso que os instalaram frente a frente. Quando uma rapariga russa que estava na igreja disse: «Vanga contra Cristo!», imediatamente lhe responderam: «Não, ela está com Cristo!» Só assim se relacionam aqui com Vanga. O altar foi pintado pelo artista Svetlin Rusev, que era próximo de Vanga. Mas este altar foi considerado não canónico, pelo que os crentes colocaram ao lado ícones pintados de forma tradicional.

O templo foi consagrado a 14 de outubro de 1994, mas não todo, só o altar. No templo guardam-se agora as relíquias de São Haralampi. Os hierarcas da igreja só foram a este compromisso depois de todos os habitantes locais e as pessoas que amavam Vanga terem ameaçado demolir o templo se não o consagrassem.

Numa oração dirigida a Deus, Vanga perguntava: «Qual é o meu destino, Senhor, e a quem sirvo? Para edificação do mundo ou para fortalecimento da fé?»

«Este templo foi o sonho de toda a sua vida — contava Krasimira Stoyanova. — A 17 de setembro de 1991, Vanga começou a construir a igreja com os seus meios. Escolheu o lugar, lançou os alicerces. Mas as pessoas do fundo de Vanga, que então andavam à volta da minha tia, ordenaram que transferissem o templo para outro local. Construíram uma estranha edificação, que os habitantes locais chamaram "templo maçónico". Os conterrâneos não o destruíram só por respeito a Vanga — trouxeram para lá os seus ícones, para que pelo menos algo fosse

segundo os cânones. Eu avalio este templo como uma zombaria do sonho da tia Vanga. Ela queria construir para as pessoas uma igreja, mas verdadeira...»

As autoridades eclesiais consideram Vanga uma bruxa, o povo simples — uma santa; quem tem razão e como conciliar estes dois «campos» opostos? «Tais conversas decorriam à volta dela toda a vida — contava Krasimira Stoyanova numa das suas entrevistas. — E feriam a tia mais do que tudo... Viajava para Rupite num autocarro de linha e ouvi os passageiros contarem uns aos outros invenções sobre Vanga. Foi então que surgiu a ideia de eu própria perguntar à tia e escrever um livro. Vanga recusou-se no início, mas depois convenci-a. O primeiro editor foi a própria Vanga. Li-lhe em voz alta — aconteceu que em cada palavra recebi a bênção dela própria. O manuscrito do livro foi enviado ao Comité Central do partido comunista. Lá discutiram-no e decidiram não o publicar. Mas uma das datilógrafas imprimiu o manuscrito e deu-o a uma amiga. Esta fez uma fotocópia e distribuiu-a aos amigos. E o livro circulou por toda a Bulgária em samizdat! Só em 1990 foi publicado tipograficamente».

A própria Vanga sofria cruelmente com a falta de amor das pessoas e com a desconfiança, embora sempre se esforçasse invariavelmente por permanecer sem maldade. Dificilmente no mundo houve pelo menos um problema quotidiano que a contornasse: tantos eram os sofredores e os que buscavam nela salvação ou conselho. Um dos admiradores de Vanga disse: «Mesmo se ela não te indicar nada, basta simplesmente ir ter com ela por conselho, porque ela lê o livro da vida».

Vanga tinha coragem e forças suficientes para suportar milhares de milhares de infortúnios e desgraças humanas, perdas irrecuperáveis e tragédias futuras. E os problemas das pessoas alheias frequentemente aceitava-os, se fossem reais e não imaginários, como seus próprios. Para tal proeza horária era necessária uma bondade, paciência e forças sobre-humanas. A própria Vanga considerava-se uma mártir. Assim, talvez não valha a pena discutir o que fazer — amaldiçoar ou rezar por Vanga? Por todos os seus sofrimentos, mereceu pelo menos compaixão ou misericórdia, que tão generosamente dava a outras pessoas. E julgar o seu dom só Deus pode.

A amada por todos os franceses Joana d'Arc foi queimada na fogueira como bruxa, e passados cinco séculos foi canonizada, mas até hoje não cessam os debates em torno do seu destino. E ela ouvia vozes que guiavam todos os seus atos. Matava inimigos na batalha, matava pessoas, e portanto pecava... Mas o povo simples rezava por ela, seguia-a para o combate, acreditava que ela era a prometida por Deus Donzela de Orleães, que traria à França a salvação. Amava a sua França com todo o coração e desejava-lhe prosperidade e libertação dos ingleses, por isso o amor do povo foi tão forte que bastou para séculos inteiros.

Do livro de Deepak Chopra «Corpo Sem Idade, Mente Eterna»: «Largai o fardo de julgar — imediatamente vos sentireis muito mais leves. Julgar impõe decidir o que é certo e o que não é em relação a situações que já existem. Tudo se pode compreender e perdoar, mas, quando sois juiz, cortais a compreensão e retardais o processo de aprendizagem do amor. Ao condenar os outros, refletis assim a ausência da vossa própria valorização pessoal. Lembrai-vos de que cada pessoa perdoada por vós acrescenta amor a vós próprios... A vida é criação. Existem muitos níveis de criação, e portanto muitos níveis de criatividade. Ser amoroso, não julgador e valorizador pessoal — é um objetivo elevado... Neste aspeto, a criatividade ativa não é só uma forma de viver até uma idade muito avançada, é — o caminho para a liberdade».